



CINZAS

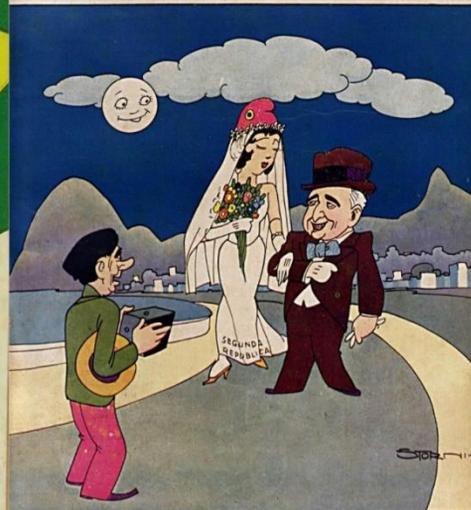
— Sim, senhor! Quanto disso. Vem cumprir o seu dever, quand' mème! Traz o seu voto, não é?
— Qual voto! Isso é um vale.



A MÃE BRASILEIRA — Vae, meu filho, e volta com o Brasil, unido e forte!



PREÇO DE CARETA NOS ESTADOS 600 REIS



AS BODAS CONSTITUCIONALES

Zé — Cuidado, Dr. Essa procura tem adogadora de muita gente. E' malidissima!
O sacro — Ca ostere não fereira como eu o instrudo de experientias

PREÇO: R\$ 500



Coleção
Documentos

102

ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930 SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS

CENTRO DE
LITERATURAS
E CULTURAS
LUSÓFONAS
E EUROPEIAS
CLEPUL
Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO
POLÍTICA BRASILEIRA NAS
DÉCADAS DE 1920 E 1930 SOB A
ÓPTICA DE DUAS REVISTAS
ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS
CARIOCAS





Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)
António Ventura (Universidade de Lisboa)
Beatriz Weigert (Universidade de Évora)
Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)
Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)
Francisco Topa (Universidade do Porto)
Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)
Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)
Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)
João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)
José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)
Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)
Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)
Maria Eunice Moreira (PUCRS)
Tania Regina de Luca (UNESP)
Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)
Virgínia Camilotti (UNIMEP)

Francisco das Neves Alves

ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA
BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS
ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS



- 102 -



UIDB/00077/2020



Lisboa / Rio Grande
2025

Ficha Técnica

Título: Estudos acerca da formação política brasileira nas décadas de 1920 e 1930 sob a óptica de duas revistas ilustrado-humorísticas cariocas

Autor: Francisco das Neves Alves

Coleção Documentos, 102

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: CARETA. Rio de Janeiro, 4 mar. 1922; O MALHO. Rio de Janeiro, 18 out. 1930; e CARETA, 28 jul. 1934

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Maio de 2025

ISBN – 978-65-89557-87-6

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

APRESENTAÇÃO

As décadas de 1920 e 1930 foram marcadas por profundas mudanças na formação histórico-política brasileira. Partindo da denominada Crise dos Anos Vinte, que traria consigo várias das fissuras que afetariam o modelo oligárquico, passando pela Revolução de 1930, que seria a rachadura definitiva em tal regime, colocando ponto final na chamada República Velha, até chegar aquele período que os novos detentores do poder intitularam como uma República Nova. Ainda que não tenha se tratado de transformações estruturais, como se pode esperar de um processo considerado como revolucionário, as alterações foram múltiplas, acontecendo a partir de então um momento de inflexão histórica do qual resultaria um país diferenciado, mormente no que tange ao contexto político daquele existente até então.

No desencadear de tal processo histórico, a imprensa periódica teria um papel significativo na difusão de informações/opiniões sobre os acontecimentos que se desencadeavam. Defensores do status quo, promotores das ideias de modificação ou buscando manter uma postura supostamente independente, os jornais dessa época eram ainda o meio de comunicação de maior abrangência, com o alcance direto/indireto que possuíam em meio à população, fenômeno que só viria a se modificar já nos anos 1930, com a difusão em maior escala da radiofonia. Assim, o impacto das práticas jornalísticas era relevante não só em meio ao público leitor, ou seja, o consumidor direto, mas também pelos comentários acerca daquilo que “saía na imprensa” junto da população em geral, ampliando-se incomensuravelmente tal força de ação.

Nessa época, o periodismo brasileiro passava por uma etapa de evolução quantitativa-qualitativa, com a circulação de variados gêneros jornalísticos. O Rio de Janeiro era o epicentro cultural nacional, difundindo-se a partir dessa capital os modelos que se espalhariam pelo restante do país. Em meio a essas tantas maneiras de fazer jornalismo, uma das que teve grande destaque e atingiu amplo segmento de leitores foi a publicação de revistas, que seguiam um estilo diferenciado em relação aos jornais diários, tanto no formato, quanto na organização editorial, e também no que tange à periodização e à qualidade gráfica. Em meio a tais magazines, as que atingiram popularidade mais significativa foram as ilustradas, que associavam o conteúdo textual ao imagético, fator que caiu no gosto dos consumidores¹.

¹ Sobre o papel das revistas nessa época, ver: CAMARGO, Susana (coord.). *A revista no Brasil*. São Paulo: Editora Abril, 2000.; COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.; ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.; LUCA, Tania Regina de. *Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.; LUCA, Tania Regina de. Tipologia de revistas no Brasil das primeiras décadas do século XX. In: MELO, Ana Amélia M. C. de. & OLIVEIRA, Irenísia Torres de. *Aproximações culturais e políticas*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.; MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2008.; MAUAD, Ana Maria. O olho da História: fotojornalismo e a invenção do Brasil contemporâneo. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco & FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (orgs.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A; Faperj, 2006.; SCALZO, Marília. *Jornalismo de revista*. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2016.; e SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

No seio das revistas ilustradas, as dedicadas a um embasamento humorístico tiveram um alcance público notável, com textos em geral mais curtos e diretos do que aqueles utilizados pela imprensa diária, mesclado com riqueza de imagens, notadamente por meio da fotorreportagem e da arte caricatural, voltada essencialmente à prática da crítica política, da social e a de costumes². No que tange à abordagem política, tal periodismo colaborou fortemente com o debate, servindo também para a desmistificação do poder e dos poderosos³ e revelando detalhes dos personagens que tiveram ou disputaram tal poder⁴. Dentre tais magazines publicados no Rio de Janeiro, tiveram relevante destaque *O Malho* (1903-1953) e a *Careta* (1908-1964), que, além da “revista semanal”, traziam retratos do cotidiano, abordando, em termos noticiosos e opinativos, temáticas variadas que iam do dia a dia no Rio de Janeiro e, secundariamente, em outras partes do país, passando pelo high-life, o futebol, o carnaval, as atividades sociais e chegando à inserção no campo cultural. O enfoque de natureza política foi uma das tônicas de ambos os semanários e este livro aborda a perspectiva de ambos a respeito dos processos

² A respeito do periodismo ilustrado-humorístico, ver: LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.; LUSTOSA, Isabel. Humor e política na Primeira República. In: *Revista USP*, set., out. e nov. 1989, p. 53-64.; e SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 290-334.

³ BURKE, Peter. *Testemunho ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora UNESP, 2017. p. 121.

⁴ LUSTOSA, Isabel. *Histórias de Presidentes: a República no Catete*. Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes; Fundação Casa Rui Barbosa, 1989. p. 13.

ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS

históricos marcados pela ruptura oligárquica de 1921-1922, pela Aliança Liberal e pela Revolução de 1930 e pela reconstitucionalização do país entre 1930 e 1934.

ÍNDICE

A campanha eleitoral à Presidência da República de 1921-1922 nas páginas da *Careta* / 15

As derradeiras edições de *O Malho* em 1930 e a continuidade da contraposição aos aliancistas/revolucionários / 57

A *Careta* e os caminhos para a reconstitucionalização brasileira (1930-1934) / 161

A CAMPANHA ELEITORAL À
PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA DE
1921-1922 NAS PÁGINAS DA
CARETA

O estereótipo criado em torno das sucessões presidências à época da República Velha, caracterizando-as como uma modorrenta alternância entre paulistas e mineiros, ainda que tenha constituído um processo recorrente, com os dois Estados tendo sido predominantes ao alcançarem a chefia do Executivo⁵, não foi necessariamente uma realidade absoluta. Nesse sentido, o modelo denominado de café-com-leite que “teve a sua estabilidade garantida pela instabilidade das alianças entre os Estados politicamente mais importantes da federação, impedindo-se, a um só tempo, que a hegemonia de uns fosse perpetuada”, assim como “a exclusão de outros fosse definitiva”. Essa “instabilidade pôde conter rupturas internas, sem que o modelo político fosse ameaçado, até o limite em que as principais bases de sustentação desse modelo deixaram de existir, ocasionando a sua capitulação”⁶.

De acordo com tal perspectiva, por vezes ocorreram dissidências em meio aos grupos oligárquicos, notadamente no que tange às oligarquias centrais e as periféricas, gerando processos eleitorais à Presidência da República com campanhas políticas mais acirradas a partir da existência do enfrentamento entre uma candidatura situacionista e uma oposicionista. Foi o caso da Campanha Civilista, da Reação Republicana e da Aliança Liberal, cada uma delas provocando certas fissuras no modelo vigente, até levá-lo a uma rachadura definitiva, com a desagregação definitiva da República Velha. Entre

⁵ PORTO, Walter Costa. *Eleições presidenciais no Brasil: Primeira República*. Brasília: Senado Federal, 2019. p. 42.

⁶ VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. *O teatro das oligarquias: uma revisão da “política do café com leite”*. 2.ed. Belo Horizonte : Fino Traço, 2019. p. 25.

as campanhas dissidentes, a Reação Republicana desencadeou-se entre 1921 e 1922. Tratava-se da sucessão a Epitácio Pessoa, na qual foi retomada a alternância Minas – São Paulo, com a escolha de Artur Bernardes para ser o candidato governista, ao passo que se formou uma oposição em torno da candidatura de Nilo Peçanha⁷. A disputa mobilizou a imprensa tanto noticiosa quanto opinativamente, havendo também o engajamento em torno de cada uma das candidaturas. Nesse contexto, a revista ilustrado-humorística carioca *Careta*, por meio da arte caricatural, trouxe repercussões sobre o pleito eleitoral do início dos anos 1920, mantendo sua abordagem tradicionalmente calcada na crítica política.

A respeito do processo político então vigente, o olhar crítico da *Careta* materializava a tradicional máquina eleitoral, mostrando um aparelho que “fabricava” o resultado das urnas, apontando para o “espírito inventivo” da política brasileira, a partir do qual foi elaborada a “máquina presidencial” instituída desde a idealização até a colonização republicana, sob o predomínio do Executivo e com a participação das duas casas legislativas⁸. A ansiedade em torno da disputa pelo poder presidencial foi demonstrada pela revista por meio da caricatura na qual o Presidente Epitácio Pessoa reclamava que sua cadeira presidencial já estava lhe sendo retirada mesmo antes do final de seu mandato⁹.

⁷ Sobre tal enfrentamento eleitoral, ver: ALVES, Francisco das Neves. *A campanha presidencial de 1921-1922 nas caricaturas de O Malho*. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2025 p. 9-15.

⁸ CARETA. Rio de Janeiro, 7 maio 1921.

⁹ CARETA. Rio de Janeiro, 28 maio 1921.

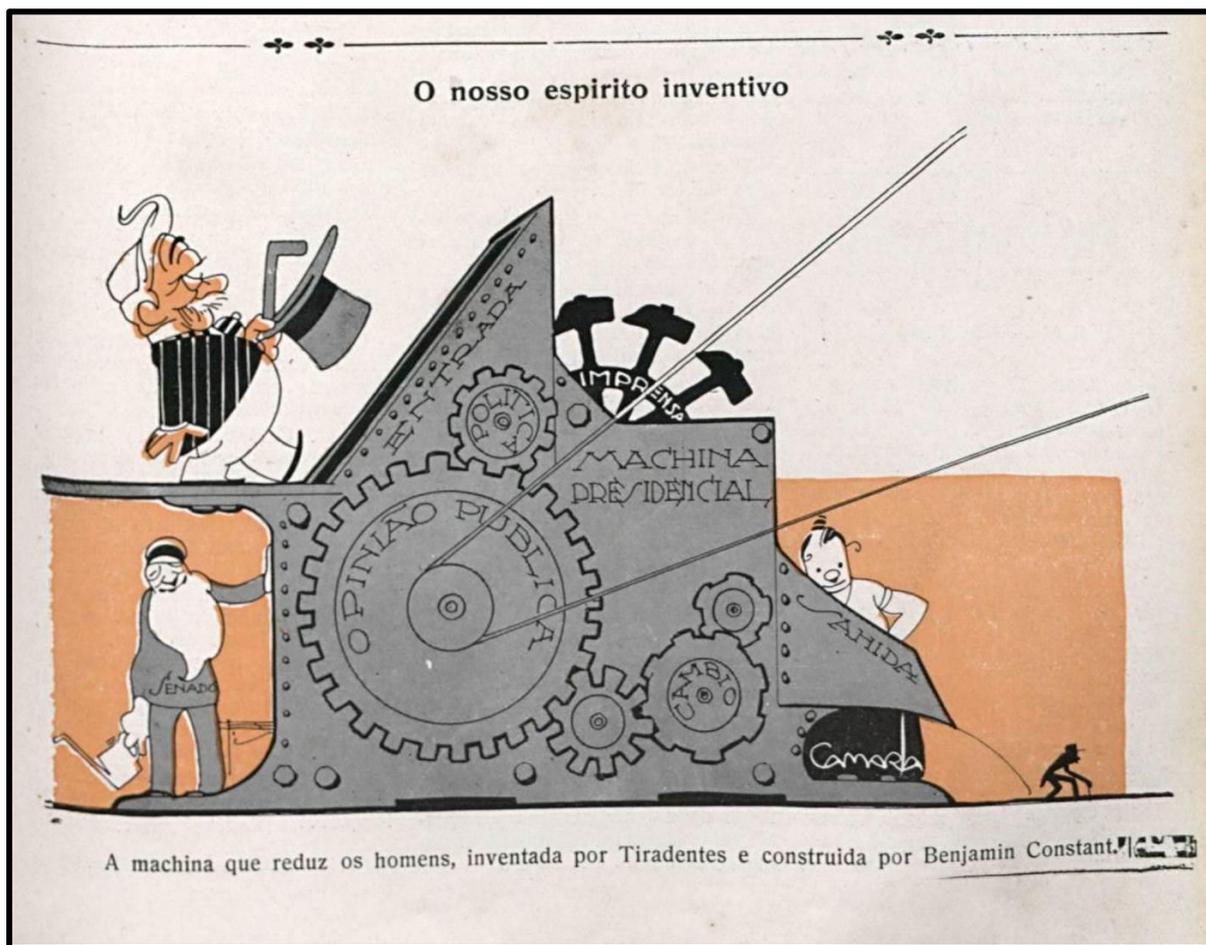
A respeito da corrupção eleitoral, o periódico mostrou ilustração em que a “política” e a “imprensa” eram representadas por duas lavadeiras, que discutiam entre si e lavavam a sujeita das “candidaturas políticas”, gerando a jocosa e irônica dúvida por parte do Jeca – representação do povo brasileiro – se elas estariam “lavando a roupa suja ou sujando a roupa limpa”¹⁰. A decisão quanto aos rumos das candidaturas presidenciais governistas nas mãos das oligarquias, realizada por meio da tradicional “convenção”, sem a participação popular na escolha efetiva do Presidente foi apresentada como uma reunião de fantasmas, que formavam um “conselho secreto”, enquanto o povo, novamente simbolizado pelo Jeca, ficava completamente de fora de tal processo. O mesmo tema voltava à baila em caricatura na qual surgiam três pretendentes à disputa eleitoral, sem face ou nome, aparecendo apenas as três primeiras letras do alfabeto para identificá-los, recebendo discursos de apoio e, embora todos estivessem sobre pedestais que os colocavam como “candidatos do povo”, no “frigir dos ovos” não seria a população em geral a responsável pela efetiva escolha¹¹. A ruptura para com a convenção governista, com o surgimento da Reação Republicana, foi identificada pelo magazine ilustrado, com a saída das representações das oligarquias dissidentes, saindo da sala convencional, sem que o semanário demarcasse a falta de uma “unidade de vistas”, com cada uma delas pensando em seus próprios interesses, revelando os limites da efetiva aproximação entre elas¹².

¹⁰ CARETA. Rio de Janeiro, 4 jun. 1921.

¹¹ CARETA. Rio de Janeiro, 18 jun. 1921.

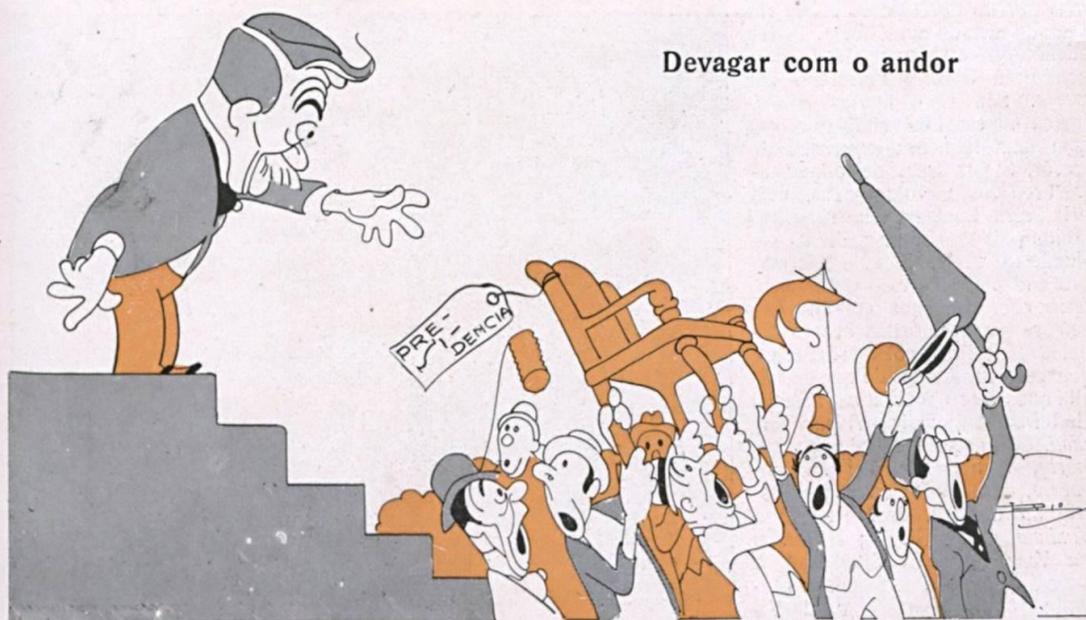
¹² CARETA. Rio de Janeiro, 25 jun. 1921.

ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS



Careta

Devagar com o andor



— Olá, amigos! Essa cadeira tem dono.

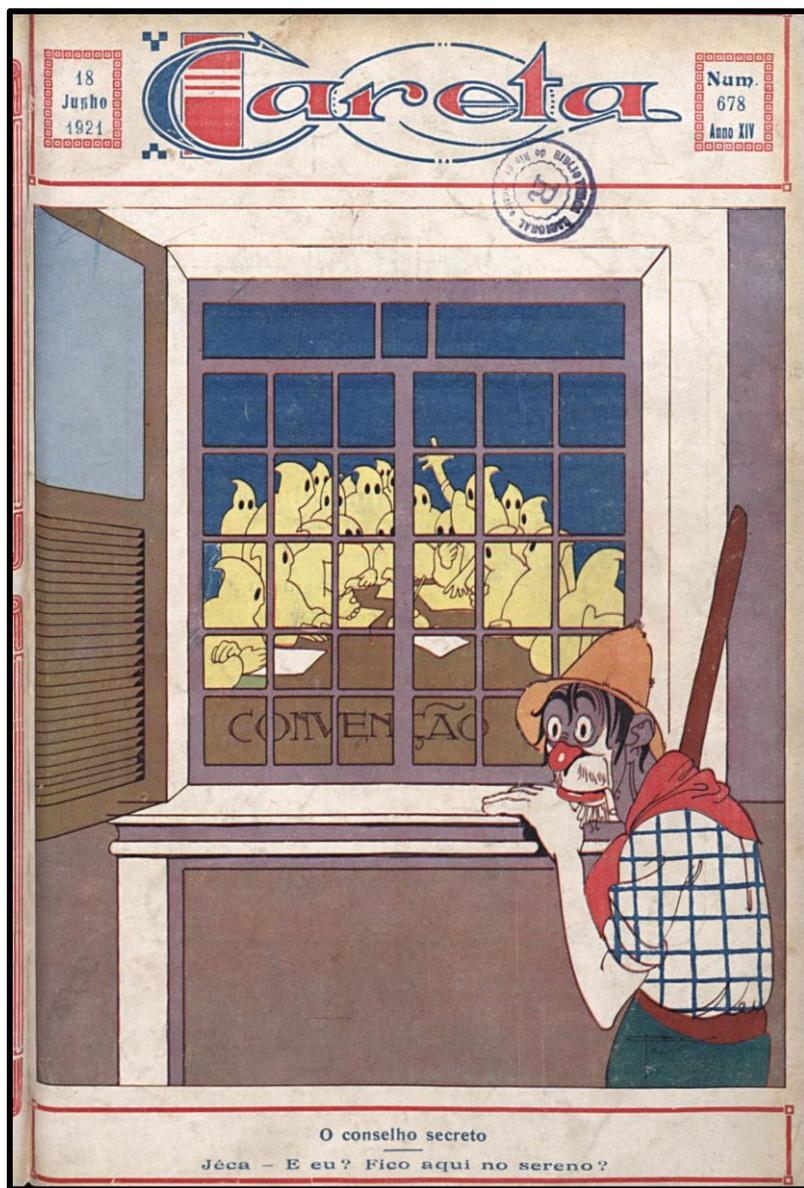
oo

oo

oo

ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS





ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS



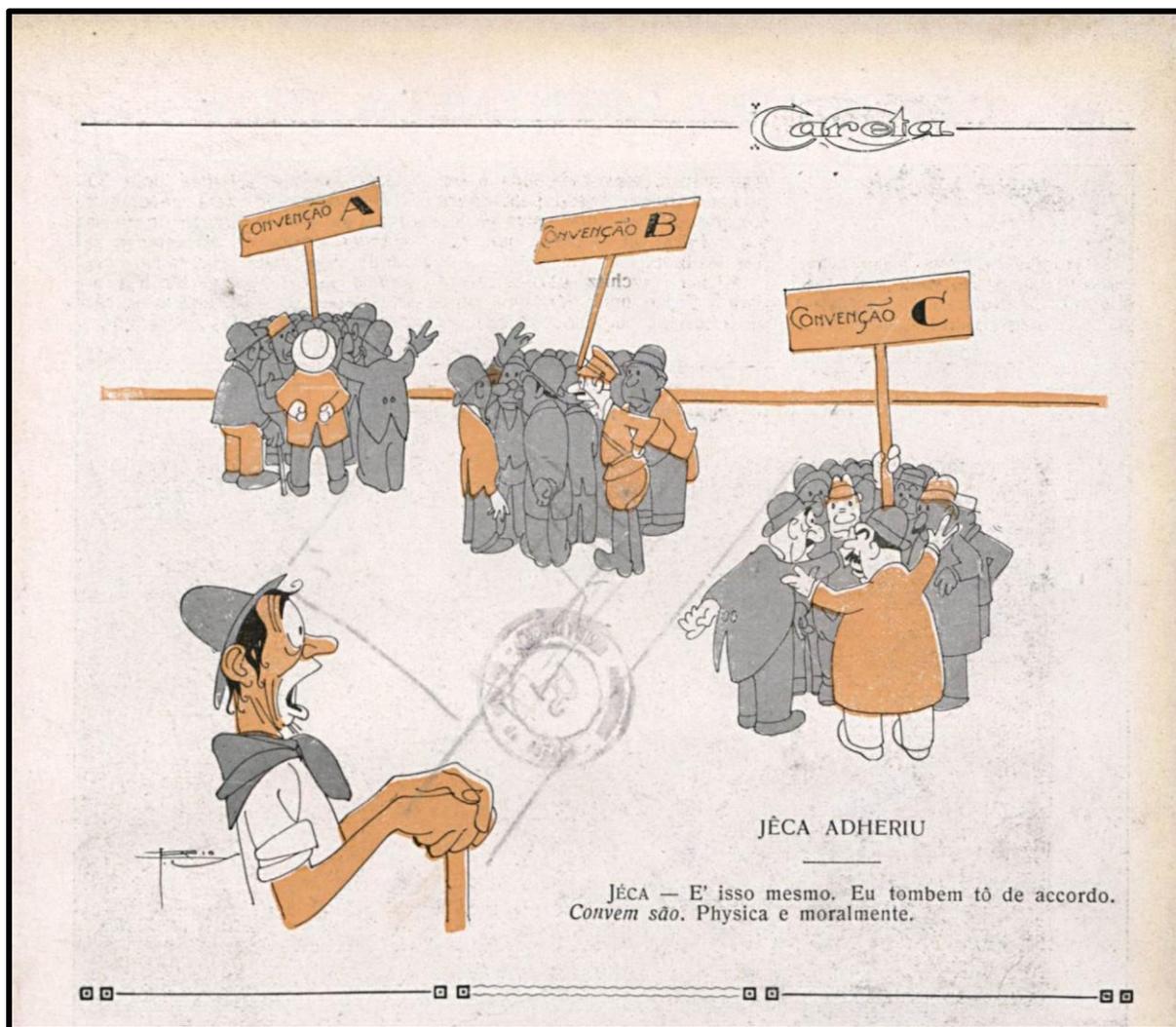


Mais uma vez apontando para a carência de participação do povo nas eleições, a revista fazia graça com a presença de três diferentes “convenções”, frente as quais um estupefato Jeca dizia estar aderindo ao processo, sem ter a mínima compreensão do que estava ocorrendo¹³. Os “candidatos do povo” eram também apresentados como resultado da ação dos políticos que cozinhavam três diferentes candidaturas em caldeirões, constituindo a expressão popular que se consagrou no Brasil, ou seja, as decisões sendo expressas a partir das “panelinhas”, como sinônimo de um grupo fechado, um conluio, uma intriga, uma laia e uma súcia, ao passo que mais uma vez o Jeca ficava aparteado das decisões, chegando a chistosamente dizer que iria experimentar “o regime dos soviets”. As representações dos Estados dissidentes eram apresentadas como pastores, cuja relevância era considerada pouco considerável, por serem em quantidade excessiva “para um rebanho tão pequeno”. A folha ilustrada também buscava demonstrar a falta de conteúdo das candidaturas, com o surgimento de vários programas políticos, desacreditados pela figura feminina que representava a “política”, em conversa com a dama republicana, alegoria da forma de governo, ao dizer que não passavam de papeis em branco¹⁴. Em outro desenho, as figuras alegóricas que simbolizavam a Reação Republicana se mostravam cabisbaixas, desesperançadas em seu candidato que estaria a mostrar-se ambíguo em suas propostas, ao mostrar uma máscara de si mesmo e proferir a frase esfíngica¹⁵.

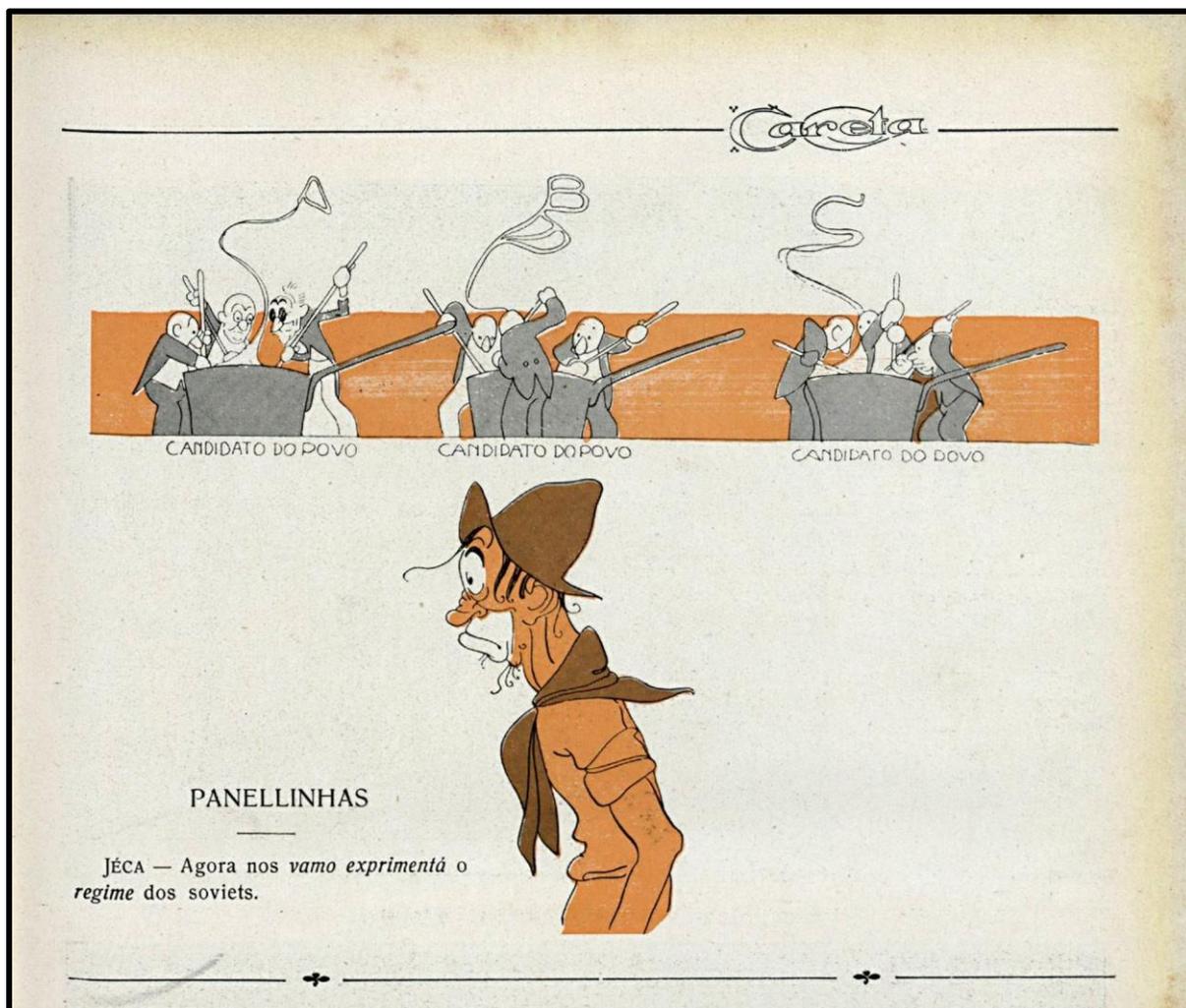
¹³ CARETA. Rio de Janeiro, 25 jun. 1921.

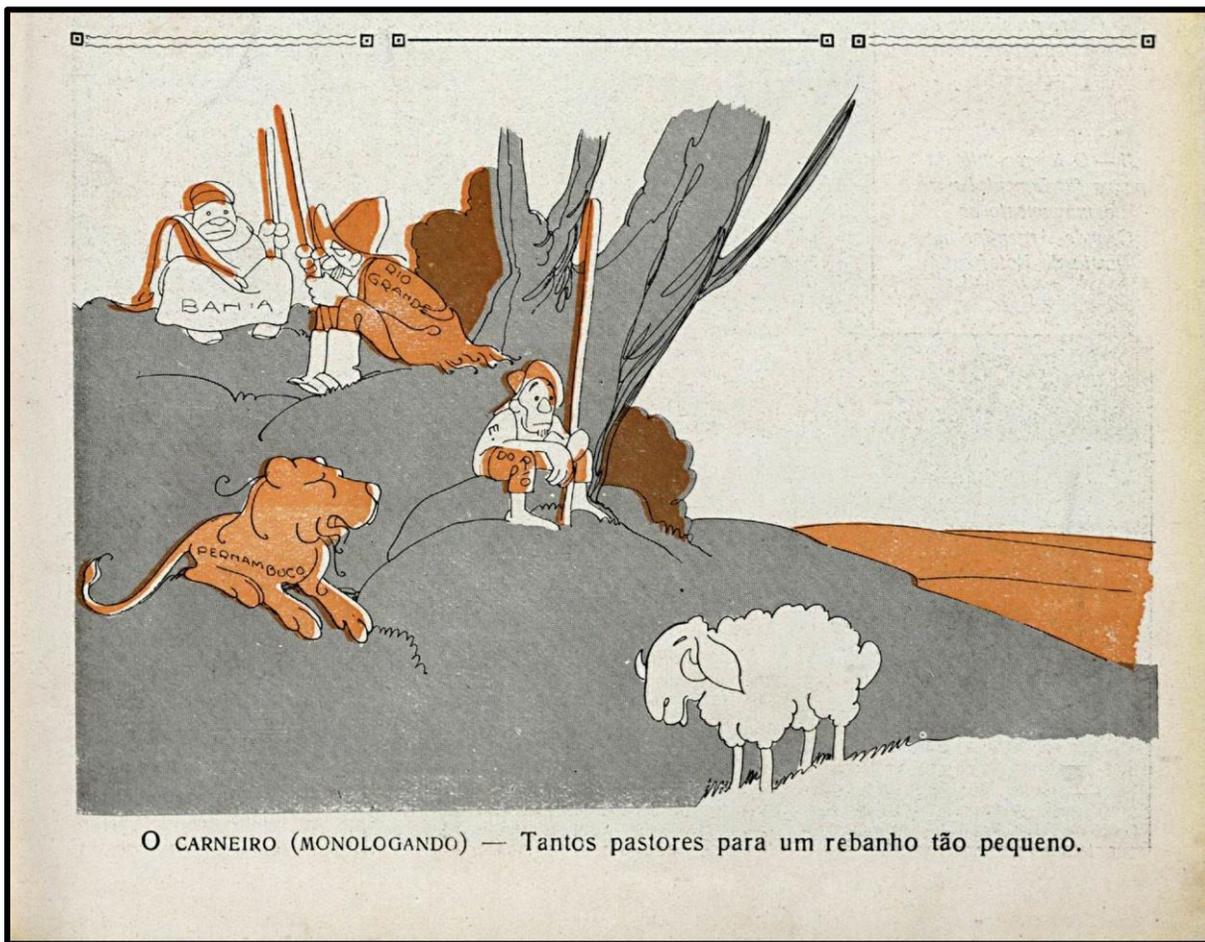
¹⁴ CARETA. Rio de Janeiro, 2 jul. 1921.

¹⁵ CARETA. Rio de Janeiro, 9 jul. 1921.



ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS







O candidato da Reação Republicana, Nilo Peçanha, foi descrito como um “mineiro fluminense que se apresentava em um espetáculo circense, fazendo o papel de acrobata, que se equilibrava sobre o senador Francisco de Antônio Sales, o qual desempenhava a função de palhaço, perguntando-lhe o “Jeca/espectador” se o interesse deste seria o de ocupar um cargo ministerial, caso vencesse a dissidência¹⁶. Uma suposta falta de apoio aos dissidentes foi mostrada como uma caminhada da mesma dupla – Peçanha e Sales – em pleno calor do deserto, sem que encontrassem qualquer fonte de água ou eleitores¹⁷. Sob o título que indicava ser necessário ir além das promessas, a *Careta* mostrava os candidatos oposicionistas clamando por uma reação verbal da figura que representava a dissidência, a qual se via incapacitada de falar diante de uma enorme rolha enfiada em sua boca e que designava o sucesso administrativo-financeiro do governante de Minas e postulante governista à Presidência¹⁸. A publicação carioca chegou a qualificar os dissidentes como um “saco de gatos”, ou seja, um grupo desorganizado ou confuso, com integrantes diferentes e com poucos elementos em comum entre si, ao passo que Nilo Peçanha proferia um discurso que seria vazio em conteúdo e supostamente democrático, aparecendo a apreciação do Jeca, apontando para os limites da participação popular em tais propostas¹⁹.

¹⁶ CARETA. Rio de Janeiro, 9 jul. 1921.

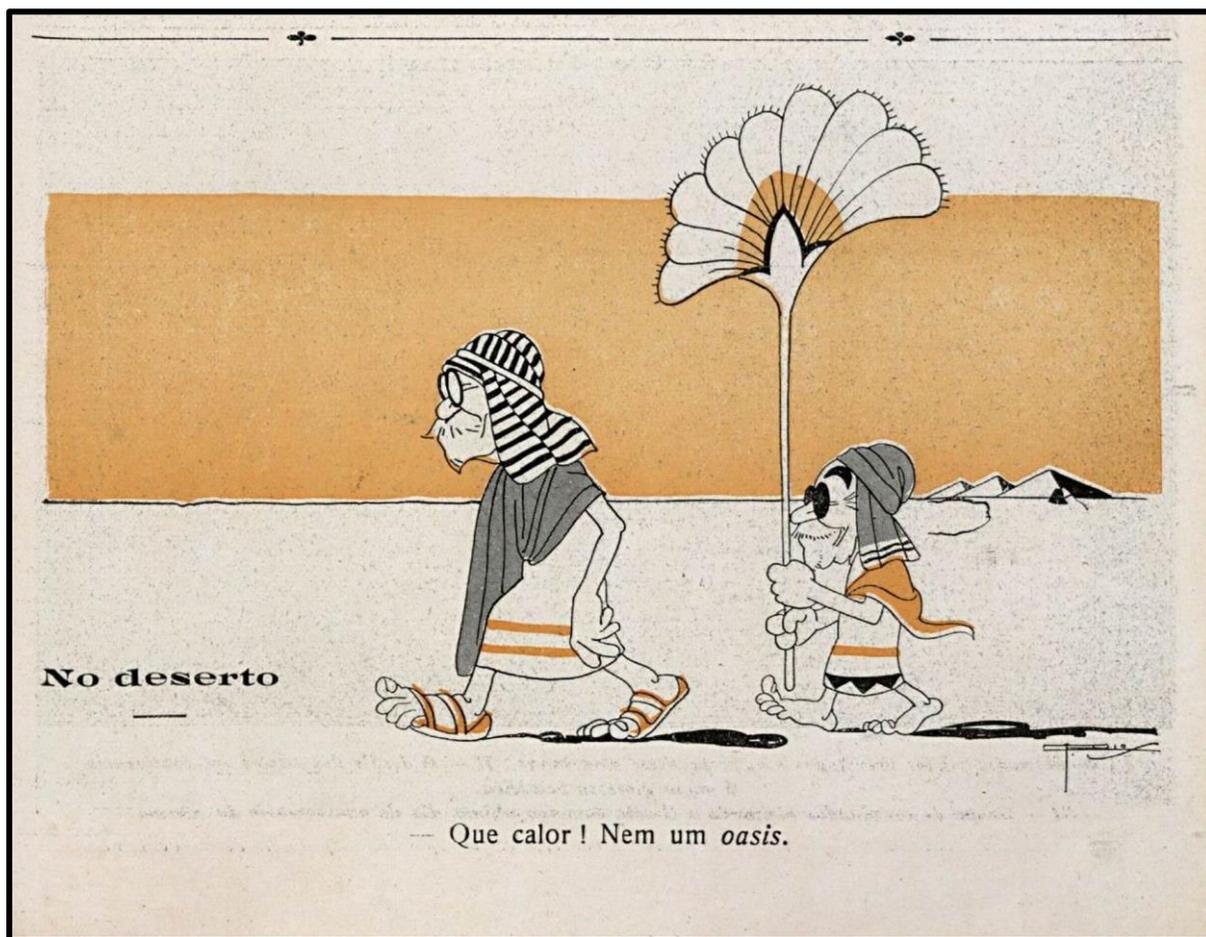
¹⁷ CARETA. Rio de Janeiro, 16 jul. 1921.

¹⁸ CARETA. Rio de Janeiro, 6 ago. 1921.

¹⁹ CARETA. Rio de Janeiro, 22 out. 1921.

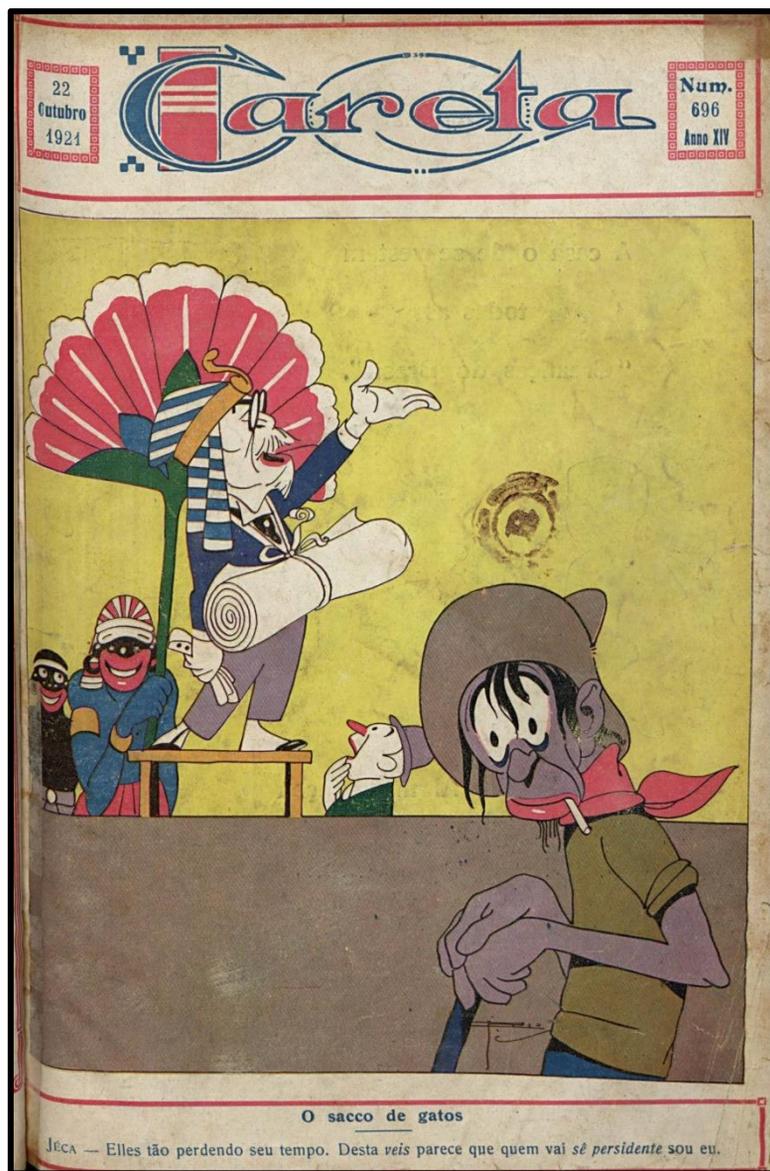


ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS





ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS



A aproximação de segmentos militares com a Reação Republicana era vista com maus olhos por parte da revista, ao considerar que aqueles estariam se aproximando de um “abismo”, bem como estariam se colocando ao alcance do “monstro da política”, pronto para devorá-los²⁰. O semanário mostrava também um eleitor bastante enfurecido ao perceber seu restrito papel nos pleitos eleitorais, de modo que partia para cima de uma urna com um porrete na mão, ainda que ela se colocasse como uma possível “confidente” para receber os seus “segredos”, termos utilizados ironicamente, tendo em vista o sistema de voto aberto então vigente²¹. A folha também apontava para o desinteresse de certos cidadãos nos rumos da política, como no caso de um que, ao invés de refletir sobre as eleições, preferia levar em frente seus interesses pessoais de viajar para o exterior²². A política como uma estratégia para dominar o povo foi observada pelo periódico em caricatura na qual o Jeca, como uma mula de carga, tinha de puxar a carroça que carregava a alegoria feminina da política²³, tema repetido em outra caricatura, na qual, mantendo o mesmo papel muar da ilustração anterior, ironicamente o “povo” seria elevado às “nuvens”, estando acima de tudo, sem se livrar das rédeas com as quais a “política” o controlava²⁴.

²⁰ CARETA. Rio de Janeiro, 22 out. 1921.

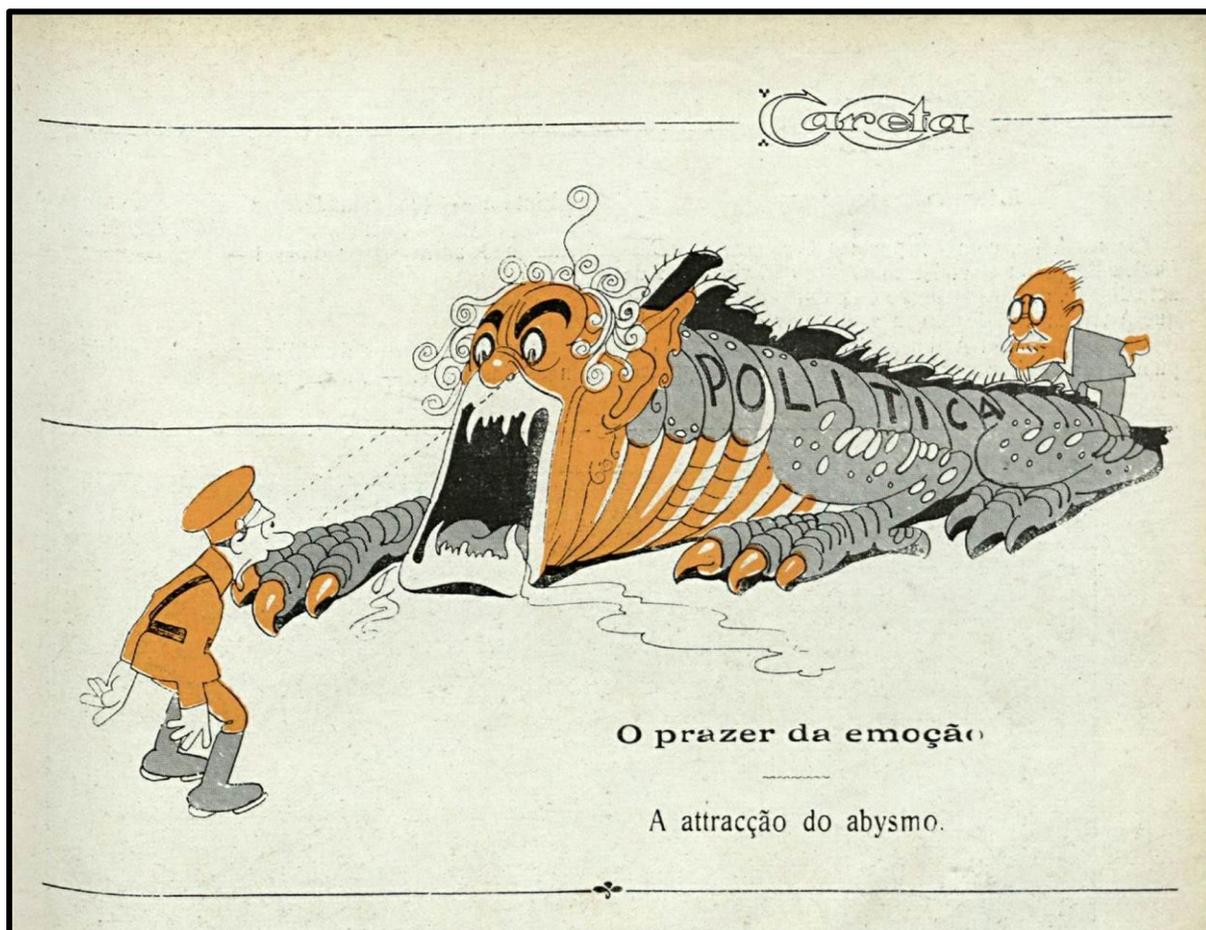
²¹ CARETA. Rio de Janeiro, 29 out. 1921.

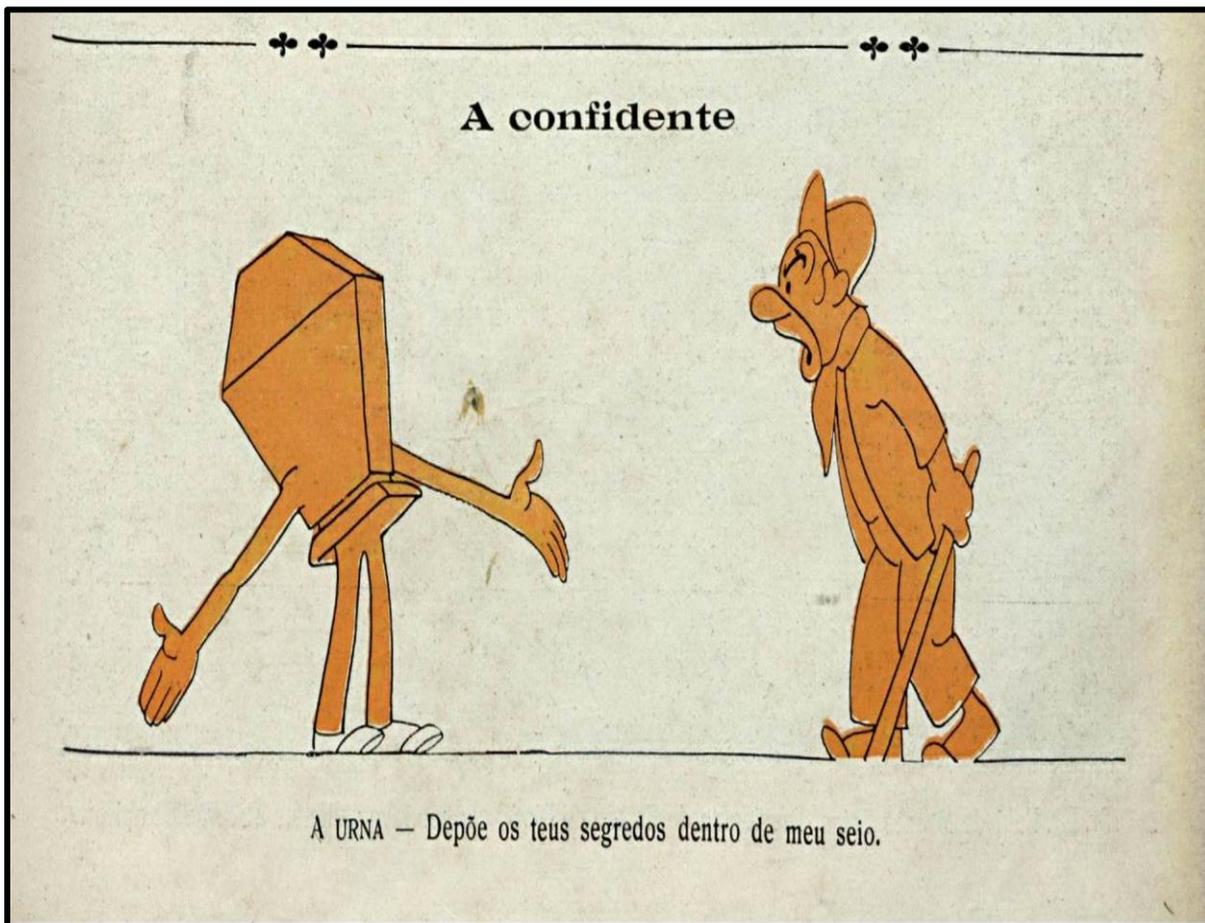
²² CARETA. Rio de Janeiro, 19 nov. 1921.

²³ CARETA. Rio de Janeiro, 26 nov. 1921.

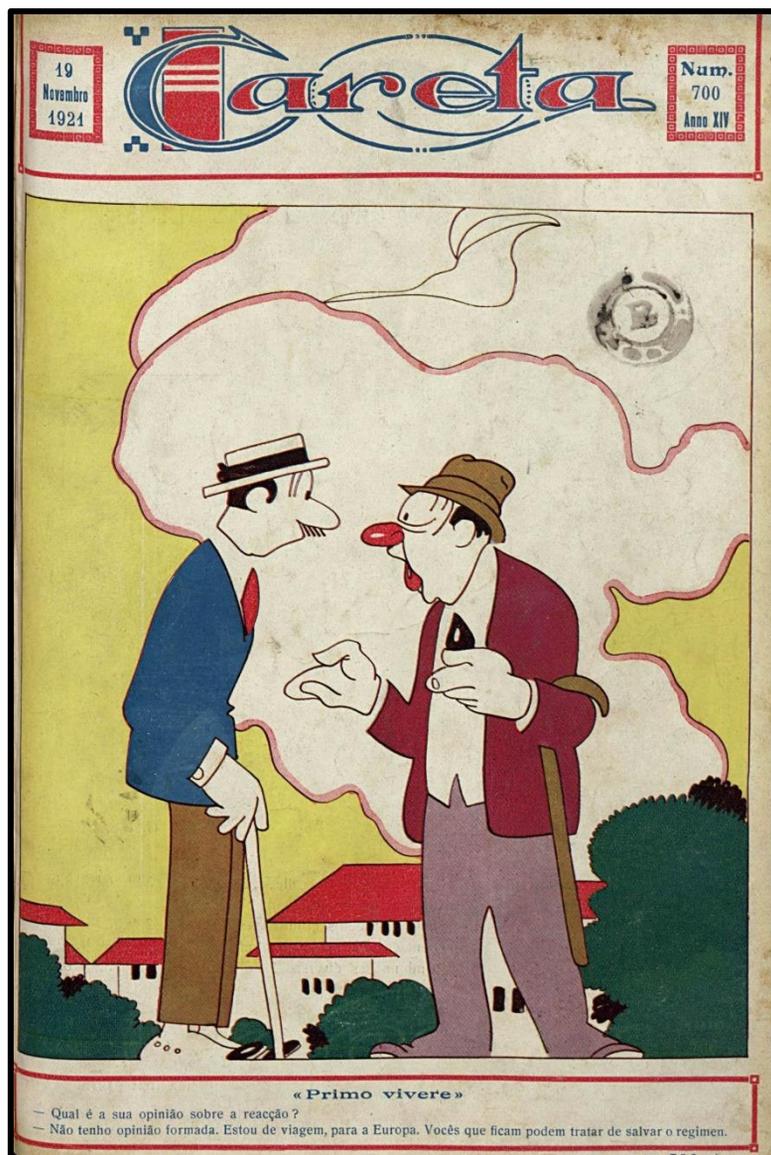
²⁴ CARETA. Rio de Janeiro, 21 jan. 1922.

ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS



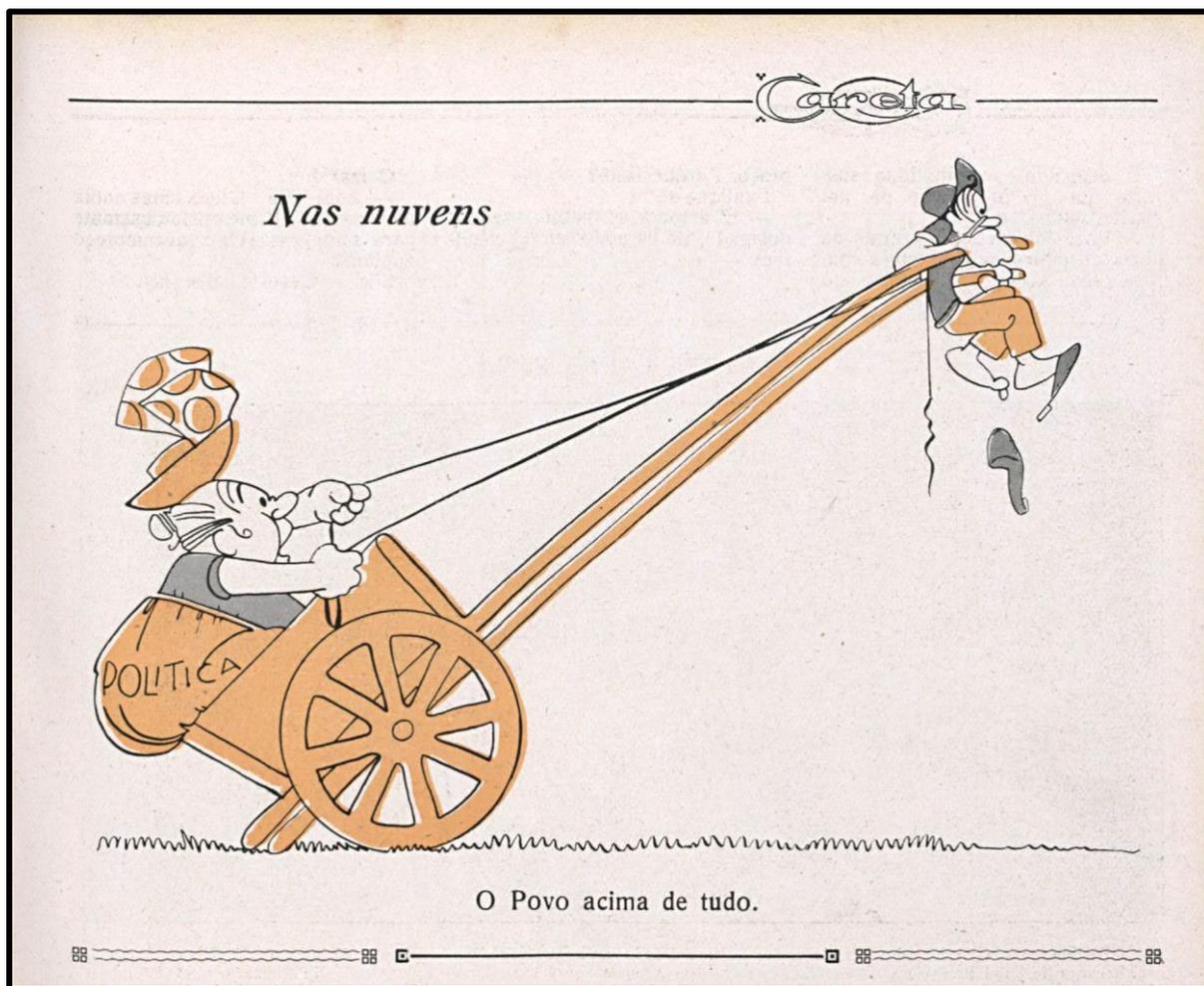


ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS





ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS



A proximidade das eleições com a época do carnaval foi um mote recorrente nas críticas expressas pela *Careta*. Nessa linha, mostrou duas figuras femininas que caminhavam juntas, a “musa carnavalesca” e a “política”, aparecendo o Jeca para considerar aquela como “ingênua”, pois não deveria andar com aquele tipo de companhia que viria a comprometê-la. Outro desenho trazia um folião fantasiado, levando seu voto à urna, mas tão zozzo, que só conseguia pensar nos grupos concorrentes no contexto das festas vigentes²⁵. A disputa entre o momento político e o carnavalesco apareceu também alegoricamente como um enfrentamento entre “Momo”, tocando um bumbo, e a “política”, batendo na lata das “eleições”, sob a ameaça de um devorar a outra²⁶. O carnaval aparecia também como um fantasiado considerado bem-vindo, ao abrir caminho e derrubar a “política” e a “tristeza”, exigindo que elas abrissem “alas”, em consonância com o período do ano. Na mesma linha, um pierrô chutava os fundilhos da “política”, dizendo-lhe com ironia que ela saísse da frente, deixando de ser um estorvo para o “negócio sério” que ele tratava²⁷. O êxtase carnavalesco foi também representado com a imagem da urna voltada à eleição presidencial em primeiro plano, ao passo que os eleitores, inclusive acompanhados da dama republicana, apareciam pouco afeitos à ideia de votar, estando entregues à embriaguez das festas da véspera²⁸.

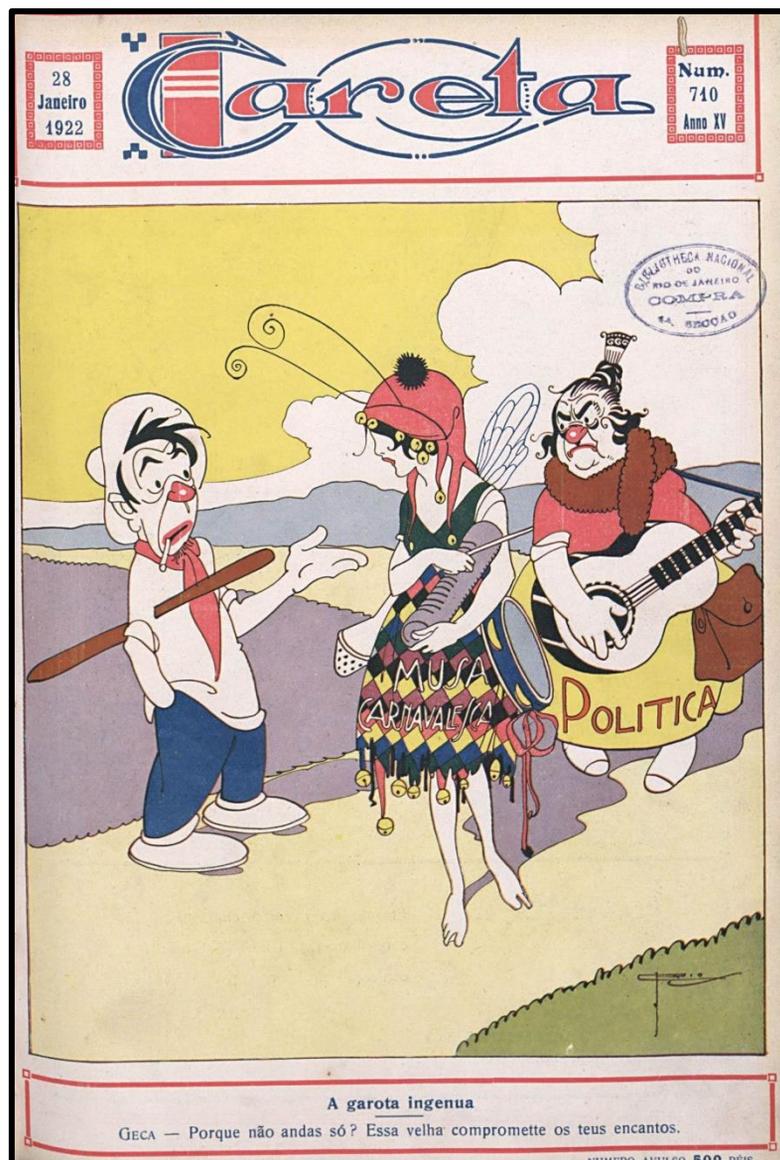
²⁵ CARETA. Rio de Janeiro, 28 jan. 1922.

²⁶ CARETA. Rio de Janeiro, 4 fev. 1922.

²⁷ CARETA. Rio de Janeiro, 25 fev. 1922.

²⁸ CARETA. Rio de Janeiro, 4 mar. 1922.

ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS

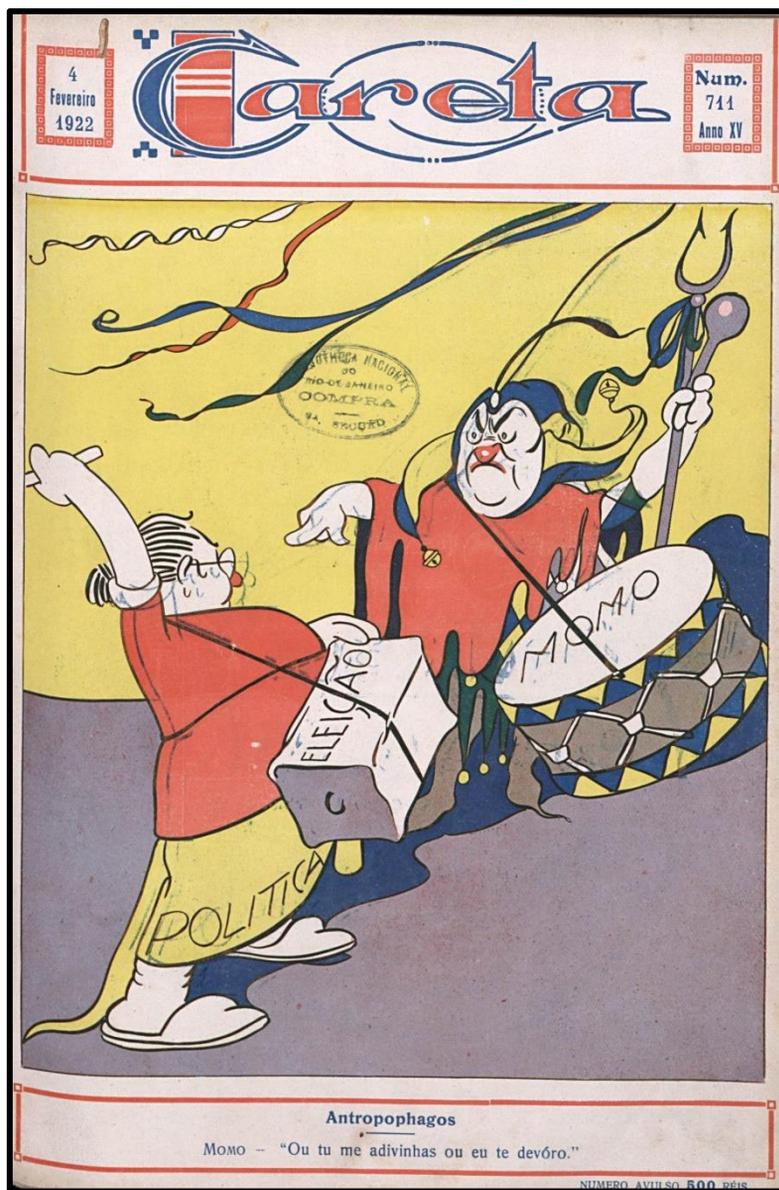


Eleição e Cinzas



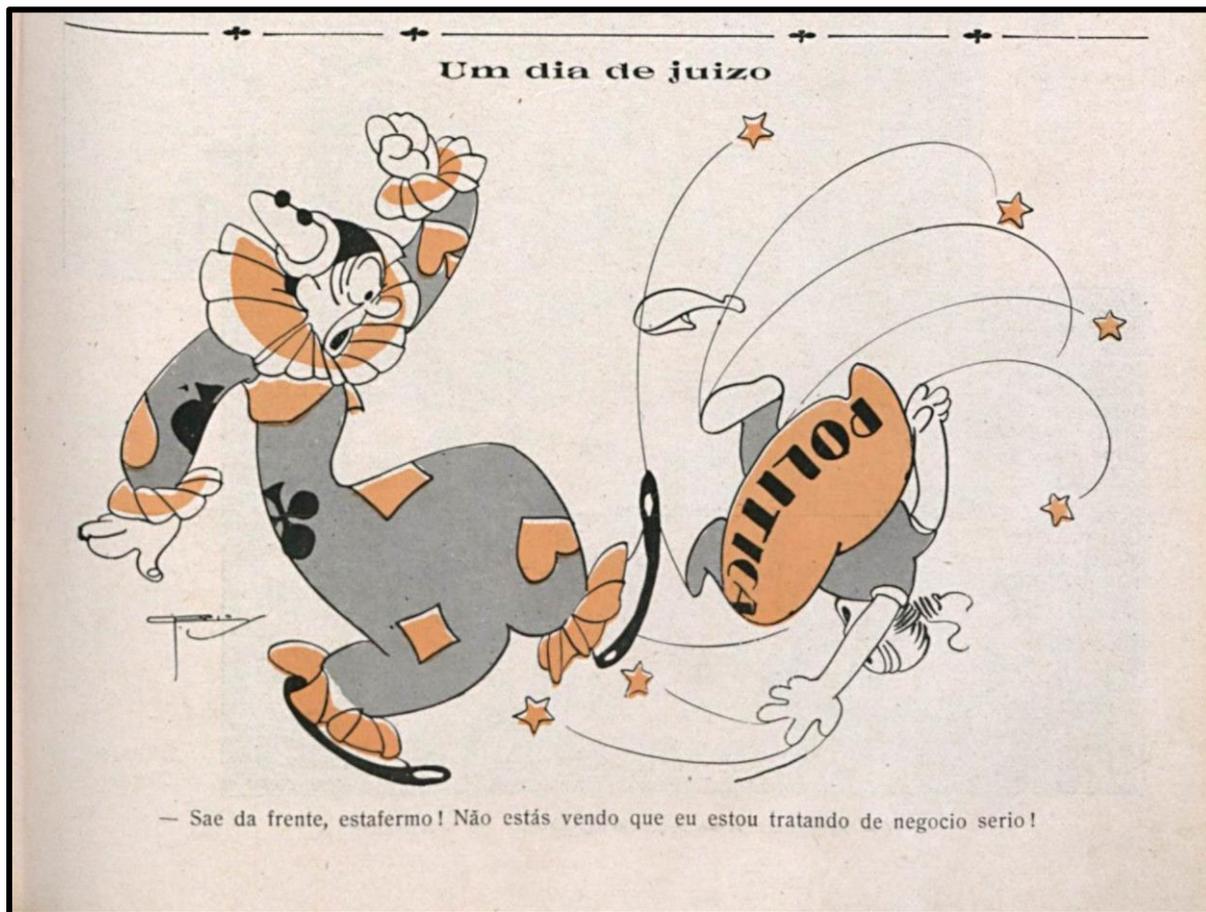
— Francamente! Eu já não me lembro si a Flôr do Abacate estava melhor que o Ameno Resedá.

ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS





ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS





Ainda acerca dos atos festivos de Momo, carregando nas cores da ironia, o hebdomadário trazia um folião desacorçoado com o fim do carnaval, só lhe restando como alternativa via a “discutir política”²⁹. Na concepção do periódico, outro fator negativo que atrapalhava o processo eleitoral seriam os boatos, personificados em indivíduo que, de sino à mão, derrubava tudo o que encontrava pela frente, inclusive a “política” e as urnas. Além do carnaval havia passado o pleito eleitoral, de modo que o semanário mostrava que tudo retornaria ao normal, notadamente entre os pobres que, mesmo estando em lados políticos opostos, preferiam confraternizar. Tal volta a uma suposta normalidade foi também representada com a “política” apresentada como “a eterna rainha”, pois, se por um breve período perdera espaço para Momo e suas festas, este agora aparecia em seu enterro, enquanto ela reinava mais uma vez plenamente³⁰. A falta de identidade ideológica ou partidária por parte dos homens públicos era mostrada a partir de um “político experiente”, que não se importava com a vitória dos governistas ou dos dissidentes, bastando para satisfazer os seus interesses a obtenção de um cargo público³¹. As tantas tentativas da oposição no sentido de rever o resultado eleitoral que dera a vitória ao candidato governista, foi simbolizada pela figura de Nilo Peçanha, vestido à romana, exigindo dos militares providências para reverter o suposto quadro indicado pelas urnas³².

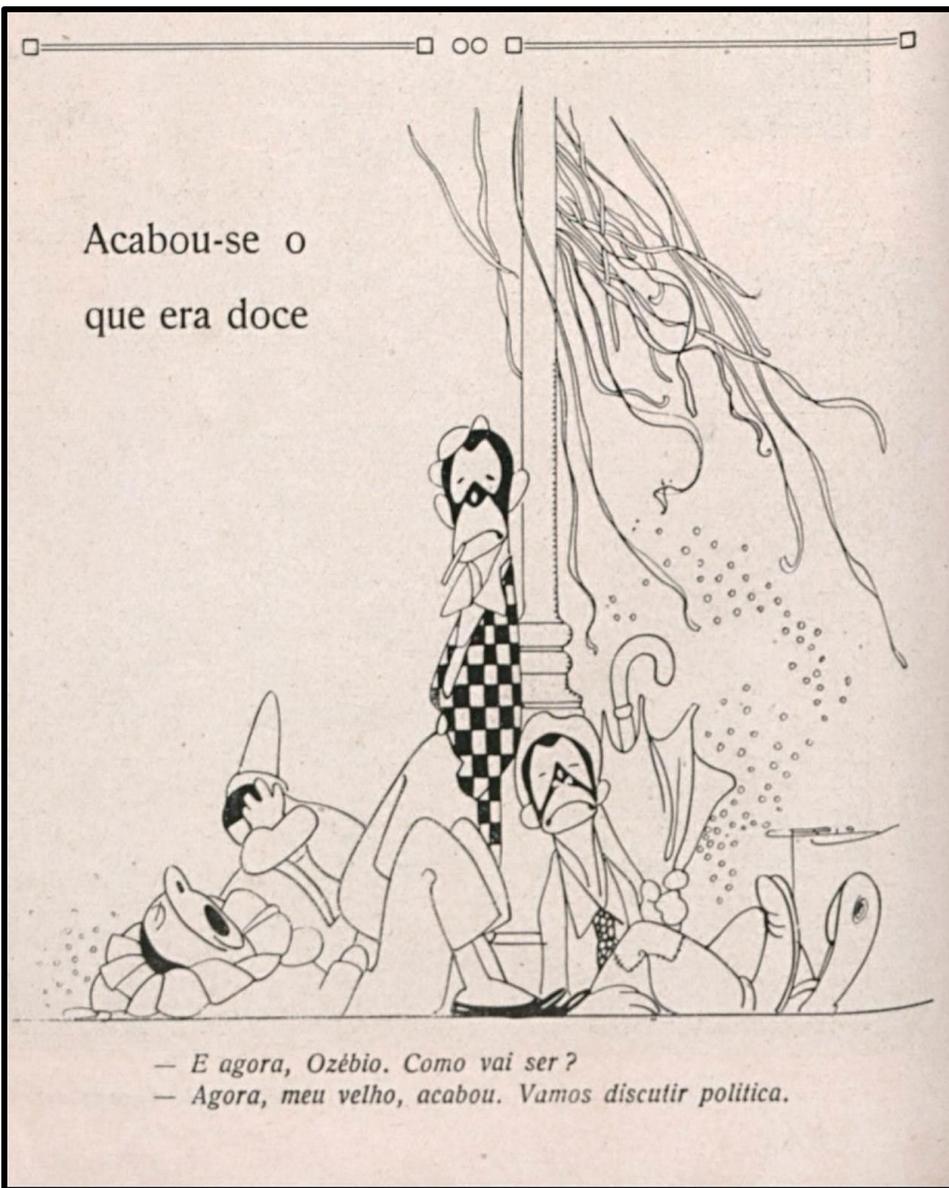
²⁹ CARETA. Rio de Janeiro, 4 mar. 1922.

³⁰ CARETA. Rio de Janeiro, 11 mar. 1922.

³¹ CARETA. Rio de Janeiro, 18 mar. 1922.

³² CARETA. Rio de Janeiro, 25 mar. 1922.

Acabou-se o
que era doce



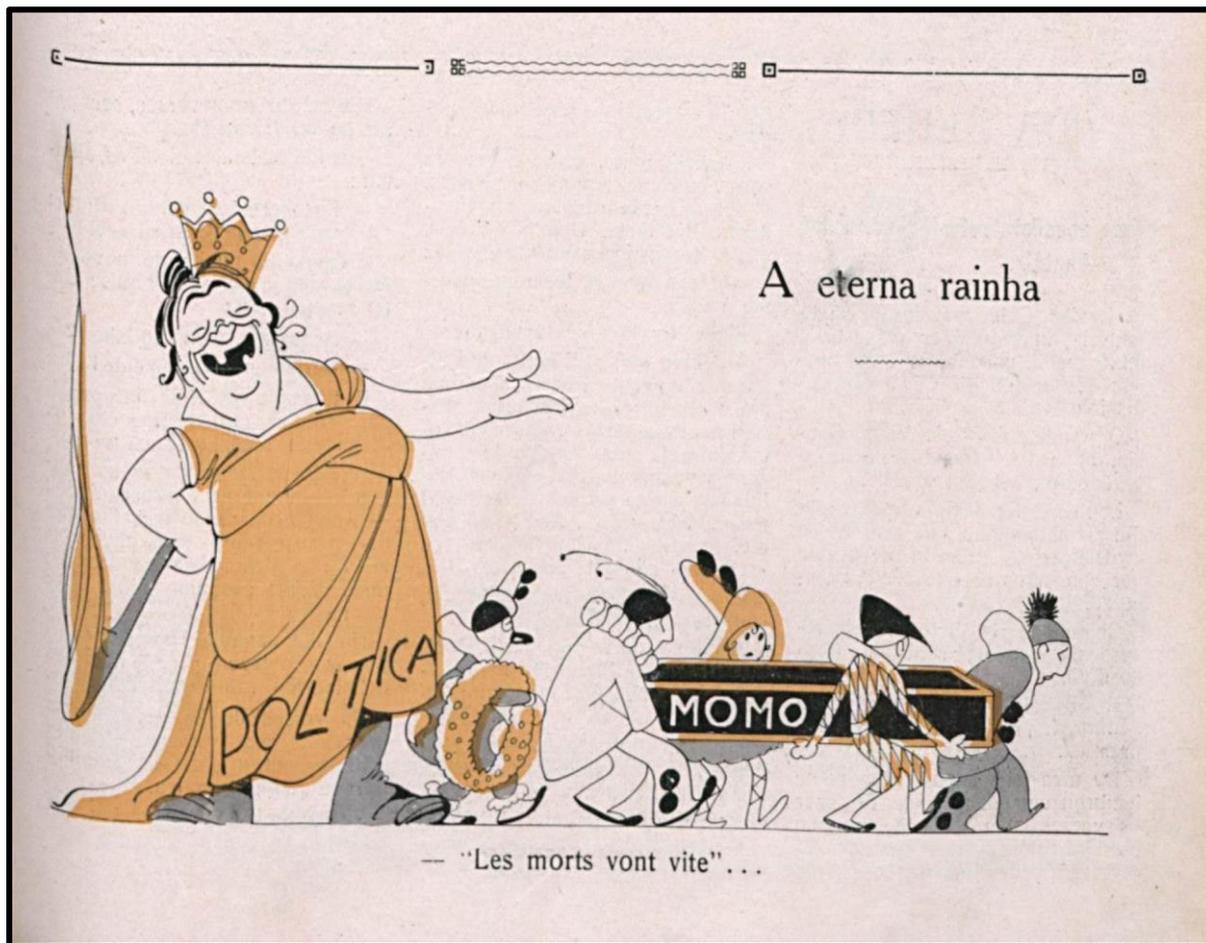
— E agora, Ozébio. Como vai ser ?
— Agora, meu velho, acabou. Vamos discutir política.

ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS





ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS





ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS



O acompanhamento da eleição presidencial de 1922 realizado pela *Careta* foi mais concentrado na manutenção de sua recorrente prática da crítica política. Sua abordagem do processo eleitoral foi mais breve e não chegou a ter um viés amplamente partidarista, adotando um dos lados em confronto, com fez o magazine congênere *O Malho* que apoiou peremptoriamente a candidatura de Artur Bernardes e atacou frontalmente a Reação Republicana³³. Ainda que seu enfoque mais irônico e debochado tivesse se voltado, ainda que levemente, mais para os opositoristas, a revista optou por concentrar-se no destaque para as mazelas que marcava a vida política de então, sem preocupar-se tanto com o resultado das urnas. Nesse sentido, segundo o próprio periódico afirmava, não importava que subissem “ao Catete os candidatos da Reação, ou lá cheguem os da Convenção”, pois lhe caberia “o direito de criticar os seus atos como governo, livre, imparcialmente”, uma vez que seria para isso que ela era publicada, sabendo “fazê-lo com justiça, desdém e sarcasmo até” se tal atitude fosse necessária. O semanário considerava enfim que, acima de tudo, precisava “arrancar o Brasil das mãos da política, para que a República não mais seja uma simples pupila dessa megera infame”³⁴, de modo que sua preferência foi por apontar para os fatores estruturais como o curral eleitoral, o voto de cabresto e a falta de uma participação popular mais decisiva nos rumos do país, que maculavam o cenário político nacional.

³³ Observar: ALVES, 2025 p. 17-212.

³⁴ CARETA. Rio de Janeiro, 11 mar. 1922.

AS DERRADEIRAS EDIÇÕES DE *O*
MALHO EM 1930 E A
CONTINUIDADE DA
CONTRAPOSIÇÃO AOS
ALIANCISTAS/REVOLUCIONÁRIOS

A Aliança Liberal constituiu a mais grave ruptura no seio do modelo oligárquico predominante ao longo da República Velha. Cindidas as oligarquias centrais, tendo em vista a decisão do Presidente Washington Luís da escolha de um candidato paulista, ao invés de um mineiro, conforme o pacto café-com-leite, Minas Gerais viria a aliar-se com outras oligárquicas periféricas como a gaúcha e a paraibana, que, ao lado da dissidência paulista dos democráticos. Surgia então a candidatura oficial de Júlio Prestes, enquanto a oposição lançava o nome de Getúlio Vargas. Levando em conta a máquina eleitoral estabelecida há décadas, a vitória nas urnas coube ao candidato situacionista, restando aos derrotados as tradicionais reclamações quanto às fraudes eleitorais. Uma importante ala dentre os aliancistas, associados a segmentos da jovem oficialidade que fomentara do tenentismo, passaram a tratar de um caminho voltado a pegar em armas e promover o rompimento institucional. Após um processo de idas e vindas, avanços e recuos, a solução revolucionária foi definitivamente adotada, resultando no movimento de 1930 que resultaria da queda da I República. Frente às várias tendências dissidentes que se formaram nessa época, como a Campanha Civilista, a Reação Republicana e a própria Aliança Liberal, que se opuseram aos candidatos oficiais, a revista ilustrada carioca *O Malho* se contrapôs a todas elas³⁵. Este estudo busca abordar as

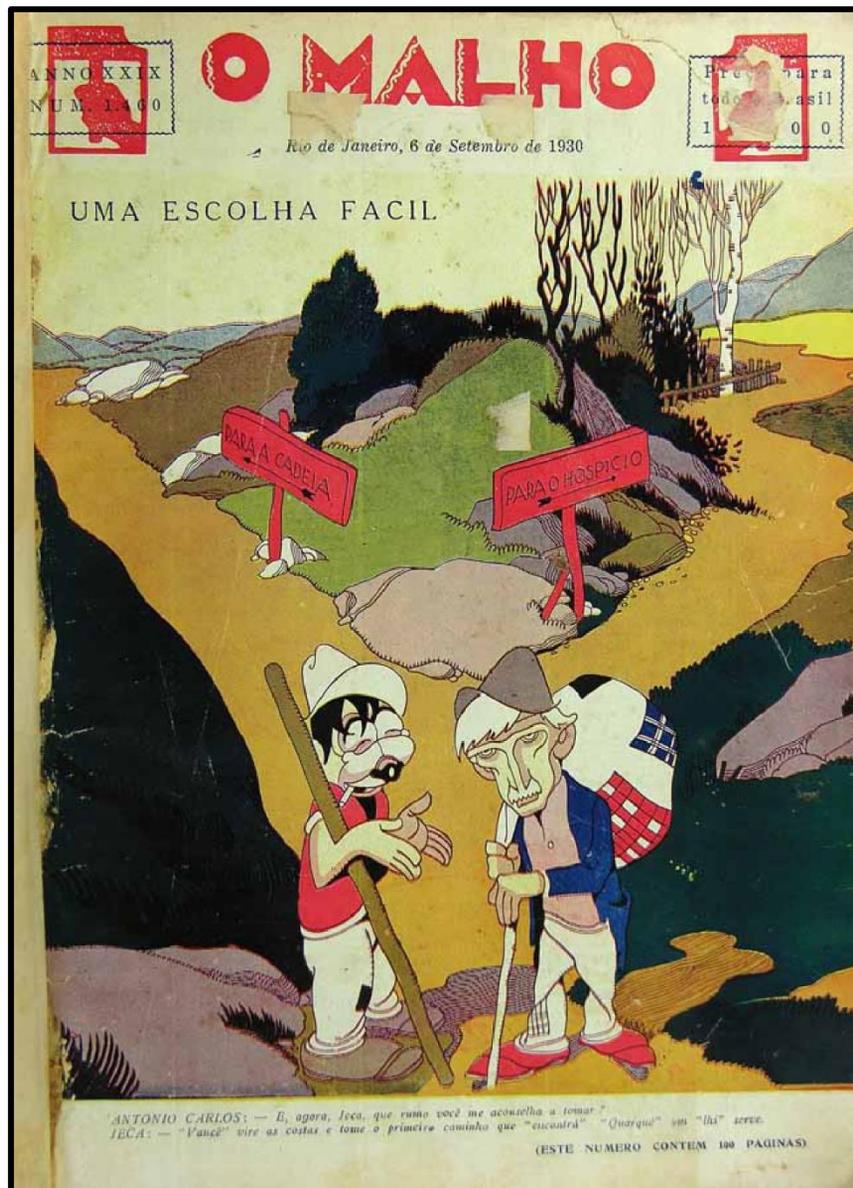
³⁵ A respeito da posição antagônica de *O Malho* para com a Aliança Liberal e seus seguidores, ver: ALVES, Francisco das Neves. *A Aliança Liberal e o antagonismo de parte da revista ilustrada e humorística O Malho*. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2024.; ALVES, Francisco das Neves. *O contexto político brasileiro em 1930 sob o prisma de O Malho*. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2024.; ALVES, Francisco das Neves.

últimas edições de tal revista correspondentes aos meses de setembro e outubro, nas quais manteve seu antagonismo para com os aliancistas e as ameaças de um projeto revolucionário.

Um dos maiores adversários de *O Malho*, ao longo do processo histórico que marcou a Aliança Liberal, foi o político mineiro Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, governante de Minas e uma das principais lideranças aliancistas. Já na capa do primeiro número de setembro de 1930, se fazia presente a sua figura, travestido em mendigo e sendo submetido a “Uma escolha difícil”, aparecendo à sua frente dois caminhos, nenhum deles constituindo um destino agradável, pois um deles era para a “cadeia”, em alusão aos supostos crimes que teria cometido durante a campanha política, e outro para o “hospício”, em clara acusação de que o líder mineiro havia perdido o juízo. Na interseção dos dois itinerários, Antônio Carlos se aconselhava com o Jeca – tradicional representação do povo brasileiro, quanto ao rumo ao ser seguido, ao que o outro dava uma recomendação pouco afável, uma vez que, qualquer que fosse o destino, seria justo frente às atitudes por ele cometidas nos últimos tempos³⁶.

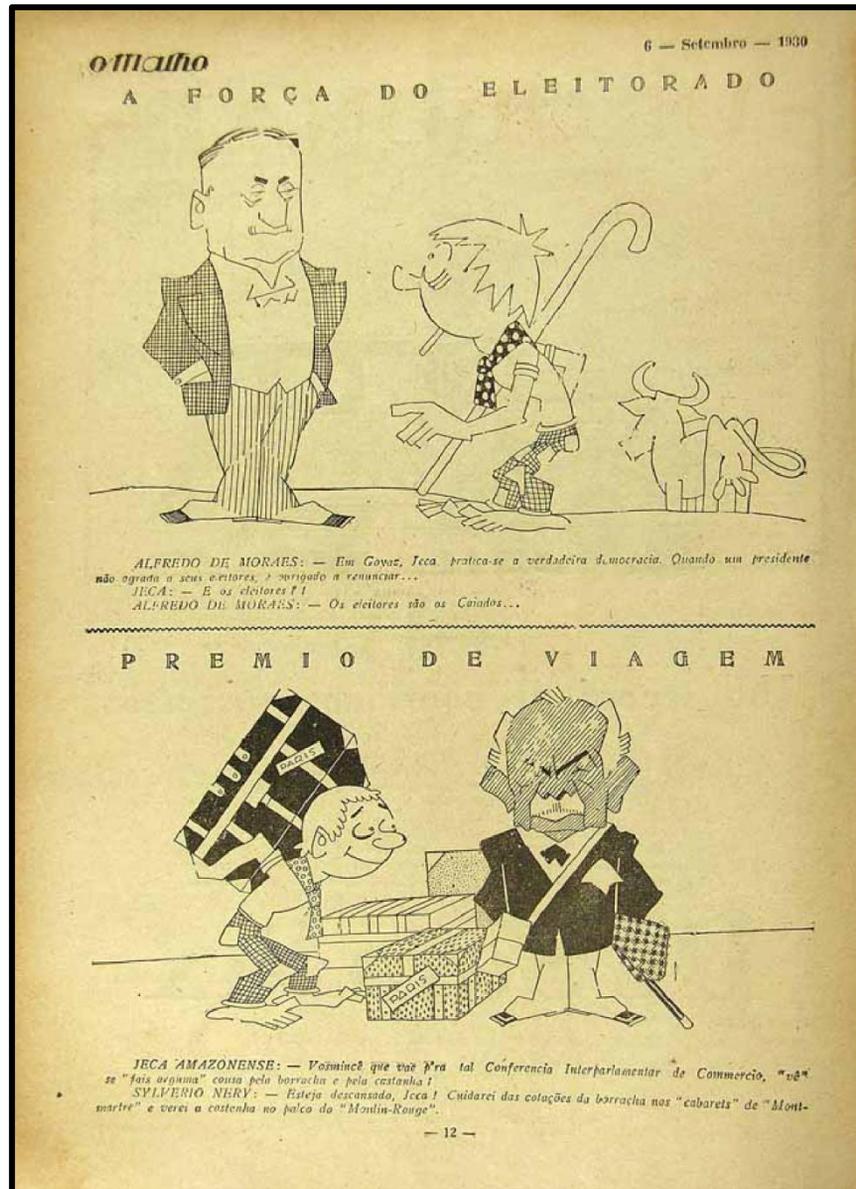
Antecedentes da Revolução de 1930 na arte caricatural de duas revistas ilustradas cariocas. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2024.; e ALVES, Francisco das Neves. *Revoluções sul-rio-grandenses e arte caricatural: dois estudos históricos.* Lisboa; Rio Grande: Cátedra de Estudos Globais; Biblioteca Rio-Grandense, 2025.

³⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, 6 set. 1930.

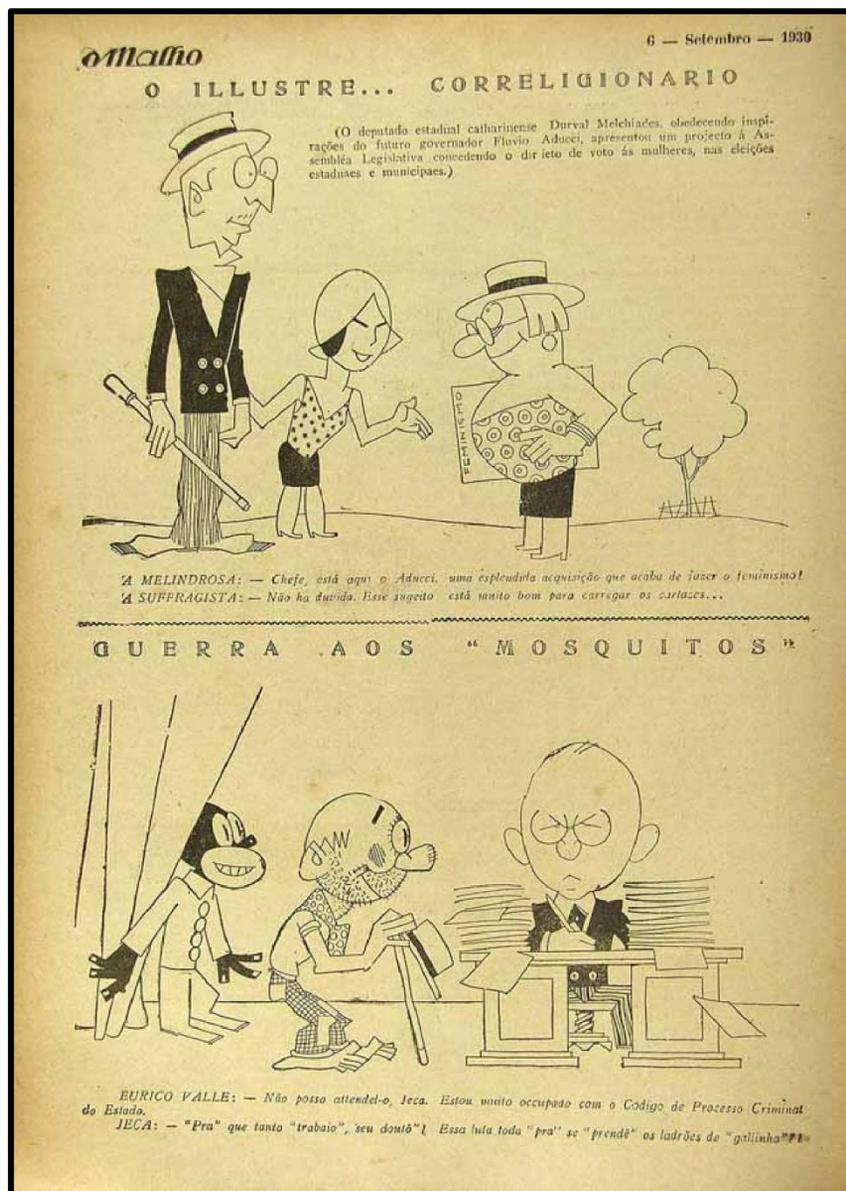


O olhar crítico do magazine ilustrado-humorístico carioca se concentrava nos aliancistas, mas não deixava de atingir igualmente outras mazelas políticas que marcavam o país como um todo, como foi o caso da caricatura “A força do eleitorado”, na qual o Jeca conversava com o político goiano Alfredo Lopes de Moraes, governante de Goiás, que no mês anterior se afastara do cargo, o qual se referia ao conceito de “verdadeira democracia”, pelo qual o conjunto dos “eleitores” seria representado pelas famílias dominantes no âmbito regional, bem de acordo com o modelo oligárquico vigente. Já um outro diálogo aparecia no desenho denominado “Prêmio de viagem”, no qual um Jeca amazonense ajudava a carregar a bagagem do senador pelo Amazonas, Silvério José Nery e solicitava-lhe que, em uma conferência sobre temas mercantis, intercedesse em favor de produtos locais como a borracha e a castanha, ao que o político respondia que suas preocupações estariam mais vinculadas a aproveitar a viagem ao exterior para divertir-se, em alusão à malversação das verbas públicas, temática bastante em pauta na época. Outro tema abordado foi o do voto feminino, tratado como forma de propaganda política e subscrito ao contexto regional e local, a partir de proposta do deputado estadual catarinense, cujo mandato foi renovado por décadas, Dorval Melquíades de Souza. Já na ilustração “Guerra aos ‘mosquitos’”, a abordagem era acerca da preocupação judicial com os pequenos crimes, enquanto outros, como a corrupção, passavam ao lardo da justiça, de modo que o Jeca questionava o Presidente do Pará Eurico de Freitas Vale, o motivo por querer prender apenas os “ladrões de galinha”³⁷.

³⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, 6 set. 1930.



ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS



Na seção “Os sete dias da política”, o periódico saía em defesa do Presidente Washington Luís frente à possibilidade do mesmo ser responsabilizado a partir de acusações da oposição, consideradas infundadas pela folha ilustrada, que, em seguida, tecia profundas críticas aos aliancistas e a um de seus líderes, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada³⁸:

Aí está em dois argumentos porque a nação olha hoje essa gente, mede-a de alto a baixo e lhe dá as costas, num bem significativo gesto de repulsa ao seu cinismo... Tanto os próprios autores de mais essa invenção com que a Aliança intentava assombrar o Brasil já o sentiram que, segundo se assoalha, o novo plano de salvação da entaladela em que se meteram também gorou. (...)

Por toda a parte os “liberais abrem falência... Com a sua resistência a Antônio Carlos, eles já deram o que podiam. Não viram os seus repetidos anúncios de “assombrar” o Brasil?

O último, vindo das montanhas mineiras, teve a sorte dos demais, isto é, já não admirou mais ninguém. Vale, entretanto, saber-se em que consistia, para perfeita identificação do grande criminoso (...). O psicopata de Juiz de Fora pretendia aproveitar os seus últimos dias no Palácio da Liberdade para a realização de um plano simplesmente diabólico. Já que não lhe fora possível incendiar o país a tiros de granadas, maquinava destruir a sua fortuna por um processo mais cômodo, levando o país à bancarrota pela baixa forçada do café! Para tanto, não lhe era preciso mais do que atacá-lo à socapa através de um golpe de morte no Convênio, na hora exata da sua renovação. O governo de Minas não o assinaria mais! O produto nacional, à vista disso, resvalaria pelo plano inclinado dos preços vis. Com ele cairia o câmbio – a eterna preocupação do louco de Belo Horizonte – até a casa de 0. Estava o Brasil arruinado, mas satisfeito o ódio do inventor da Aliança Liberal contra o “braço forte” do Sr. Washington Luís.

³⁸ O MALHO. Rio de Janeiro, 6 set. 1930.

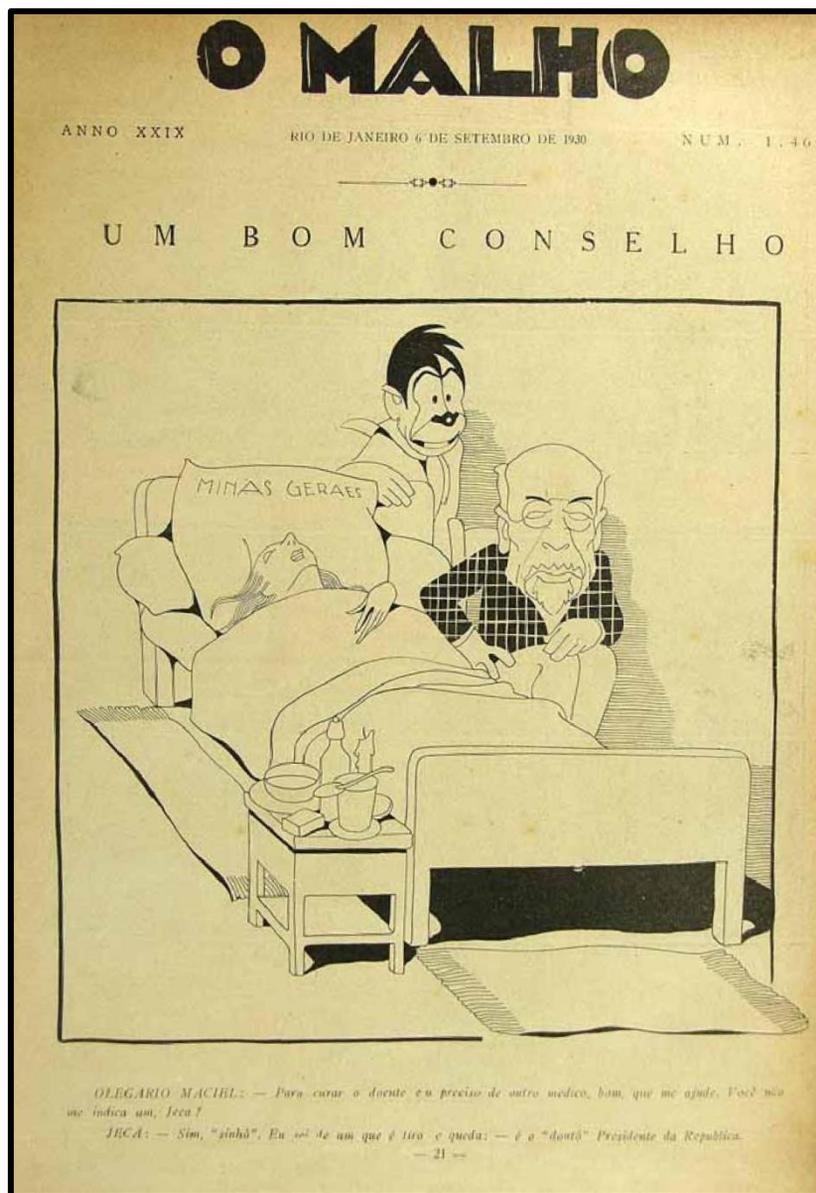
Os discursos mais radicais dos aliancistas sul-rio-grandenses também eram apontados como maléficos para o país por parte do semanário, referindo-se especificamente João Neves da Fontoura, José Antônio Flores da Cunha e Osvaldo Aranha, os quais não teriam mais condições de manterem suas “ilusões”, levados por sua “leviandade incurável”. Na perspectiva da publicação poderia se “tranquilizar o espírito público”, com “a certeza de que nos pampas ninguém de responsabilidade real quer a revolução”. Diante disso, acusava que, “desiludidos de qualquer tentativa vitoriosa no terreno das armas”, esforçavam-se “os criminosos empreiteiros da ruína nacional em conseguir os seus tenebrosos fins por outros meios mais covardes”, dentre os quais apareciam “os planos sinistros e o cortejo maléfico dos boatos terroristas, com reflexos diretos sobre os negócios do país, seu câmbio e seus títulos”. Ressaltava assim que tais “brasileiros desprezíveis” voltavam suas ações “para a vingança torpe dos boatos de levante no Rio Grande e noutros pontos do território nacional”. Ainda que aplaudisse as atitudes do Presidente da República, compreendendo “bem os escrúpulos do primeiro magistrado”, o hebdomadário demarcava que não seria “possível consentir-se” que “continuem os impenitentes nos seus desatinados propósitos”. , devendo a autoridade máxima do país agir “sem constrangimentos contra essa farândola derrotista”, ainda que para tanto fosse “preciso fazê-la privar de uma faculdade que não souberam utilizar”, ou seja, “a faculdade de serem livres, ou antes, de andarem em liberdade”³⁹.

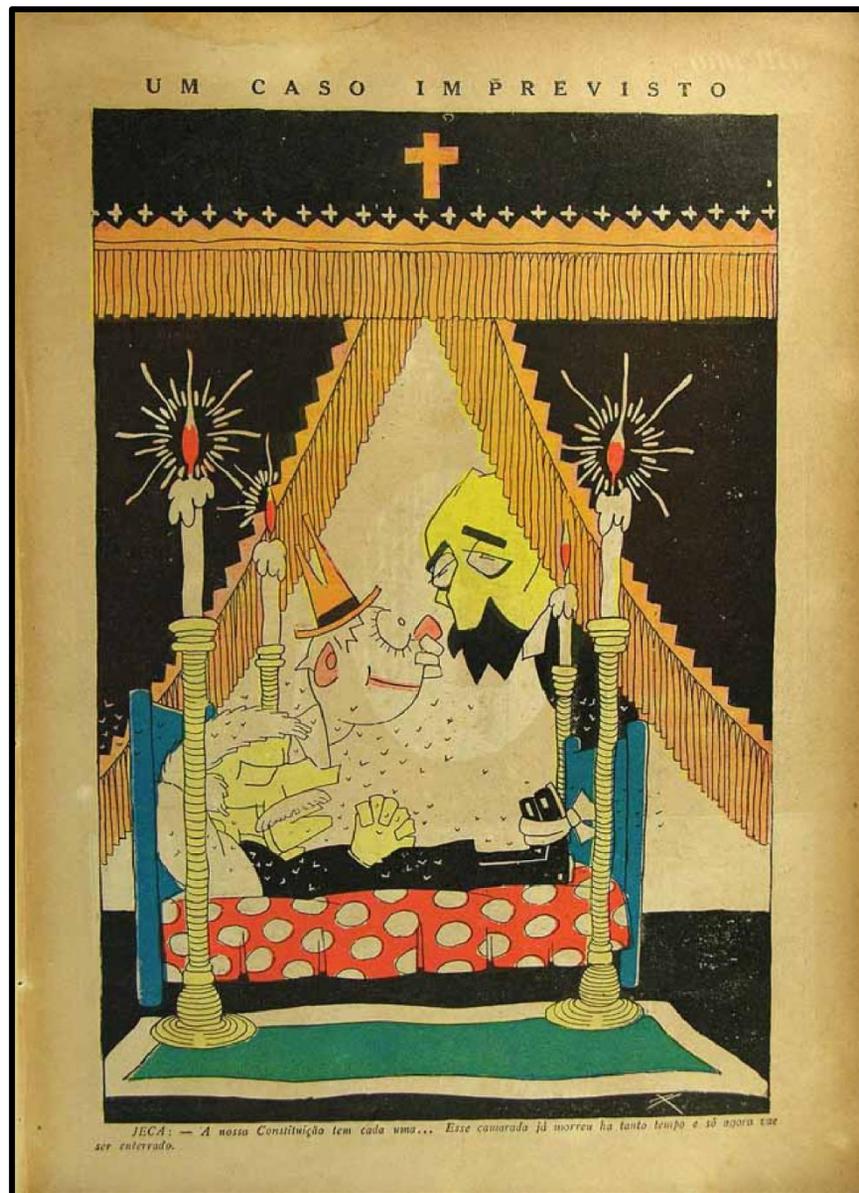
³⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, 6 set. 1930.

Na caricatura lançada na página de abertura do periódico, intitulada “Um bom conselho”, o velho político mineiro, Olegário Maciel, prestes a assumir o governo de seu Estado, aparecia sentado ao lado da cama na qual jazia uma figura feminina adoentada representando Minas Gerais, de modo que ele, desenxabido e sem ver outras soluções, perguntava ao Jeca se ele teria a sugestão de algum “médico” que ajudasse a tratar da paciente, ao que a representação do povo indicava o próprio Presidente da República, sugerindo portanto que Maciel abandonasse a liderança de Antônio Carlos e se voltasse para Washington Luís. Na iminente saída de Antônio Carlos do governo mineiro, a folha publicava o desenho “Um caso imprevisto”, no qual aparecia um choroso José Bonifácio de Andrada e Silva, também aliancista e deputado por Minas, em pleno velório de Ribeiro de Andrada, havendo o estranhamento de parte do Jeca a respeito dos motivos de alguém já morto “há tanto tempo”, estar sendo enterrado tão tardiamente, em referência a uma possível morte política de Antônio Carlos a partir da derrota da Aliança Liberal. As acusações contra o governante mineiro permaneciam em tons funéreos, mais uma vez em alusão ao falecimento político do líder aliancista, com a presença de dois defuntos no cemitério, estando um deles a preocupar-se em trancar o seu mausoléu, tendo em vista iminente chegada de Antônio Carlos, apontando para a falta de idoneidade como característica de tal político⁴⁰.

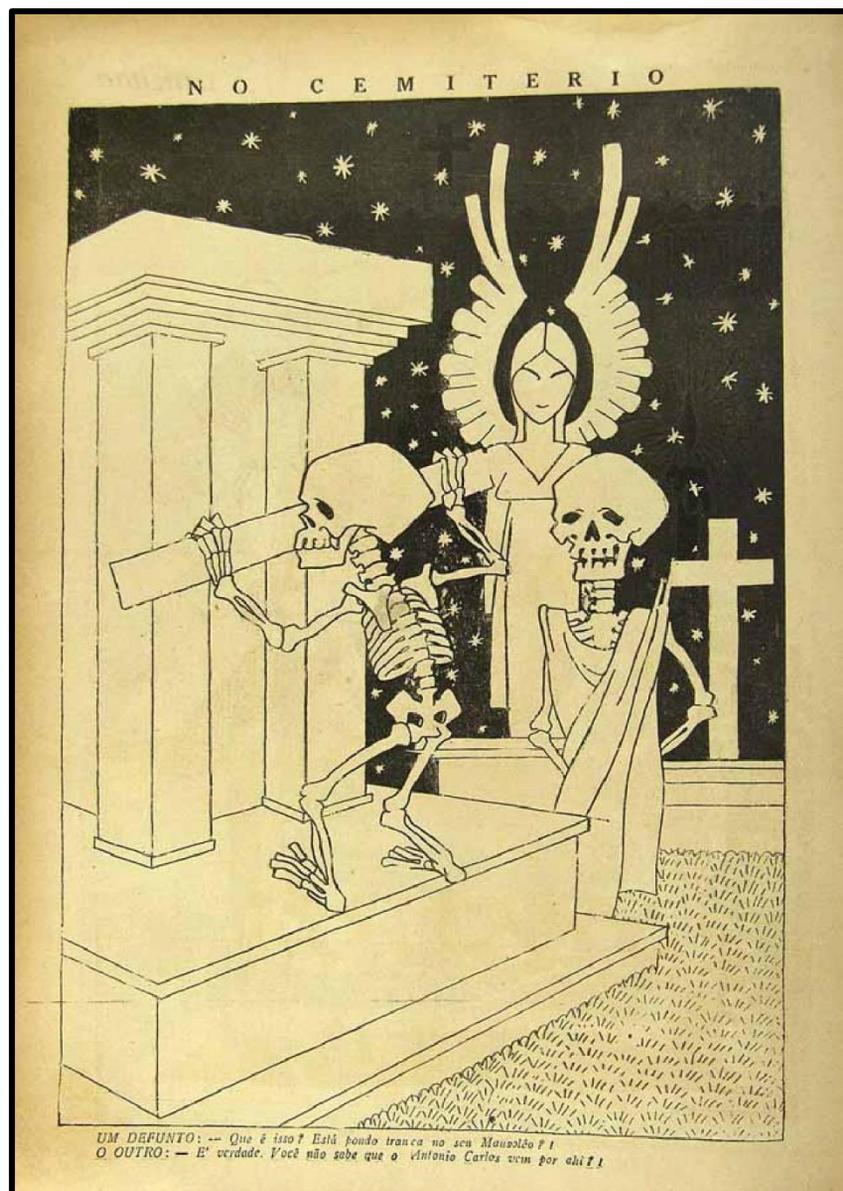
⁴⁰ O MALHO. Rio de Janeiro, 6 set. 1930.

ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS





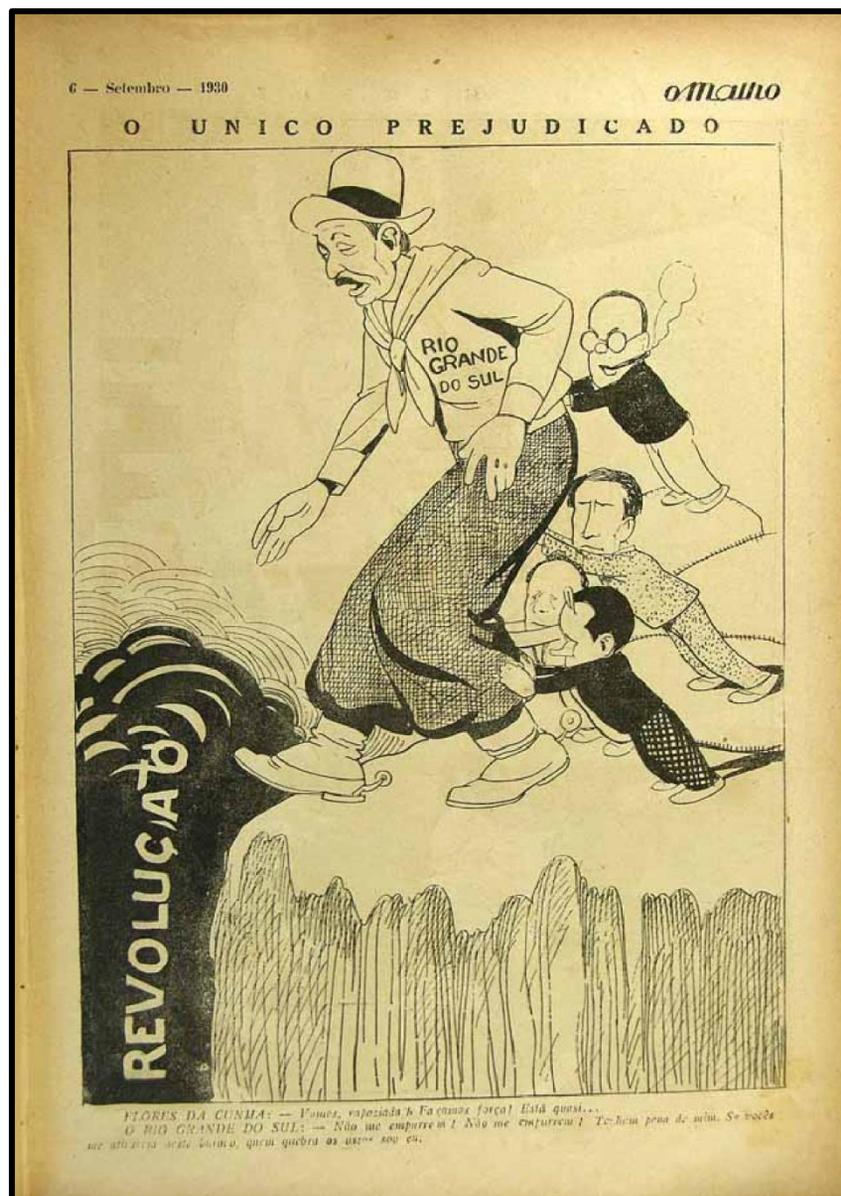
ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS

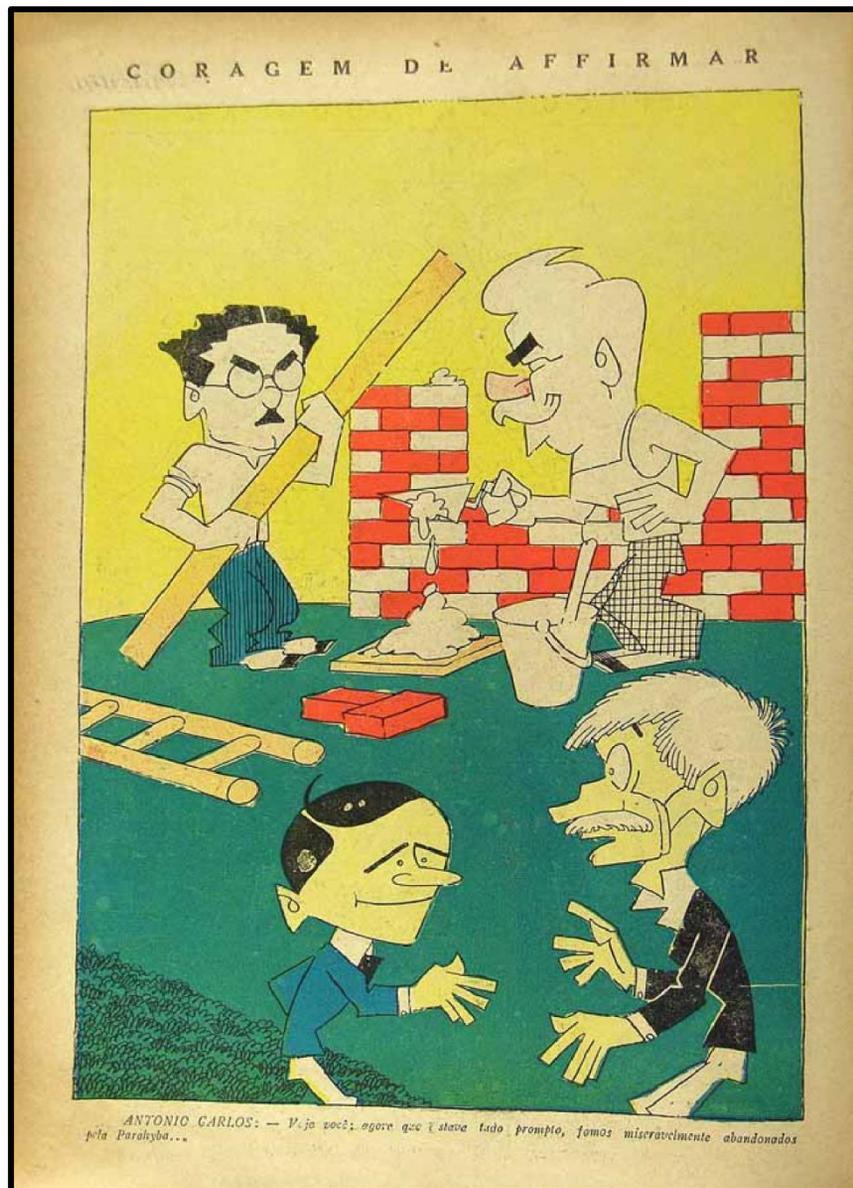


O olhar censório do semanário também recaía sobre os aliancistas gaúchos mais radicais, que apontavam para o caminho da rebeldia, em caricatura na qual Lindolfo Collor, Osvaldo Aranha, Flores da Cunha e Neves da Fontoura, buscavam empurrar um indivíduo vestido à gaúcha, representando o Estado do Rio Grande do Sul, para o precipício da revolução, em atitude pela qual ele viria a ser “o único prejudicado” e que, diante do esforço dos políticos, buscava reagir, pois, em caso de queda por tal abismo, quem quebraria os ossos seria ele. Frente a uma suposta reconstrução proporcionada pelo governo federal para a Paraíba, Antônio Carlos falava com Neves da Fontoura, lamentando que tal atitude fizera com que os aliancistas tivessem sido “miseravelmente abandonados” pelo Estado nordestino. Em relação ao mesmo tema, o hebdomadário mostrava o aliancista gaúcho Lindolfo Collor discursando na Câmara dos Deputados, escondendo a espada da revolta, e a oferecer uma promissória que garantiria o pagamento “à heroica Paraíba” da “dívida de solidariedade estabelecida no pacto da ex-Aliança”, sendo o documento assinado por ele mesmo, por Neves da Fontoura, Osvaldo Aranha e Flores da Cunha, e tendo o endosso do mineiro Antônio Carlos, razão pela qual o “Povo” considerava tal documento como inaceitável⁴¹.

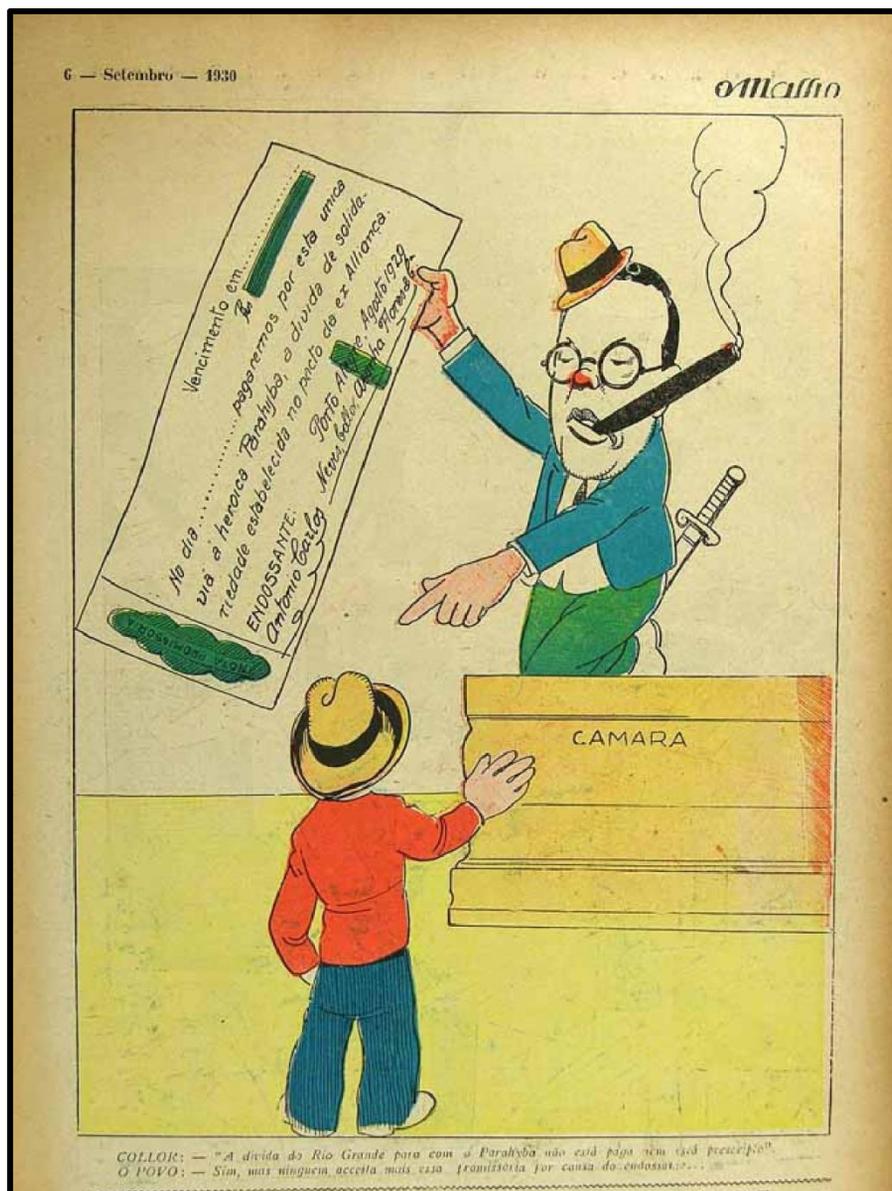
⁴¹ O MALHO. Rio de Janeiro, 6 set. 1930.

ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS





ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
 SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS

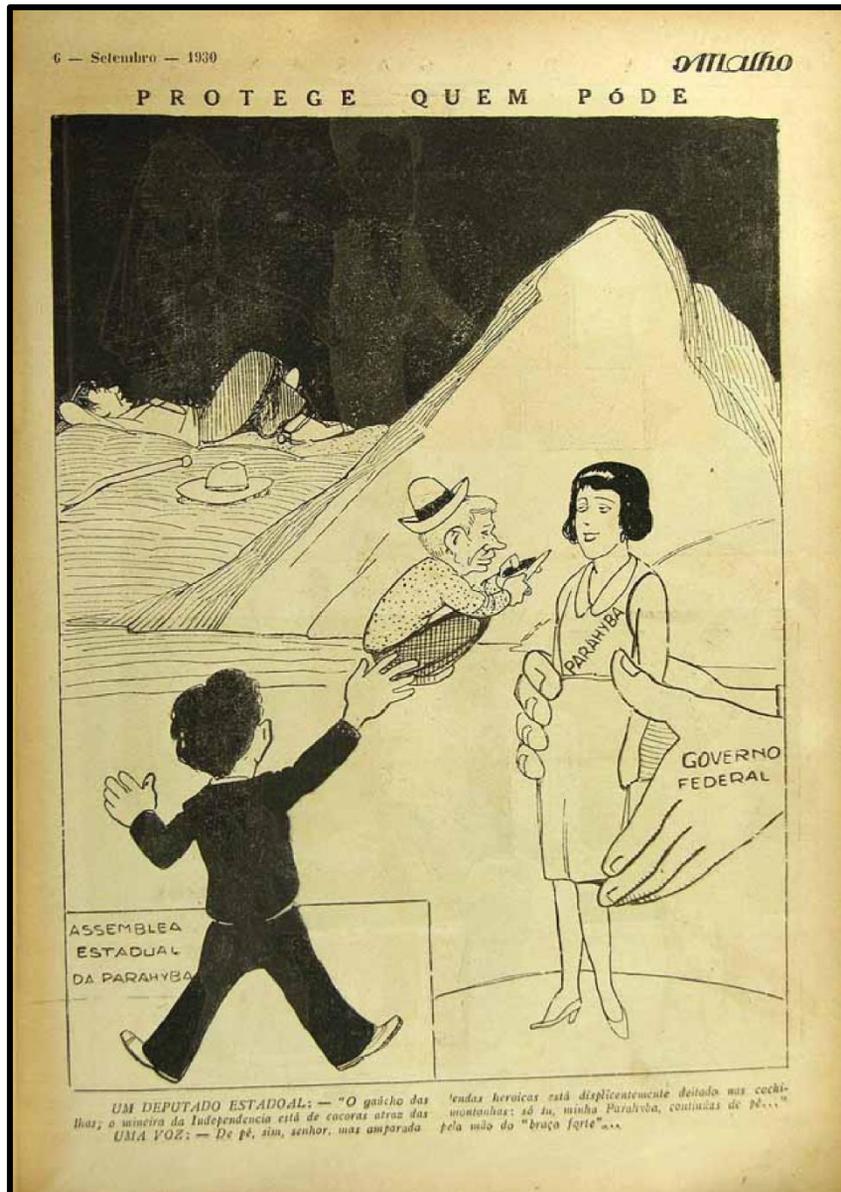


Acostumado aos benefícios pecuniários obtidos a partir das tantas funções públicas que exerceu como deputado, senador, ministro de Estado, ministro do Supremo Tribunal, procurador e Presidente da República, Eptácio Pessoa preparava sua bagagem para afastar-se das funções exercidas em tribunal internacional, pois dali não adviria nem ajudas de custo nem aposentadoria, demarcando a postura crítica do periódico quanto aos políticos interessados apenas em benesses, ainda mais por tratar-se de um que apoiara a Aliança Liberal, como era o caso do ex-Presidente. O hebdomadário também apontava para aquilo que considerava como descaso dos Estados aliancistas para com a Paraíba, de modo que mostrava o discurso de um deputado estadual paraibano, ao passo que o gaúcho aparecia deitado displicentemente, enquanto o mineiro Antônio Carlos escondia-se atrás de uma montanha fazendo o seu palheiro, ambos completamente despreocupados, de modo que a permanência de pé da Paraíba, só teria sido possível graças ao apoio do governo federal. Os ataques voltaram a dirigir-se a Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, em duas caricaturas que estabeleciam um paralelo entre a época de sua chegada ao governo mineiro e no momento de sua saída, ou seja, em 1926, ele recebera por parte de Fernando de Melo Viana – que, posteriormente viria a se opor à Aliança Liberal – a mão de uma noiva vestal, que representava o Estado de Minas Gerais, ao passo que, em 1930, entregava a Olegário Maciel uma Minas simbolizada por uma mulher desesperada e envergonhada, escondendo o rosto, além de trazer uma vestimenta esfarrapada, em alusão ao desgaste moral e econômico que o político teria trazido ao seu Estado⁴².

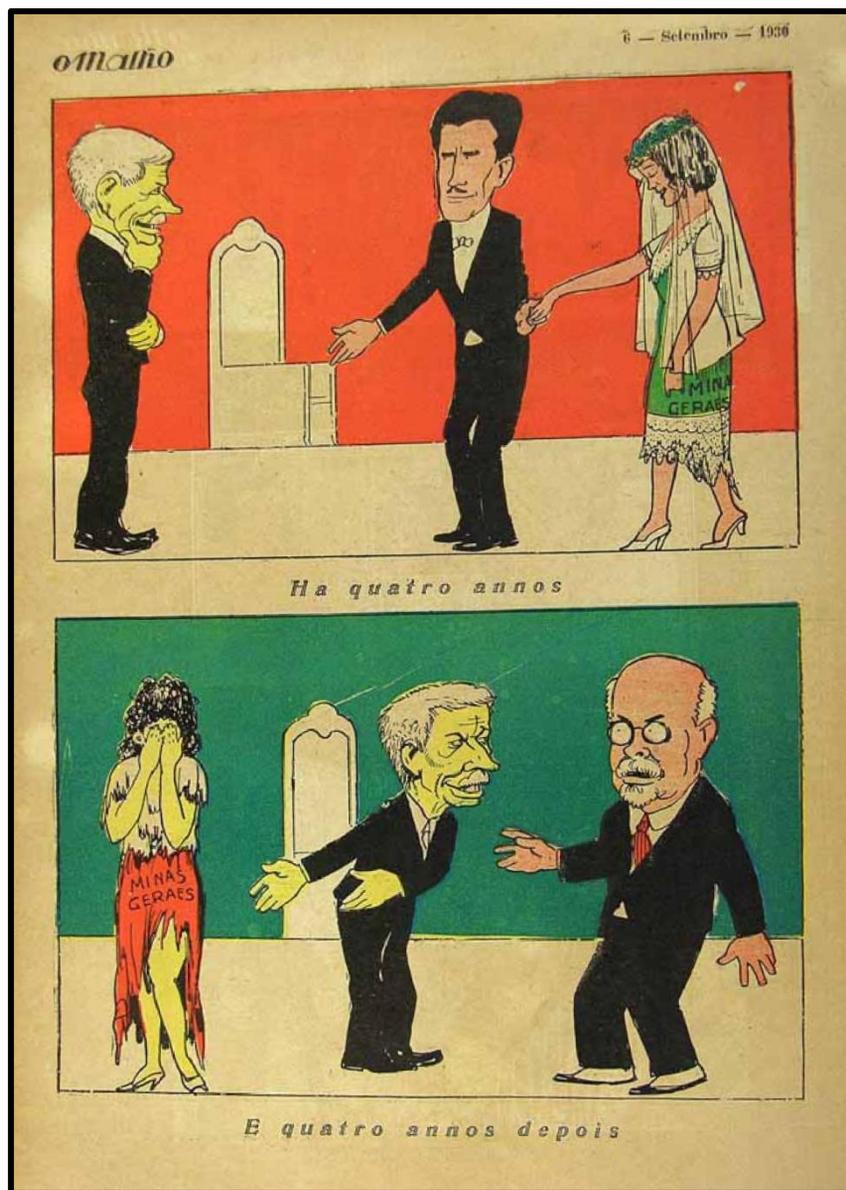
⁴² O MALHO. Rio de Janeiro, 6 set. 1930.

ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS





ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS



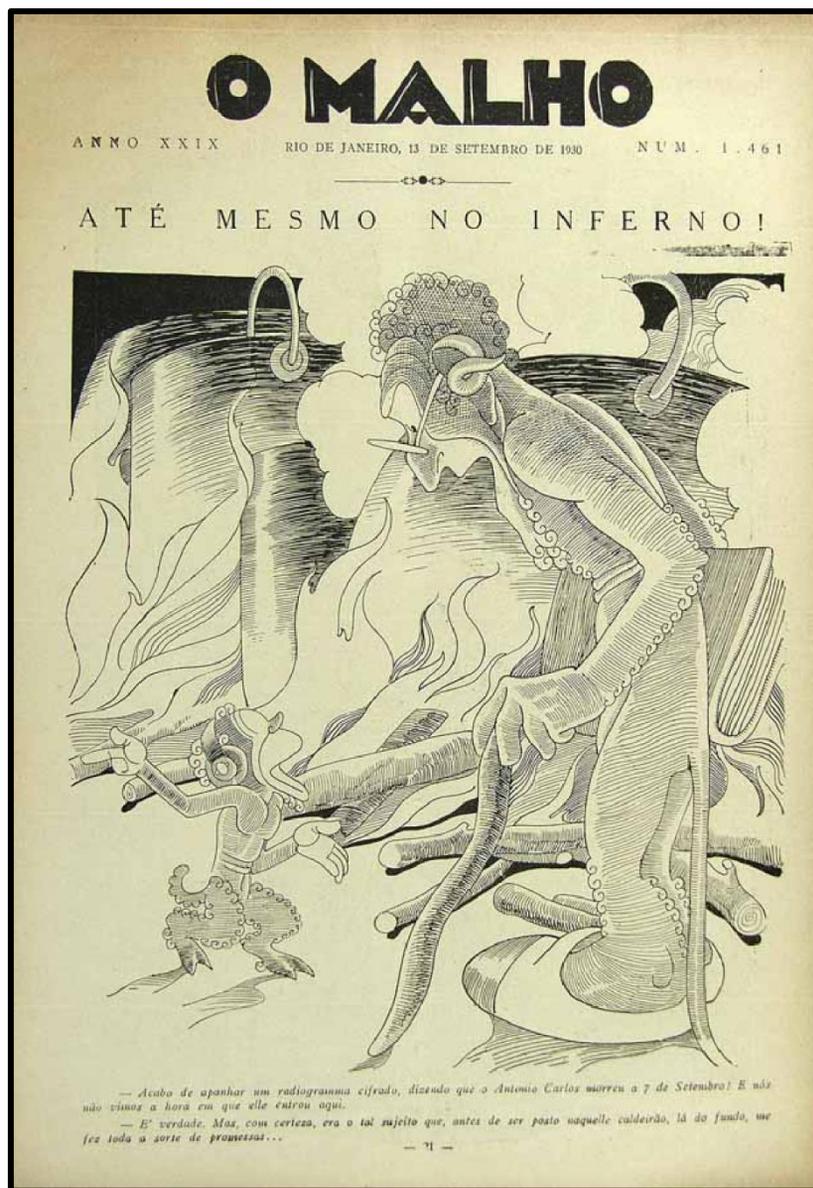
Em caricatura de capa denominada “A vestal”, em referência irônica a uma pureza de intenções, o magazine ilustrado trazia uma declaração de Eptácio Pessoa acerca do descrédito brasileiro no exterior, o qual teria advindo da “triste situação” a qual o governo de Washington Luís levava o país, postura considerada inadmissível por se tratar de um político que fizera oposição ao Presidente, tanto que o paraibano pedia a opinião do Jeca acerca de seus posicionamentos, diante do que este mantinha o foco cravado na ironia, ao constatar que o político teria “autoridade” e poderia falar “de cabeça erguida”, por ser um “homem que não tem rabo”, ao passo que, no desenho, apareciam dois farrapos grudados ao casaco do ex-Presidente lembrando escândalos que haviam ocorrido em torno de seu nome. Uma outra ilustração fazia alusão ao final do mandato de Antônio Carlos no governo mineiro como o fim de sua carreira, bem como a sua morte política, tanto que a revista mostrava um âmbito infernal no qual um pequeno demônio suspeitava da entrada do político naquele ambiente, ao que o diabo confirmava, apontando que deveria ser o sujeito que, mesmo atirado um caldeirão, não deixava de fazer todo o tipo de promessas, em evidente olhar crítico sobre ele. A dubiedade de posições do chefe político gaúcho Antônio Augusto Borges de Medeiros foi várias vezes apontada pelo periódico, que voltou a fazê-lo em setembro de 1930, mostrando o velho governante a acender “uma vela a Deus e a outra ao diabo”, ou seja, uma favorável à causa governista e outra aos rebeldes aliancistas. Lembrando o nome do palácio governamental mineiro, a folha brincava com o jogo de palavras entre “liberdade”, vista sob um prisma positivo, e “liberalidade”, observada sob conotação negativa, mostrando o governante que assumia,

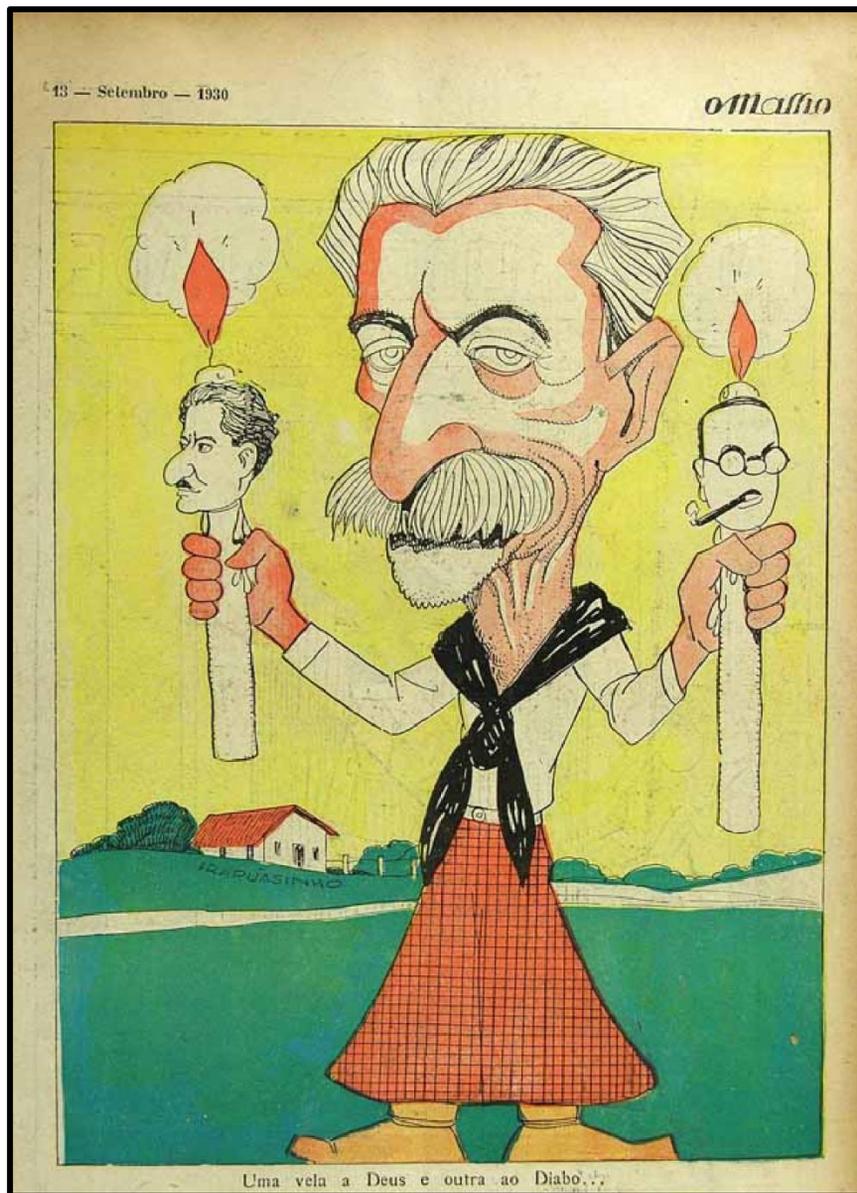
Olegário Maciel, “moralizando a fachada”, ao trocar a segunda pela primeira, além de informar ao também mineiro e aliancista, Artur Bernardes, que sua providência era de providenciar uma limpeza no frontispício do prédio, que foram modificados pela ação de Antônio Carlos, identificado como “falecido”, mais uma vez em alusão aquilo que era considerado como o encerramento de sua carreira. A atuação dos políticos gaúchos era vista como um divertimento, na qual estes atuavam como marionetes manipuladas por Borges de Medeiros, sob o olhar de Getúlio Vargas. O enterro de Antônio Carlos Ribeiro de Andrada foi o mote de ilustração cômica e sarcástica do semanário, que trazia o caixão sendo carregado pelos aliancistas, enquanto ao fundo, os governistas comemoravam com foguetório, ao passo que vários dos presentes traziam cartazes que lembravam os desmandos políticos, administrativos e econômico-financeiros, além da violência política, a respeito de que o governante mineiro recebia acusações. A ambiguidade de Borges de Medeiros era mais uma vez a pauta, com a representação do Partido Republicano Rio-Grandense como um morcego, com toda a conotação negativa que simbolicamente traz tal animal, que, frente ao “braço forte” do governo federal, por vezes mordida e, em outras assoprava, levando em conta a interpretação pela qual se tratava de um indivíduo falso e/ou hipócrita, que indivíduo falso, que critica alguém ou algo e, em seguida, elogia ou releva o que condenara⁴³.

⁴³ O MALHO. Rio de Janeiro, 13 set. 1930.

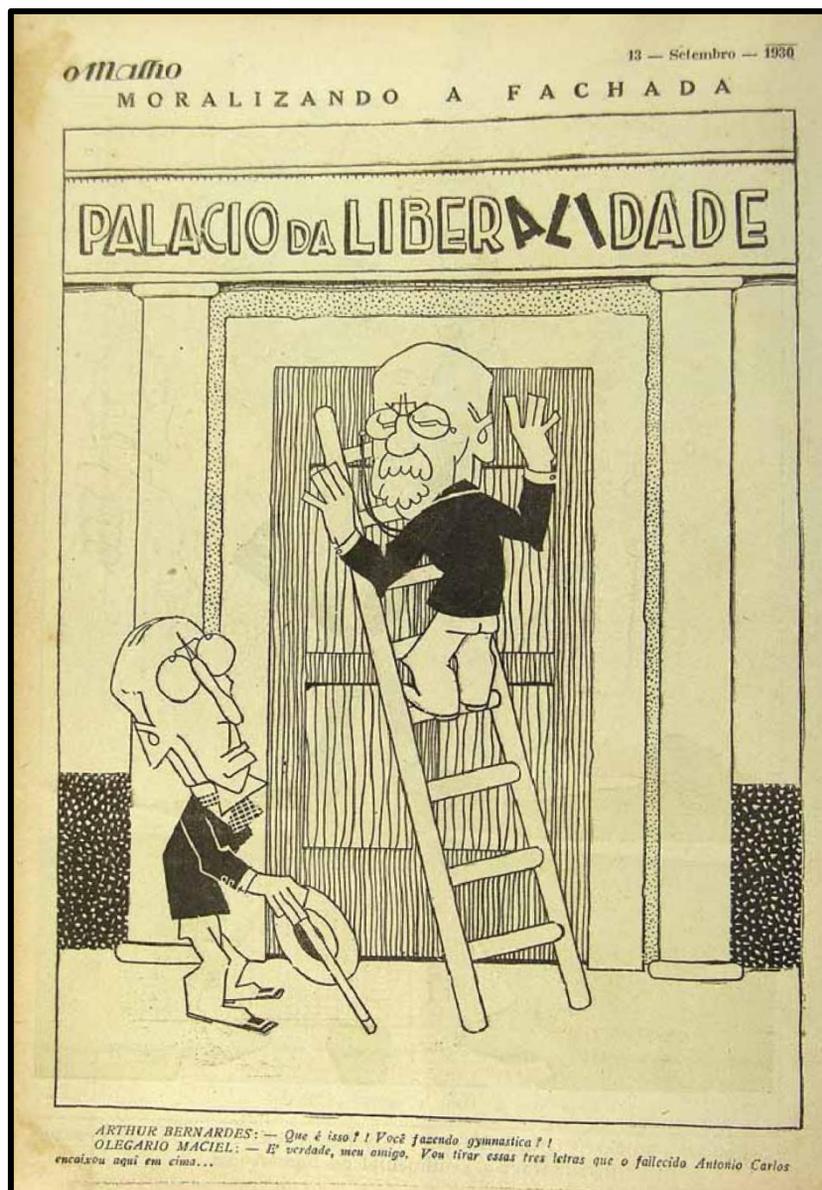


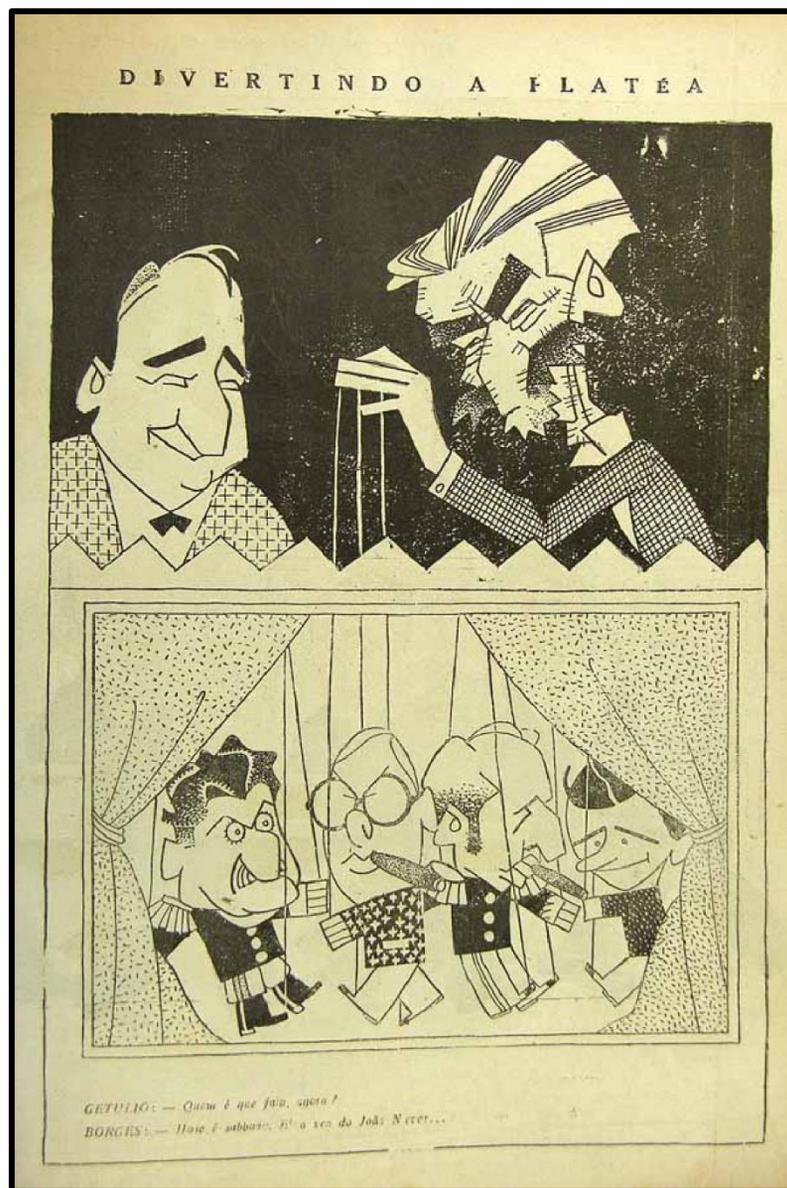
ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS

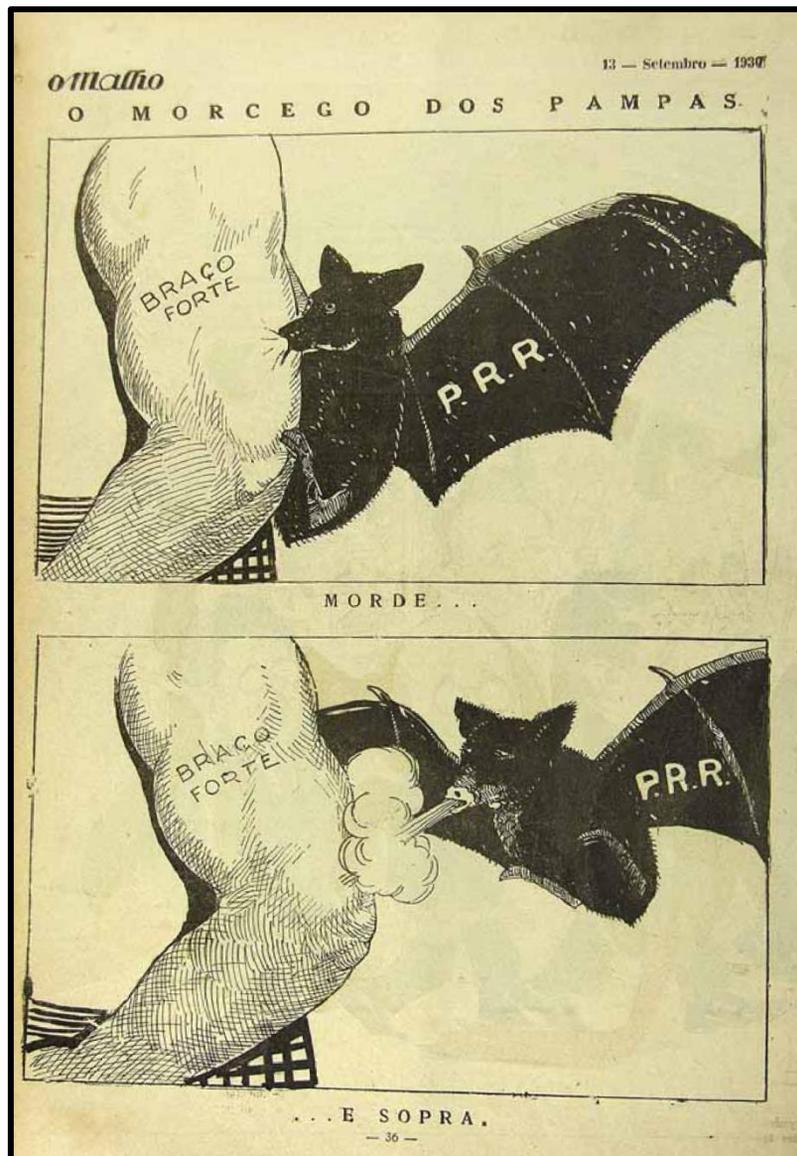




ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS





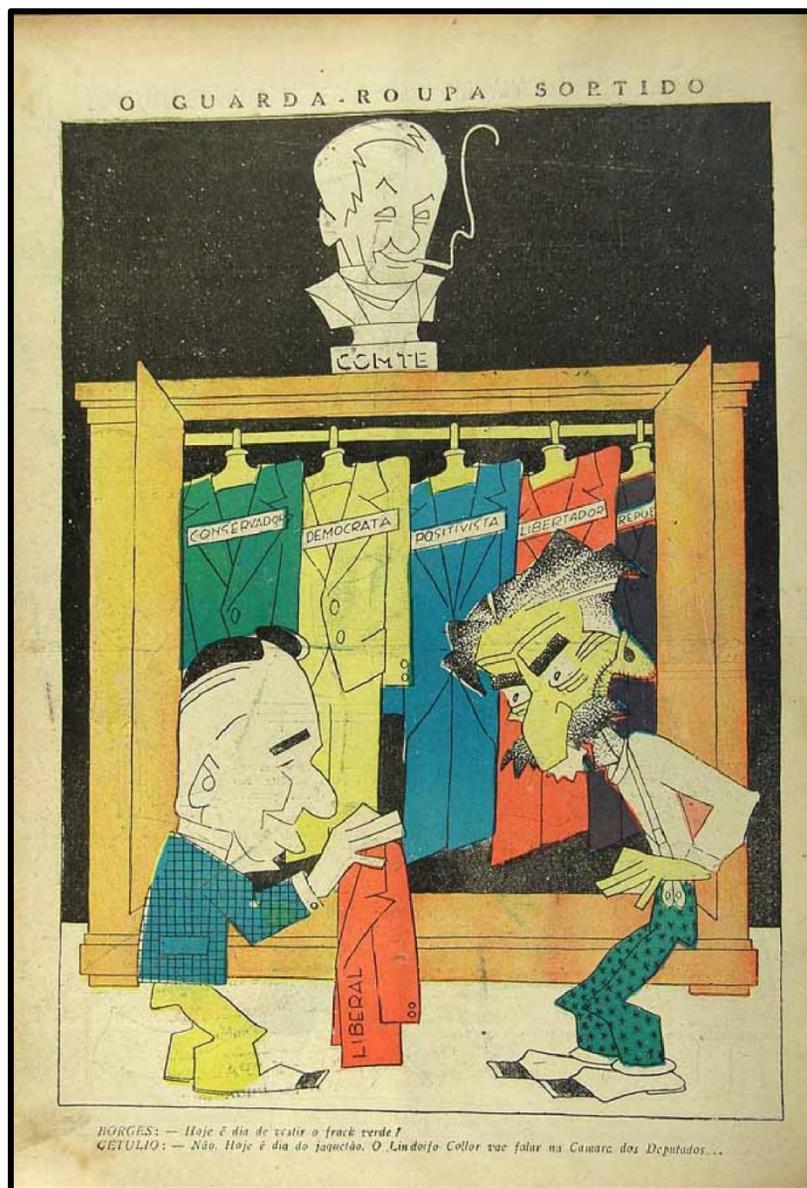


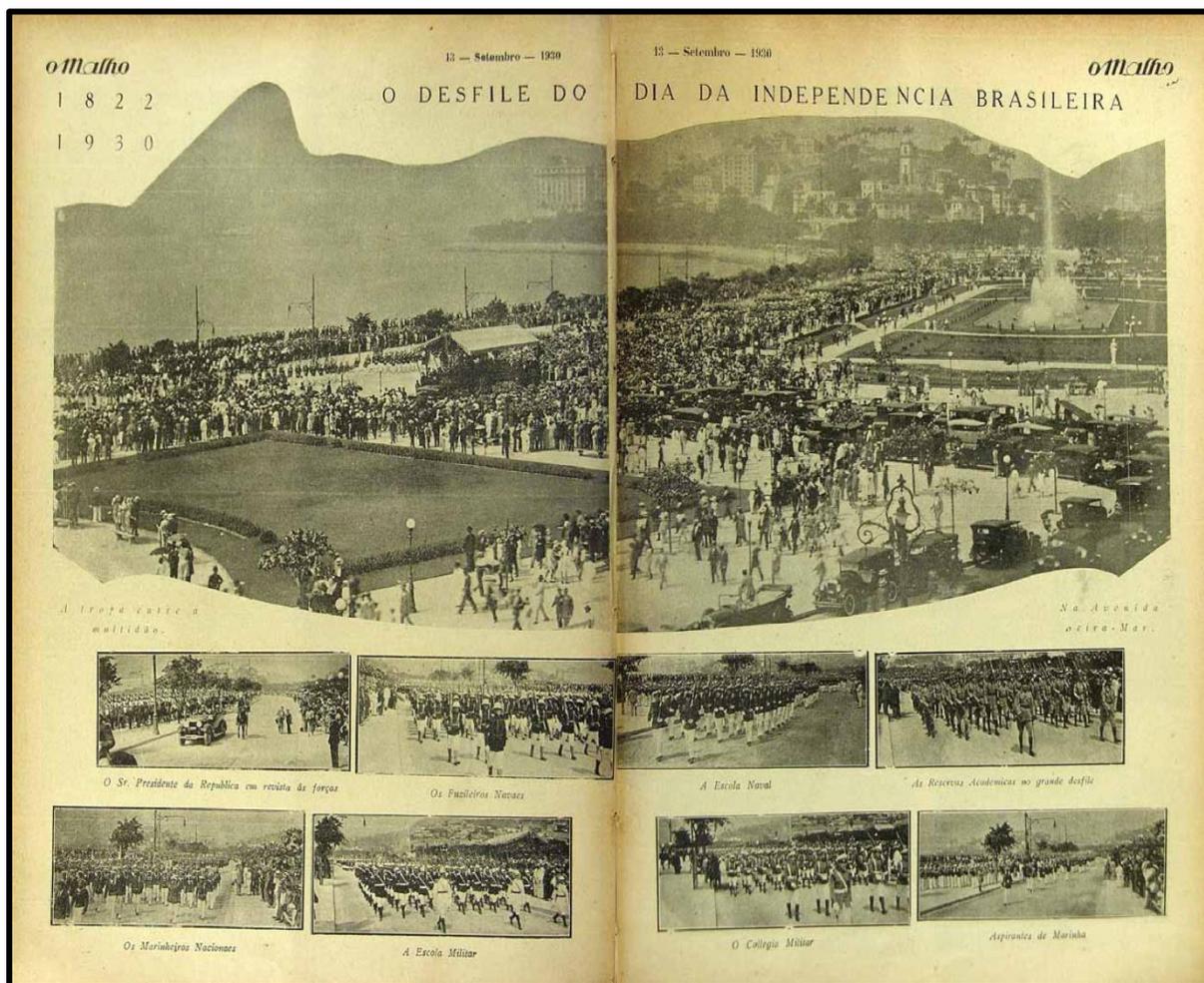
Em “Sociedade republicana Rio-Grandense de elogios mútuos”, o semanário ilustrado fazia graça com os políticos rio-grandenses aliancistas que dedicavam-se inteiramente a apresentar consagrações aos seus colegas de causa, em discursos elogiosos de João Neves da Fontoura (chamado pela folha de “Nanico”) para com Lindolfo Collor, deste para Flores da Cunha, deste para Osvaldo Aranha e deste para Batista Luzardo. Na vez de Luzardo fazer os elogios a Getúlio Vargas, a publicação buscava denotar uma certa insatisfação para com o candidato que estivera à frente da Aliança Liberal, uma vez que as expressões escolhidas para qualificá-lo iniciavam sempre por “ex”, ou seja alguém que deixara de ser, em referência a um suposto abandono da causa daquele que deveria ser um exemplo para os “apóstolos da caminhada liberal”. A falta de unidade político-partidária e mesmo ideológica dos líderes aliancistas gaúchos era demonstrada em caricatura na qual figuravam Getúlio Vargas e Borges de Medeiros que, sob a inspiração do busto de Augusto Comte e de uma versão utilitarista para com seus princípios, encontravam-se em frente a um guarda-roupas, no qual apareciam os ternos que poderiam ser utilizados – liberal, conservador, democrata, positivista, libertador ou republicano – de acordo com as circunstâncias reinantes. Além das caricaturas de combate aos aliancistas e do apoio ao governo de Washington Luís, o magazine carioca, em suas tradicionais coberturas embasadas na fotorreportagem, buscava demonstrar que o país não estaria alterado por supostos rumores de rebeldia, permanecendo uma situação de ordem e tranquilidade, como foi no caso dos registros acerca das solenidades do 7 de Setembro⁴⁴.

⁴⁴ O MALHO. Rio de Janeiro, 13 set. 1930.

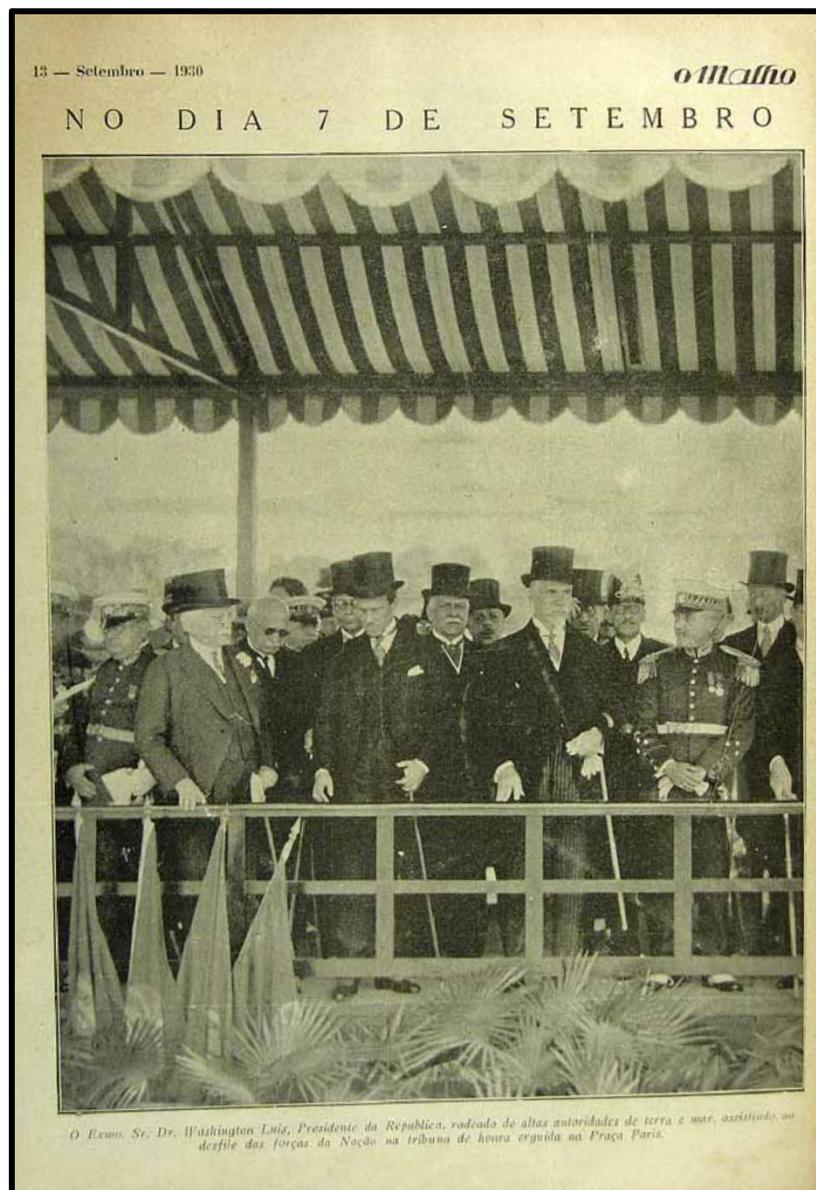


ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS





ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS



A seção destinada aos temas políticos semanais, “Os sete dias da políticas”, ressaltava a ação do governo federal no Rio Grande do Sul e as reações das lideranças sul-rio-grandenses, consideradas como de fundo belicoso⁴⁵:

A presença do Exército no Rio Grande, que foi, em todos os tempos, o acampamento maior das forças nacionais, já não agrada aos seus homens. (...) Mas, santo Deus! que quer essa gente? Leva um ano inteiro a encher o país de temores das suas armas em atitude agressiva e depois se queixam que os ameaçados são eles... Muito boa esta! Se a União Federal tomou de fato alguma providência maior nos pampas, foi sem dúvida a isto forçada pelos mesmos. (...) Com isto, não ofendeu em nada o Rio Grande, nem tampouco o ameaçou. Defende-se quando muito, defendendo-o também contra a anarquia em que pretendem atirá-lo os desassisados que tomaram a seu cargo comprometer-lhe o nome.

Essa gente, se tivesse lógica, até veria nessa medida uma prova de que os responsáveis pela tranquilidade do Brasil, não atem assim em tão má conta. Mostraria com ela ao menos que não os julgou capazes só de gritarem revoltas, sem propósitos de realizá-las.

Quanto ao governo da República, este se colocou sempre apenas no seu lugar, já procurando evitar a luta, já aceitando-a mesmo nesse ingrato terreno a que o quiseram arrastar. Esta, a justiça que a própria terra do minuano não lhe nega em consciência.

Quanto a outra das frentes aliancistas, o periódico destacava que “a Paraíba integrou-se definitivamente na paz”, conforme teria sido comunicado pelo seu Presidente a Getúlio Vargas e Antônio Carlos. Nesse sentido, considerava que ficava extremamente limitada “a criminosa agitação ‘liberal’”, estando “perdido o seu cavalo de batalha”, prevendo que tal frente deveria ter de

⁴⁵ O MALHO. Rio de Janeiro, 13 set. 1930.

arrear “de vez a mochila, que na verdade já estava afundando a carcaça”. Observava que, “como corolário dessa verdade decorre a observação moral de confessá-la ao país e dar por findo o combate à falta de combatentes”, ou ainda, “do que combater”. De acordo com o semanário, a Paraíba se convencera de que fora traída, verificando “a triste mistificação de que era vítima, em nome da sua própria dignidade”, dedicando “aos seus desalmados exploradores o desprezo”, além de estar “confessando o lamentável engodo em que caiu a sua alma simples”, vindo a entregar “ao julgamento da nação os criminosos que a tanto a induziram, infelicitando-a”⁴⁶.

A saída de Antônio Carlos do poder, assim como fizera por meio da arte caricatural, foi também enfatizada por meio da construção textual⁴⁷:

Afinal deixou o Sr. Antônio Carlos o governo sem ter o prazer de realizar a revolução como sonhava dia e noite!

Não é que não tivesse feito esforços.

Não, até os últimos instantes de seu domínio no Palácio da Liberdade, o homenzinho, apesar de “escanifrado”, pôs em ação, neste sentido, todas as suas restantes energias. Apenas no momento psicológico traíram-no miseravelmente uma índole e um temperamento em absoluto infensos às lutas desse gênero. Palaciano por instinto, o Sr. Antônio Carlos, tantas curvaturas fez ante o poder dos outros, que findou por não ter mais espinha para resistir à pressão das atitudes eretas.

Uma desgraça para um homem que depois haveria de ser governo também!

Para intrigar, sim, sobravam no neto do patriarca qualidades de primeira. Daí, entre a atirar-se ao campo dos recontros sangrentos, preferir S. Ex. os tais golpes florentinos de que se gaba, renegando ao que parece a sua origem inglesa.

⁴⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, 13 set. 1930.

⁴⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, 13 set. 1930.

Em matéria de guerra, ele vai simplesmente até os seus preparativos, na tola convicção de que com isto mete medo ao adversário. Do momento em que a coisa tem de entrar em ação, o herói espera que o agridam... com os correligionários que tomam a frente! (...)

Tudo isso, porém, ficou apenas nos desejos do sombrio instigador da anarquia nacional. À última hora, como sempre, a coragem lhe faltou, e o homenzinho entregou tudo o que não era seu sem protesto e, o que é pior, sem ter tido o diabólico prazer de chefiar um levante por menor que fosse!

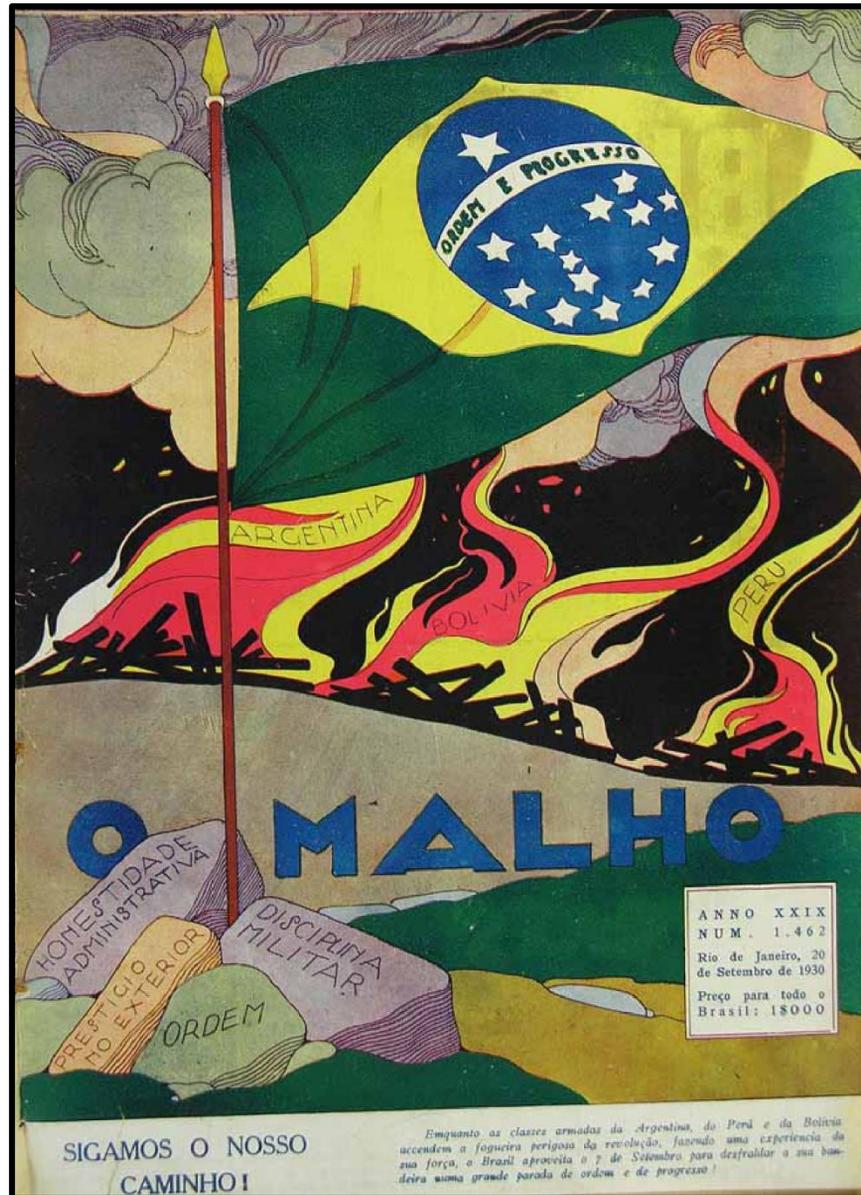
Da morte em combate livrou-se ele... Mas quem nos diz que a raiva impotente não o mate, agora que se vê desprezado pelos seus mais íntimos, e só, com o seus remorsos, no fundo do mais negro ostracismo?! Talvez que a sua clássica frieza medular o proteja contra as comemorações dessa espécie... Ele não tem capacidade para sacrificar-se. Vítimas fará o Antônio Carlos Ribeiro de Andrada sempre que o puder!

O Sr. Washington Luís que se previna, portanto, com o seu mau olhado...

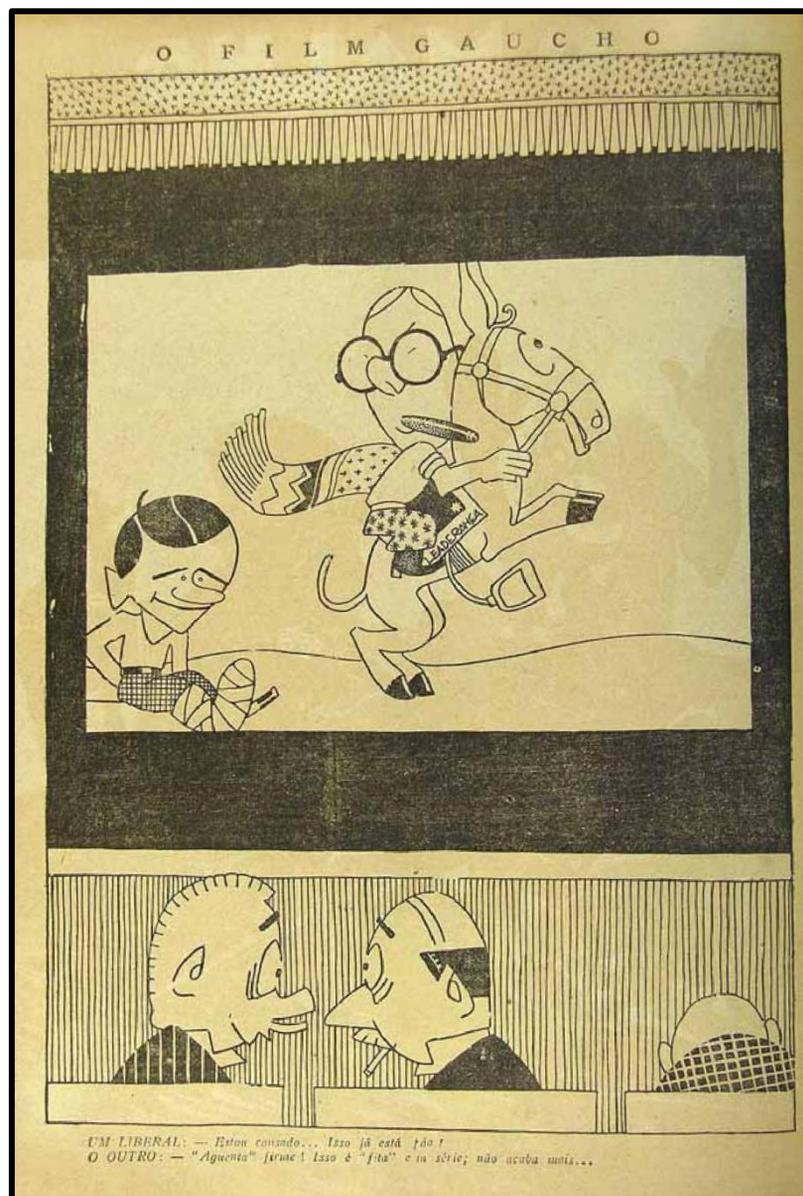
Firmando seu crédito na manutenção da ordem no país, *O Malho* estampou capa na qual predominava a bandeira nacional, cujo mastro se encontrava firmemente alicerçado em rochas que designavam a “ordem administrativa”, o “prestígio no exterior”, a “ordem” e a “disciplina militar”, em contraste com os incêndios rebeldes que tomavam conta de alguns dos vizinhos sul-americanos. Nessa linha, exortava todos a seguir “o nosso caminho”, mantendo o lema de “ordem e progresso” do estandarte nacional, enquanto “as classes armadas” dos países lindeiros acendiam “a fogueira perigosa da revolução”. A ação dos pretensamente rebeldes gaúchos, no caso Lindolfo Collor e Neves da Fontoura, era vista como uma apresentação de cinema, cujos espectadores “liberais” já não tinham mais interesse, tendo em vista a constante repetição da fita. Ao assumir o governo mineiro, Olegário Maciel era

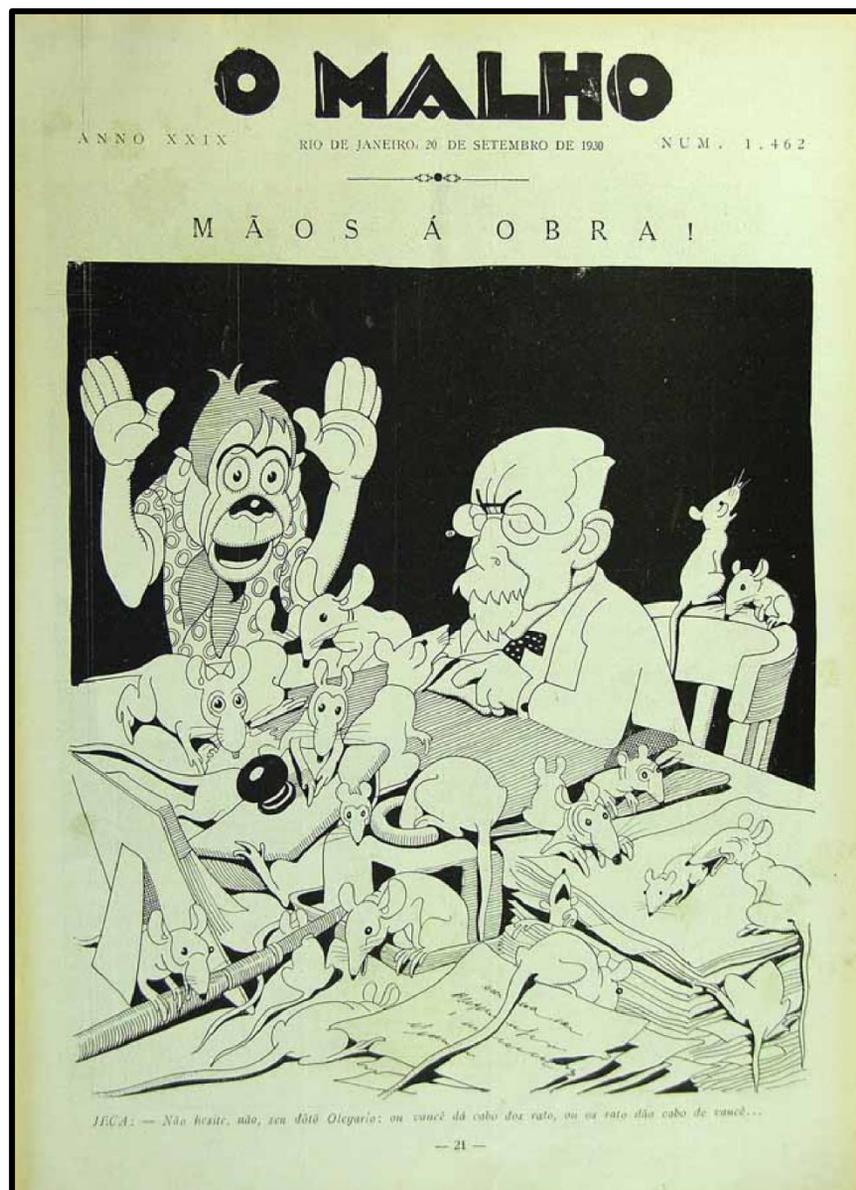
aconselhado pelo Jeca a exterminar os ratos que tomavam conta da administração pública – levando em conta que tal animal, furtivo por natureza, foi utilizado tradicionalmente pela arte caricatural para designar a corrupção –, caso contrário o exterminado poderia ser o próprio político. Levando em conta a morte política que atribuía a Antônio Carlos, o magazine mostrava o político mineiro como um esqueleto que tentava conseguir uma vaga no Senado, sendo impedido pelo também mineiro, senador Júlio Bueno Brandão. Carregando o órgão estomacal na mão direita, levantando-lhe figurativamente acima de um montanha que simbolizava o Brasil, Epitácio Pessoa era mais uma vez criticado por cobrar do governo subsídios pela sua atuação como representante em órgão internacional sediado em Haia, concluindo a folha que ele estaria “colocando o estômago acima da pátria”, ou seja, deixando seus interesses pessoais e pecuniários sobrepor-se aos nacionais. Os princípios comtianos foram utilizados pela revista para fazer pilhéria, com a aplicação de um “*conto* do Augusto Conte”, ao mostrar o encontro de dois esqueletos no cemitério, um da “finada Aliança” e outro do “falecido Antônio Carlos”, com este confirmando a sua chegada à morada final, pois pretendia dali “dirigir a política do país”, ao seguir a premissa positivista pela qual os vivos seriam cada vez mais governados pelos mortos⁴⁸.

⁴⁸ O MALHO. Rio de Janeiro, 20 set. 1930.

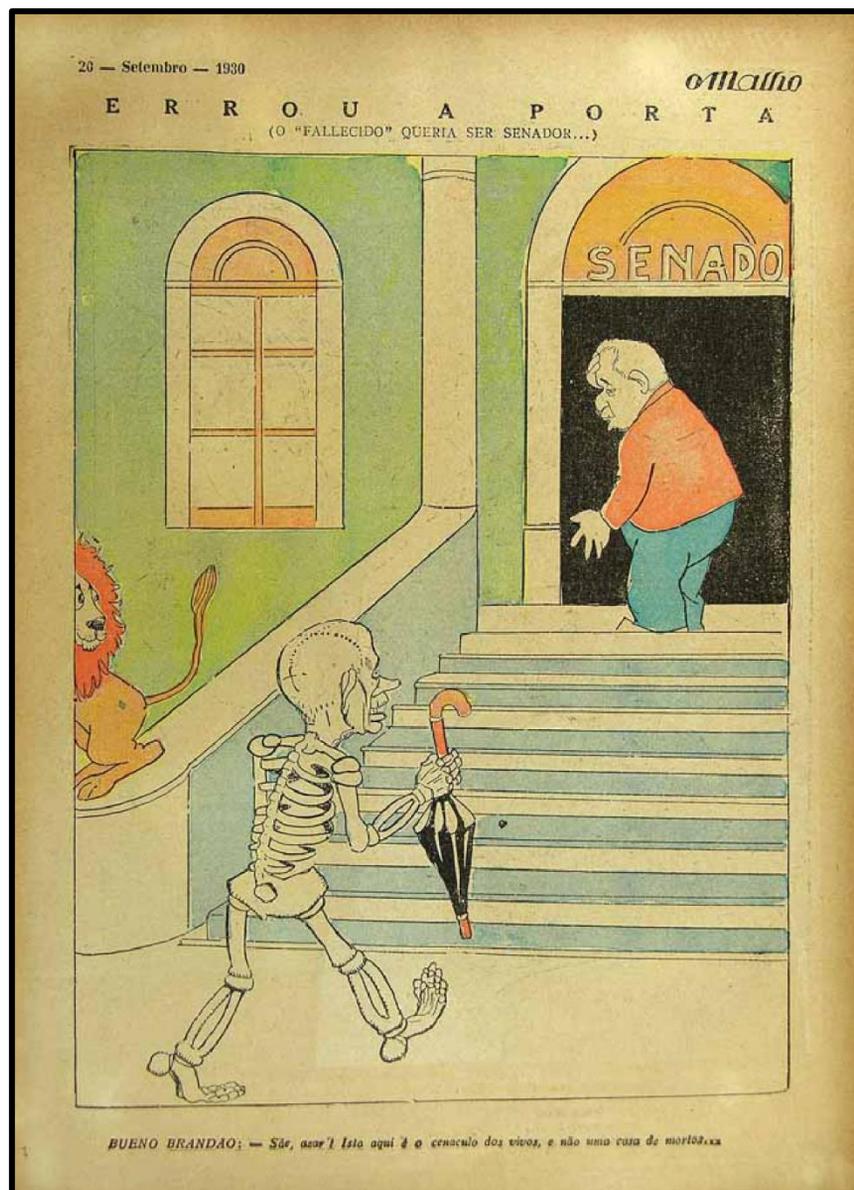


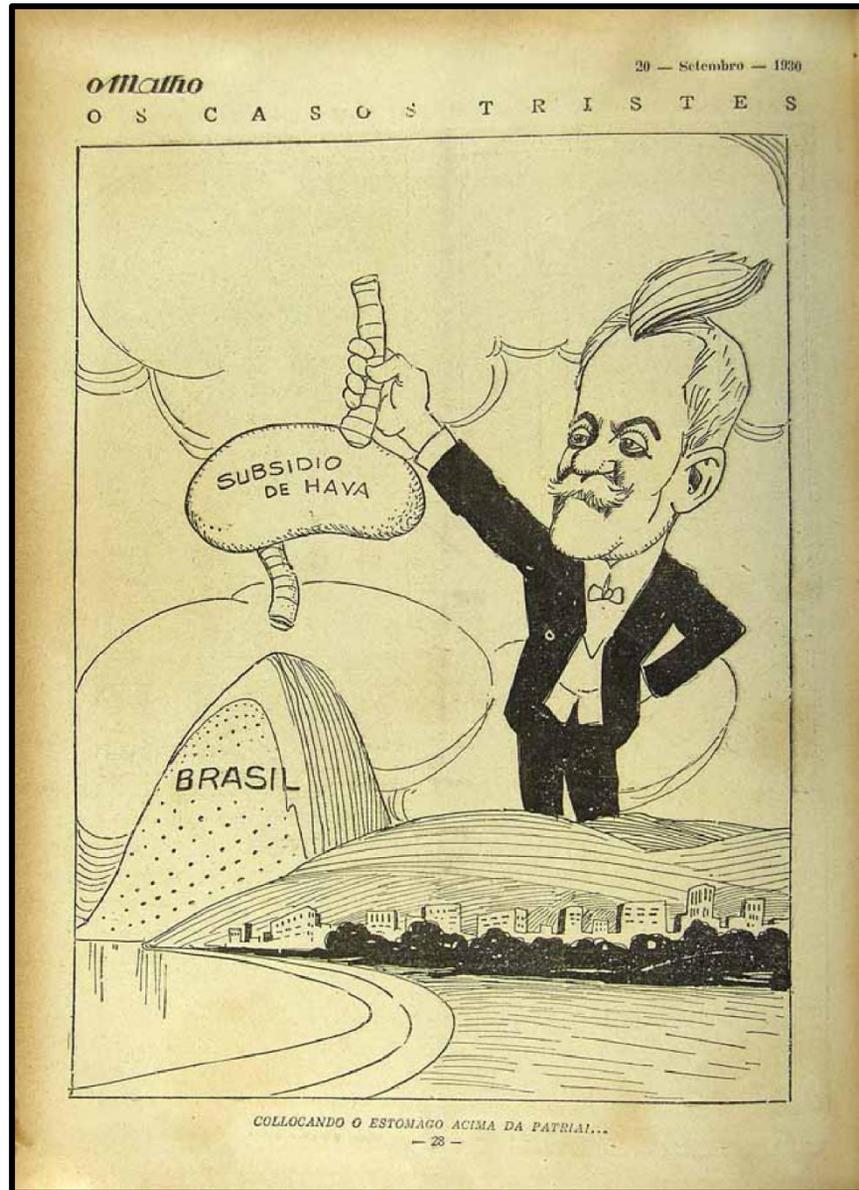
ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS



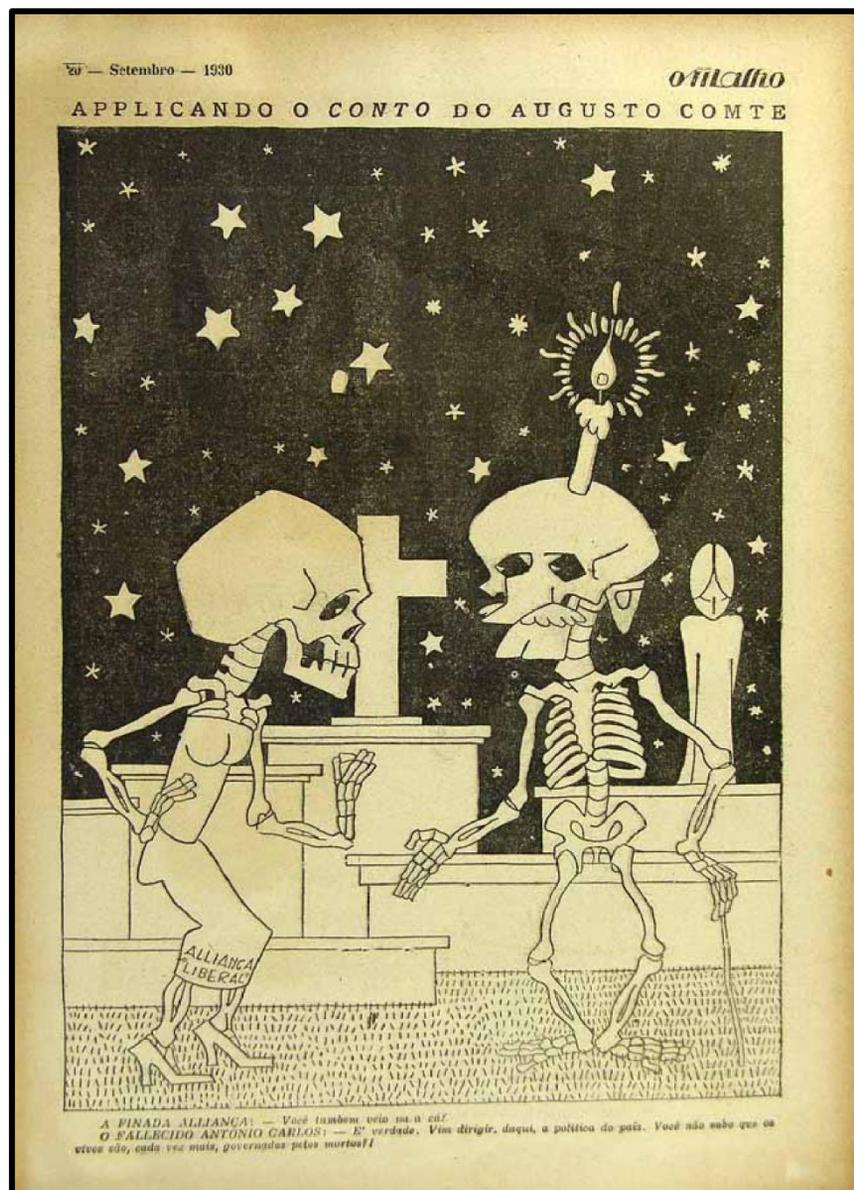


ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS





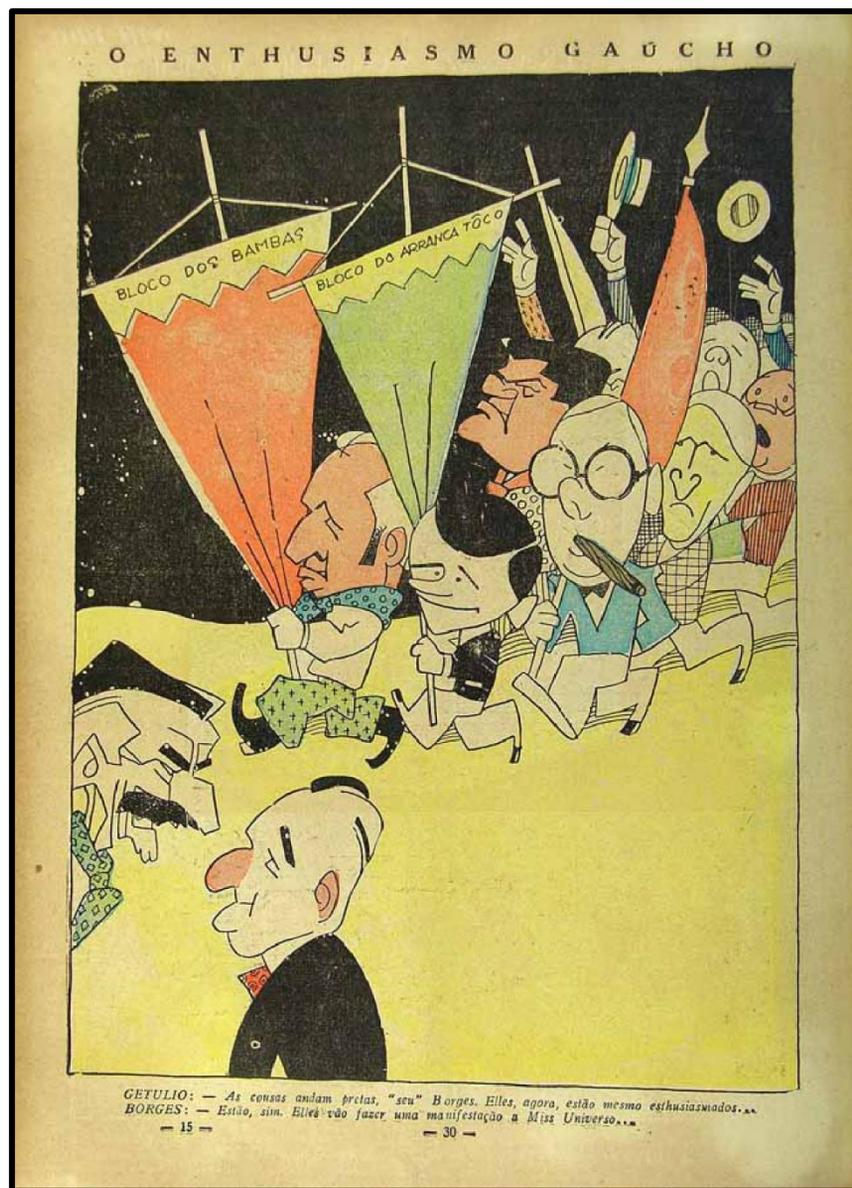
ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS



Fazendo pouco caso da agitação no contexto sul-rio-grandense, o periódico mostrava “o entusiasmo gaúcho” quase que como um desfile de blocos carnavalescos, no caso o “dos bambas” e o “arranca toco”, que passavam na frente de Getúlio Vargas, o qual observava-os como estando “mesmo entusiasmados”, ao que confirmava Borges de Medeiros, mas que tal ânimo não teria razões políticas e sim o de realizar “uma manifestação a miss universo”, a gaúcha Yolanda Maria Sabage Pereira. As censuras cairiam mais uma vez sobre Epitácio Pessoa, por, a partir de seu despeito, espalhar informações negativas a respeito do Brasil para o mundo, vindo a ser cobrado pela representação da nação acerca dos nefastos efeitos que o seu discurso de “derrotismo” trouxera ao país. O manifesto desejo dos gaúchos de amarrarem seus cavalos no obelisco em caso de vitória voltou a figurar, com os rio-grandenses tentando derrubar tal monumento identificado com o “governo constituído”, aparecendo O “Povo” a dizer que aquilo fora possível nos países vizinhos, mas não no Brasil e sua solidez institucional. Um encontro entre o “morto” Antônio Carlos e o cadáver de um “fornecedor do Estado de Minas” fazia referência aos desmandos administrativo-financeiros cometidos durante seu governo. O mesmo Ribeiro de Andrada, mais uma vez como um esqueleto era apresentado em “A fome de um defunto”, caricatura na qual ele ainda almejava conseguir uma vaga no Senado, aparecendo também o Jeca a explicar ao novo governador mineiro, Olegário Maciel, que, apesar de “morto”, Antônio Carlos ainda tinha o “estômago vivo”, estando bastante interessado em um subsídio⁴⁹.

⁴⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, 20 set. 1930.

ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS



20 — Setembro — 1930

o Malho

O P A T R I O T A

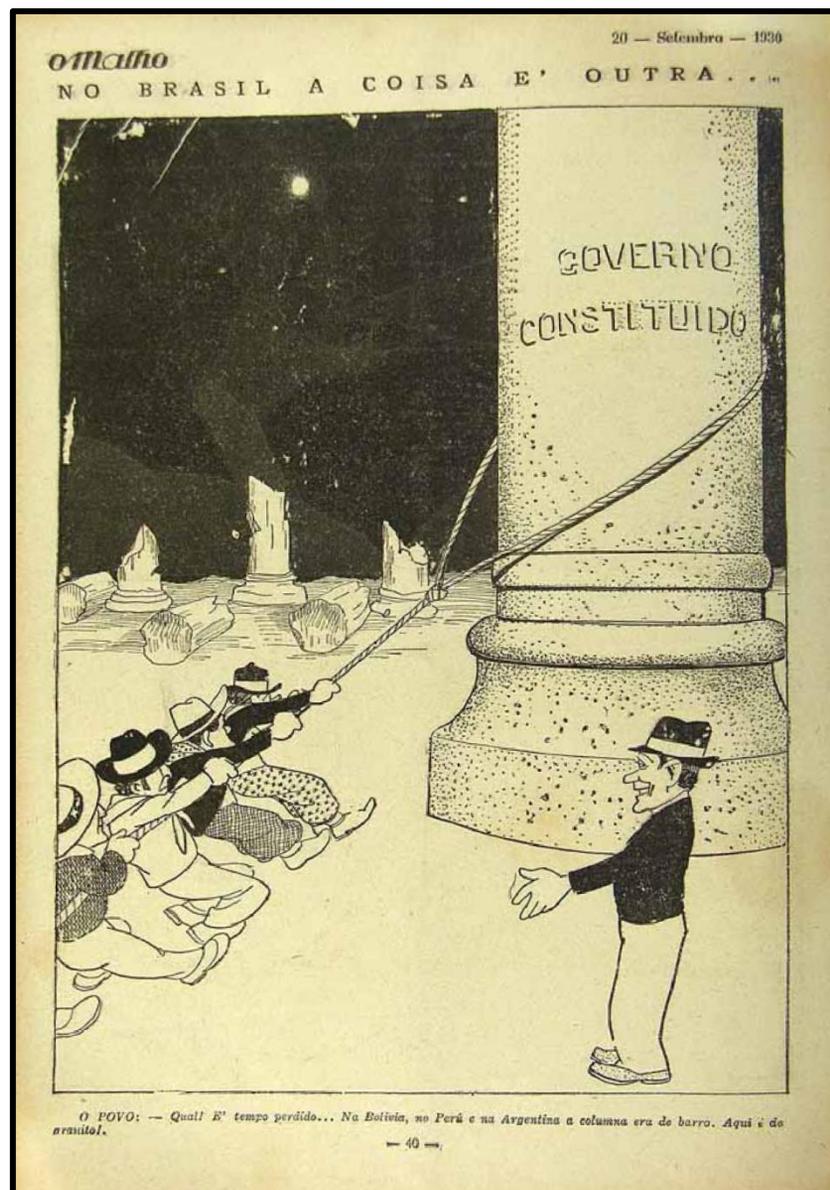


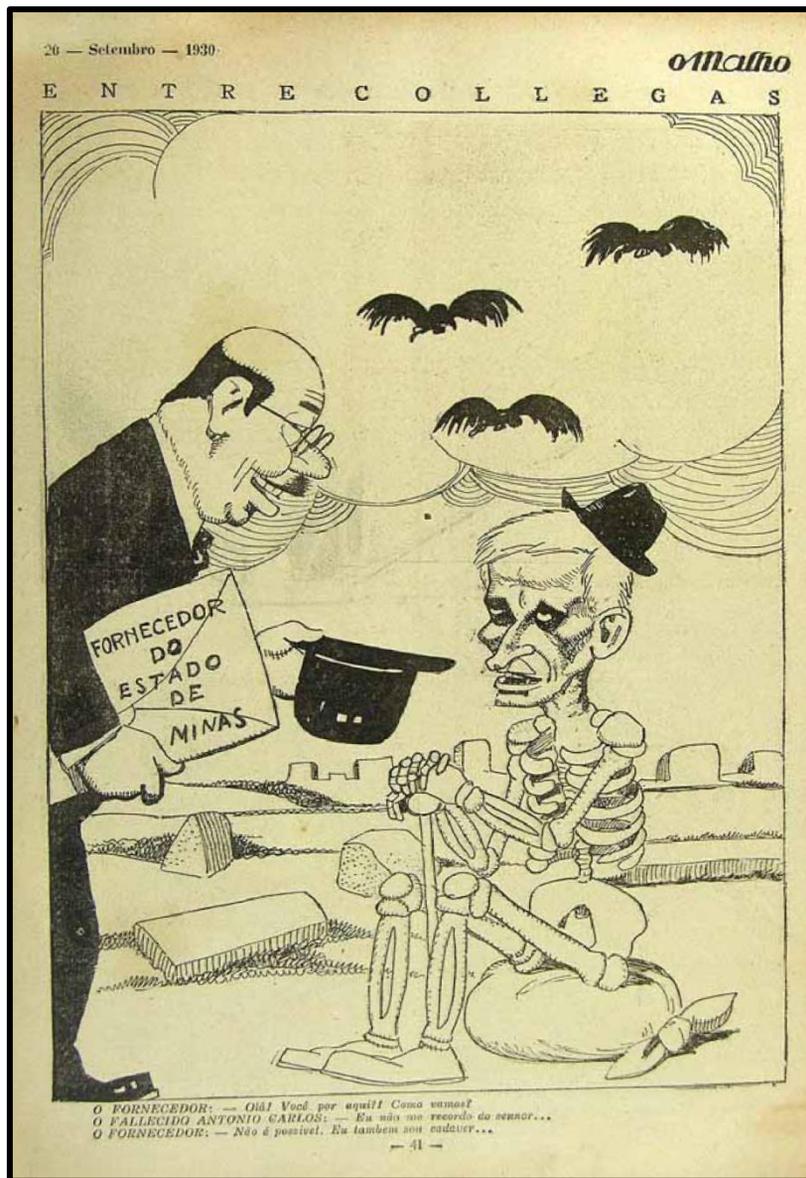
O alto-falante brasileiro internacional, depois de fazer a contra-propaganda do seu proprio pais,...



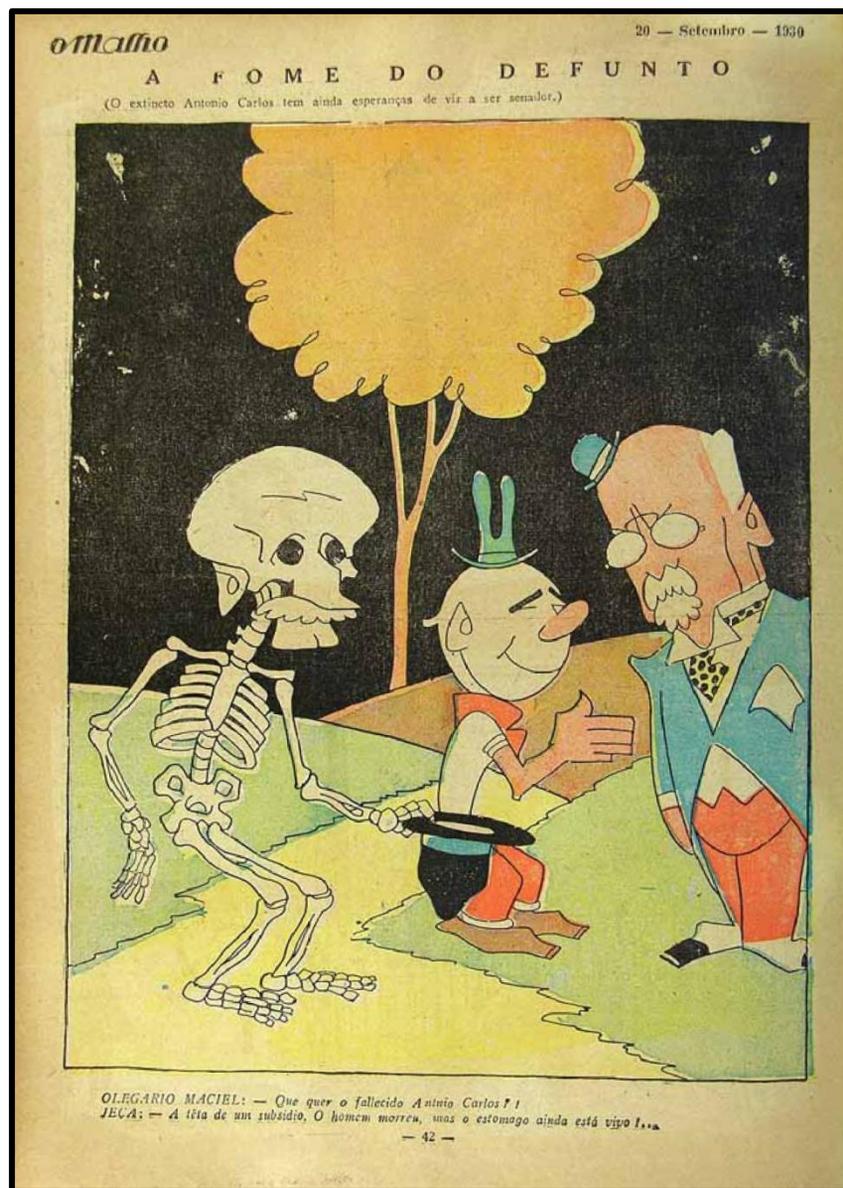
...admira satisfeito o effeito do seu trabalho!

ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS





ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS



O segmento “Os sete dias da política” trazia uma perspectiva otimista do hebdomadário acerca da ordem institucional brasileira, notadamente a partir de suas considerações acerca dos três Estados principais que haviam composto a Aliança Liberal. Segundo o periódico, o retorno de Getúlio Vargas à Presidência do Rio Grande do Sul poderia ser visto por dois prismas, um deles como “augúrios de paz definitiva” e o outro como “sinal ainda inquietante”, optando pelo primeiro, o qual era considerado como uma “hipótese mais lisonjeira”, vindo a apostar no “temperamento mais afinado visivelmente pelas tendências conservadoras”, que acreditava ser característico de Vargas, o que viria a confirmar “que o Rio Grande não aceita as responsabilidades de uma luta armada”. Diagnosticava também, observando o caso mineiro, que a Aliança desaparecera com o afastamento de Antônio Carlos do poder, demarcando que o novo governante do Estado não teria mais preocupações com o “destino da dita cuja”, de maneira que se poderia “dar como definitivamente extinta a agitação em Minas”, pois “a situação artificial que ali criou Antônio Carlos não podia subsistir sem o seu criador”, que “politicamente morreu” e o Estado não continuaria “a constituir um dos centros de atividades contrárias” ao “ideal patriótico”. Finalmente, quanto à Paraíba, demarcava que a influência aliancista ali deixara de existir, bem como ocorrera “a extinção de seu período revolucionário”, prevalecendo “a melhor garantia da ordem”, de maneira que o Estado nordestino seria “mais um centro de agitações que desaparece”. Diante de tais percepções, a folha concluía que “praticamente desapareceu a própria

Aliança, pelo menos com o caráter grave que lhe emprestavam sucessivas ameaças contra a estabilidade da nação”⁵⁰.

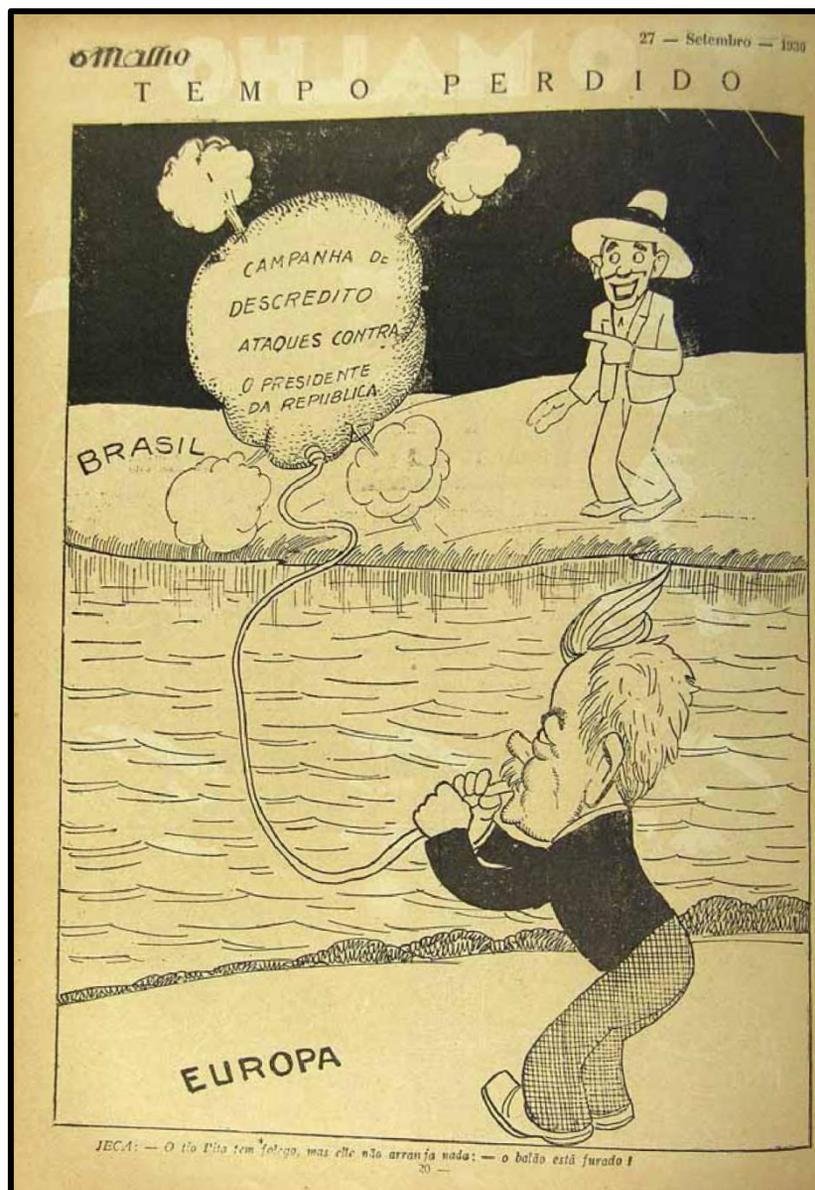
Em mais uma de suas capas dedicadas à temática política, sob o título “Na berlinda”, *O Malho* se referia à sucessão governamental em Minas Gerais, mostrando o Estado como uma figura feminina à frente do novo Presidente Olegário Maciel, mas contando com a cobiça de vários políticos, havendo a indicação do governador recém-empossado à relevância do apoio do governo federal para a continuidade administrativa. Em outra caricatura, a folha retornava ao tema da “campanha de descrédito” em relação ao Brasil e aos “ataques contra o Presidente da República”, que estariam sendo realizados por Epitácio Pessoa na Europa, e que inflavam um balão, diante do que o Jeca considerava tal atitude como risível e inútil, uma vez que o balão estava furado e as maledicências do ex-Presidente tornavam-se inócuas. Já o líder gaúcho Borges de Medeiros era mostrado como um “transformista”, que mudava de estilo de acordo com as conveniências e com seu interlocutor, aparecendo como um comtiano, um anjo, um demônio, um histrião, um eremita e um homem desprovido de juízo. Diante do quadro revolucionário de alguns países sul-americanos, apontado como essencialmente prejudicial, sendo cada nação representada por prédios em ruínas, a publicação carioca apostava na solidez do regime brasileiro, simbolizado por um edifício altíssimo e sólido, constatando o Jeca que frente aquele terremoto que sacudia a América Meridional, o Brasil resistia “maravilhosamente”⁵¹.

⁵⁰ O MALHO. Rio de Janeiro, 20 set. 1930.

⁵¹ O MALHO. Rio de Janeiro, 27 set. 1930.



ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS



O MALHO

ANNO XXIX

RIO DE JANEIRO, 27 DE SETEMBRO DE 1930

NUM. 1.463

O TRANSFORMISTA



1º — Dr. Borges "trazido" em politivista, depois de uma conversa com Augusto Comte.



2º — Dr. Borges, de Seraphim, após uma conferencia com o senador Paim.



3º — Dr. Borges, de Satanaz, em seguida a uma discussão com o general Flores da Cunha.



4º — Dr. Borges, bancando o palhaço, depois de uma combinação com o "ex-leader" João Namo.



5º — Dr. Borges, de ermitão, após uma entrevista com o presidente Getúlio.



6º — Dr. Borges, fazendo-se "místico", depois de uma reunião colectiva!

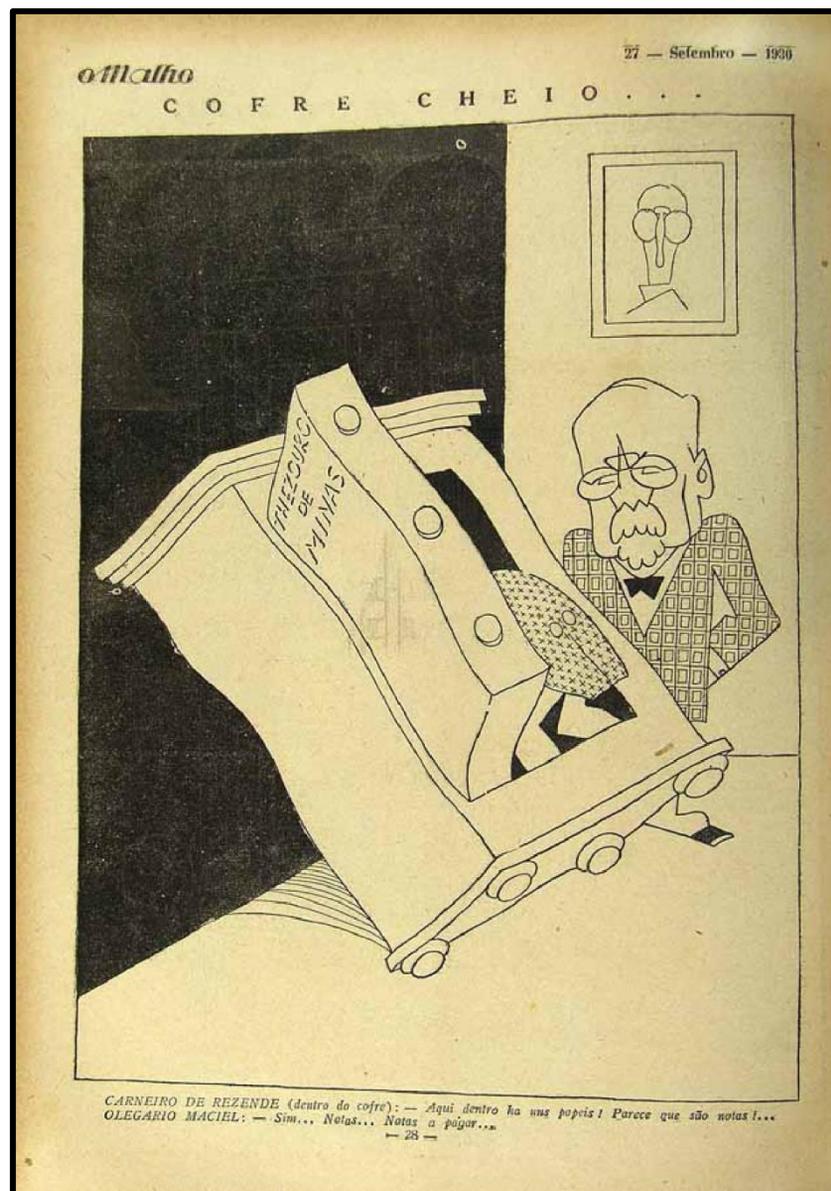
ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS

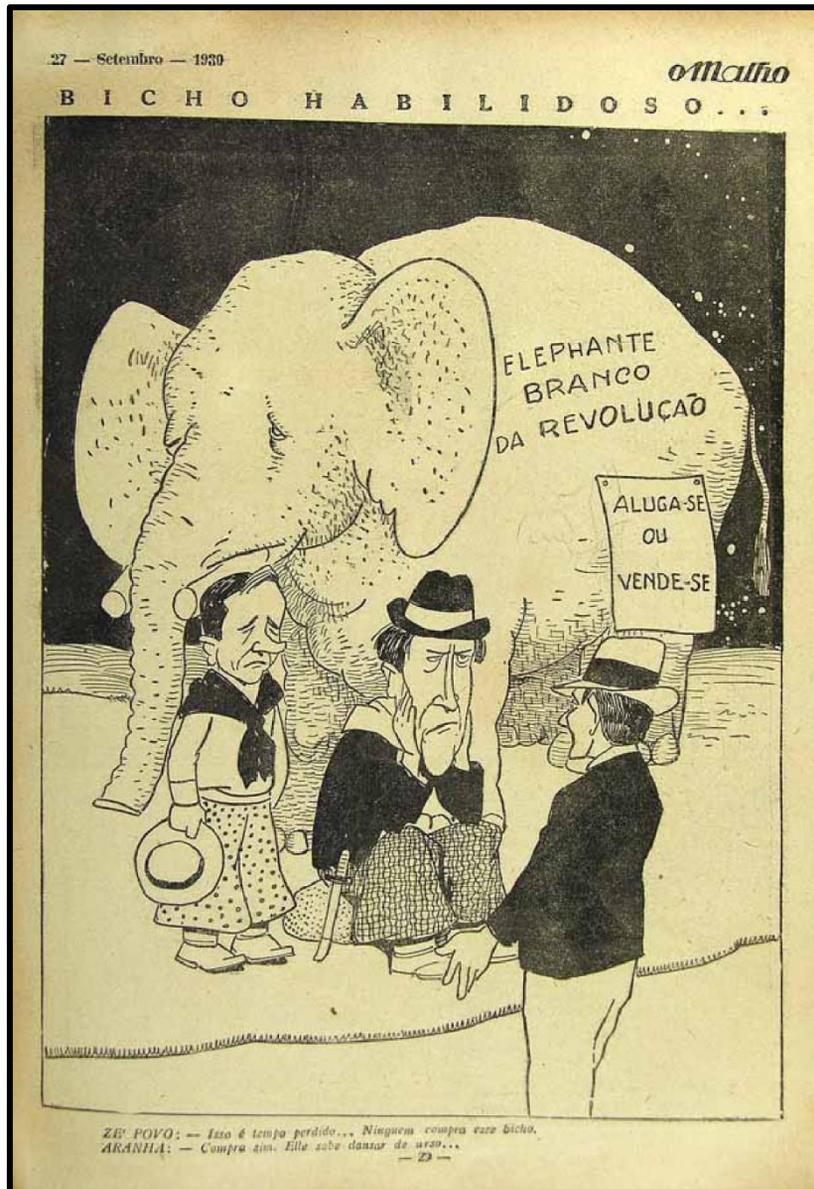


As críticas a Antônio Carlos estendiam-se mesmo após a sua saída do poder em Minas Gerais, como foi o caso da caricatura denominada “Cofre cheio...”, na qual o novel governante Olegário Maciel e seu secretário de finanças José Carneiro de Resende inspecionavam o “Tesouro de Minas”, representado exatamente por um cofre que se encontrava vazio, sendo encontradas apenas algumas notas, as quais o Presidente recém-empossado identificava como “notas a pagar”, em referência ao endividamento do Estado, que Ribeiro de Andrada deixara como uma de suas heranças. A perspectiva revolucionária foi comparada a um “elefante branco” – no sentido figurado de algo que representa uma despesa grande e de pouca utilidade ou valor –, que era colocado para alugar ou vender, pelos aliancistas gaúchos Neves da Fontoura e Osvaldo Aranha, vindo os mesmos a ser interpelados pelo “Zé Povo”, segundo o qual ninguém se interessaria em adquirir aquele bicho, ao que reagia Aranha, apontando que poderia haver sim compradores interessados, pois o animal também saberia dançar como um urso, em referência ao caráter multifacetado do movimento rebelde em fermentação. Também acerca dos aliancistas/rebeldes sul-rio-grandenses, o semanário mostrava que eles possuíam um “último reduto”, representado pelas manifestações discursivas expressas por meio da imprensa, com a divulgação de manifestos, discursos, entrevistas, telegramas, cartas, protestos e apedidos em profusão, através dos quais aquela “guarda moça” permanecia ativa, com as “baterias caladas” e não se rendendo⁵².

⁵² O MALHO. Rio de Janeiro, 27 set. 1930.

ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS





ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS

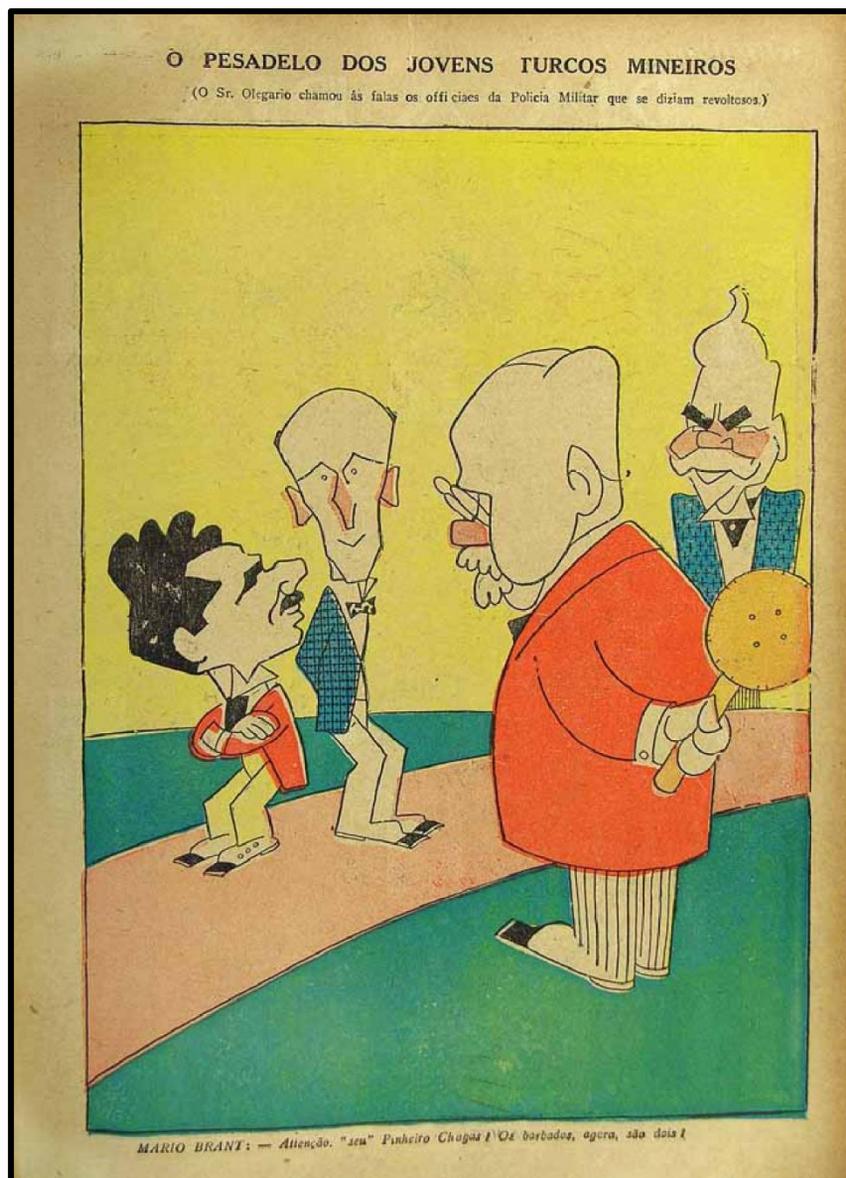


A intenção da publicação ilustrada de demonstrar que o país possuía momentos de tranquilidade institucional foi mais uma vez representada por um registro fotográfico acerca do “Convênio dos Estados cafeeiros”, que aparecia como um símbolo da continuidade da estrutura econômica que sustentava o regime vigente. Buscando identificar uma ala política mais radical em Minas Gerais, o magazine se referia ao “pesadelo dos jovens turcos mineiros”, que ainda teriam alguma pretensão revolucionária, mas que, segundo a folha, já estariam sob o controle do novo governador Olegário Maciel, que aparecia com uma palmatória à mão, pronto para puni-los, estando o aliancista mineiro Augusto Mário Caldeira Brant, que optaria pelo caminho da revolução, a indicar maior cuidado, pois agora se tratava de enfrentar dois “barbados”, em referência aos Presidentes de Minas e do Brasil. A folha ironiza uma declaração do gaúcho Osvaldo Aranha de que não teria intenções revolucionárias, entretanto aparecia como uma noiva cuja cauda lembrava os inflamados discursos em nome da rebelião que proferira anteriormente, o qual era segurado por outro partidário da revolta, João Neves da Fontoura, que aparecia como se fosse um menino, enquanto o Jeca constatava que o “ar de virgem” até caía bem no político rio-grandense, mas “o rabo” lhe entregava. O Estado de Minas foi também representado como uma “canoa furada”, que precisava navegar nas águas da “política federal”, enquanto Artur Bernardes cobrava providências e Olegário Maciel intentava realizar os consertos necessários. No contexto gaúcho, Borges de Medeiros, no papel de pai, buscava disciplinar seus correligionários Lindolfo Collor, Flores da Cunha, Osvaldo Aranha e Lindolfo Collor, indicando-lhes irem chorar na cama, ao invés de manter projetos rebeldes⁵³.

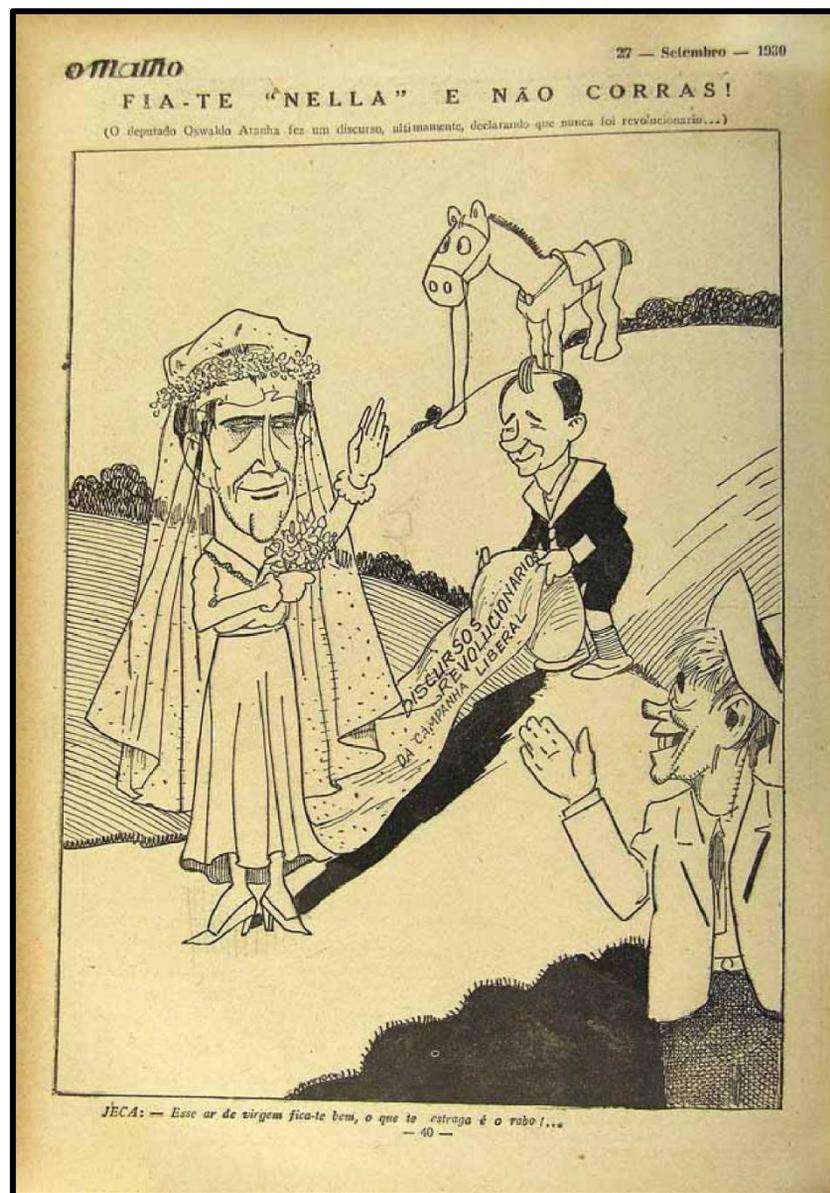
⁵³ O MALHO. Rio de Janeiro, 27 set. 1930.

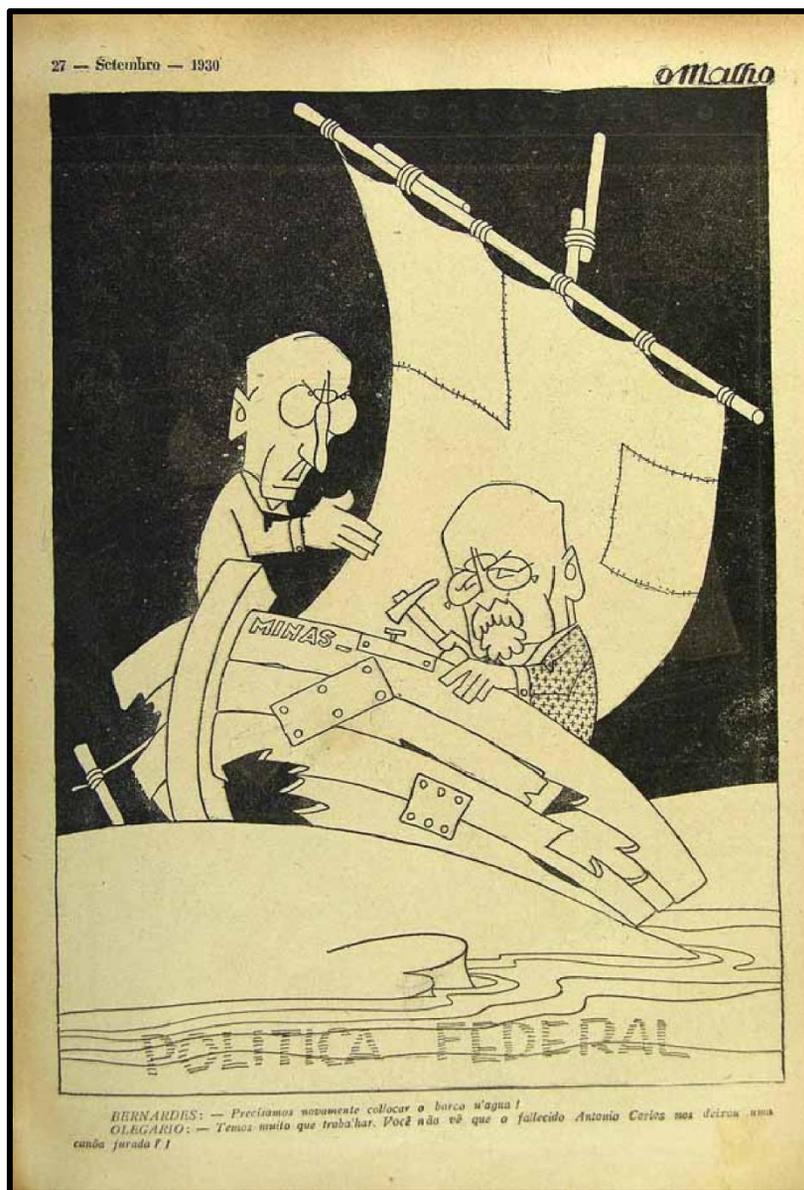
ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS



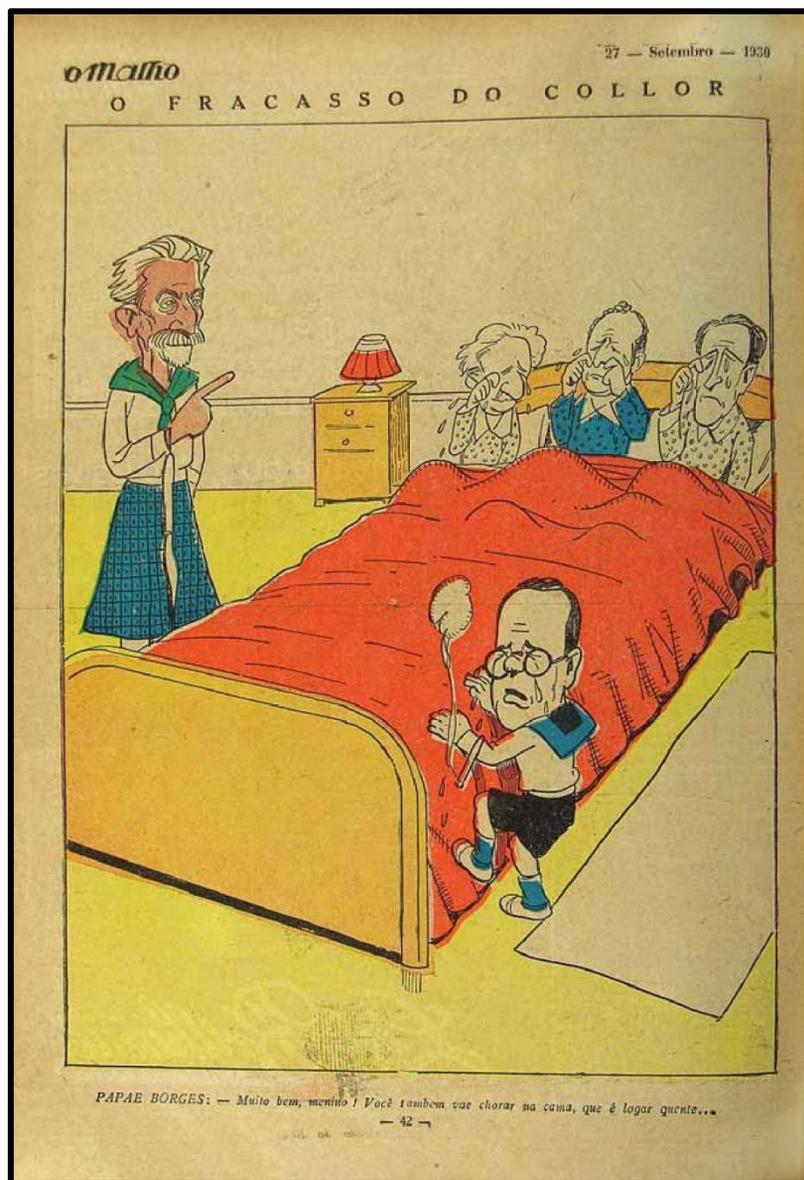


ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS





ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS



Na seção destinada à abordagem dos assuntos políticos, o periódico insistia no combate às tendências rebeldes, demarcando que “não contavam de certo os agitadores nacionais com a resistência que lhes tem oferecido o nosso meio”, que seria “por excelência conservador”, de maneira que, “desesperados das virtudes da própria ação”, eles teriam se voltado “agora para a influência das sugestões estranhas”. Segundo a folha, tais “agitadores”, ao invés de casos brasileiros, teriam passado a se espelhar em exemplos externos, mais especificamente da América do Sul, com a citação de três países, Bolívia, Peru e Argentina, considerando-os como “revolucionários desprovidos de lógica, ou antes de cultura”, por considerarem que tais focos rebeldes teriam alguma identidade entre si. Conjeturava ainda que não haveria afinidade entre as intenções daqueles “patriotas” e o conjunto da nação, uma vez que “ninguém recua do progresso, conquistado longa e penosamente, por gosto”. Além disso, a revista acusava “os atidores de motins, para alimentar a fogueira das suas tredas ambições políticas”, de estarem buscando adeptos em meio aos “ardorosos jovens das escolas”. Entretanto, para *O Malho*, tais intentos não iriam surtir efeito, apostando mais uma vez que a revolta não partiria nem do Rio Grande do Sul e nem de Minas Gerais⁵⁴.

No último número editado ainda antes do espocar revolucionário, pois já estava disponibilizado ao público em 4 de outubro de 1930, o magazine manteve sua postura de combate aos aliancistas. Já na capa, o alvo era mais uma vez Antônio Carlos, acusado não só de ter esvaziado o tesouro mineiro, como

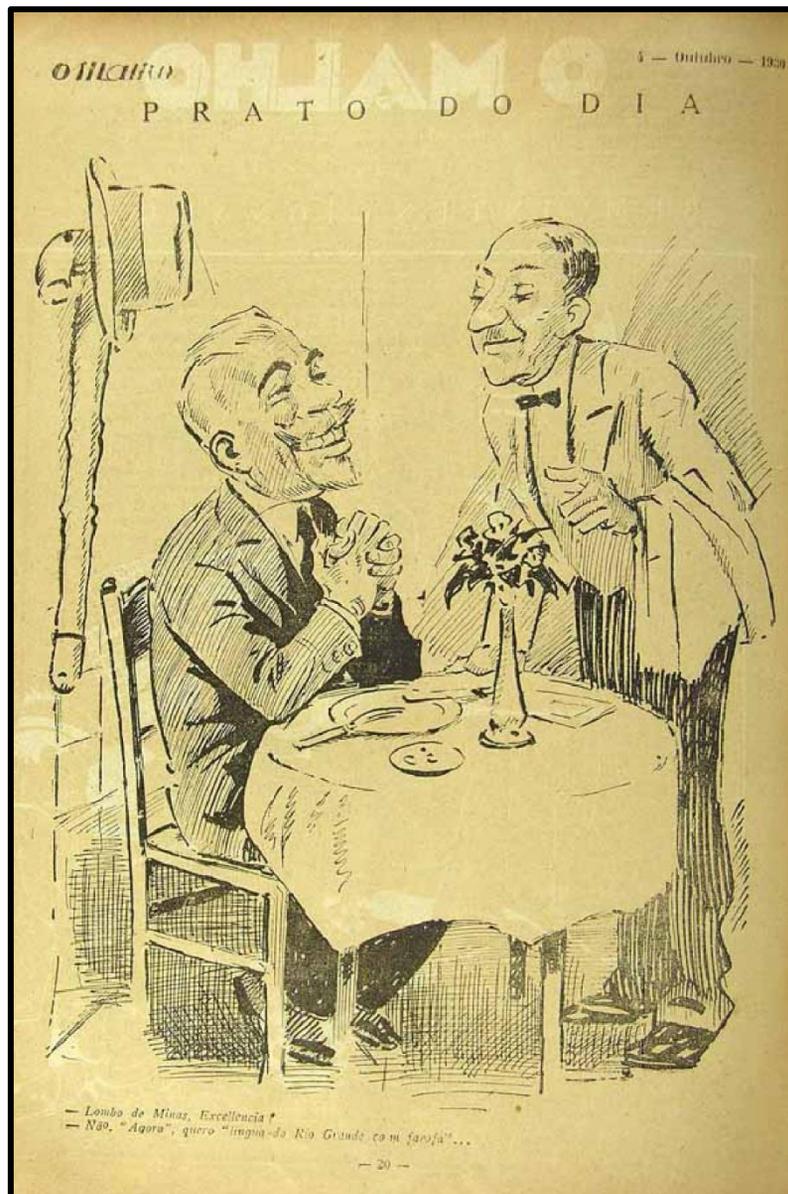
⁵⁴ O MALHO. Rio de Janeiro, 27 set. 1930.

também de praticar a ladroagem de utensílios comezinhos, como louças, cristais e roupas de cama, aparecendo a carregar tais objetos, correndo e sendo perseguido como um ladrão comum, enquanto uma série de ratos – em referência aos atos corruptos – completava a cena. Apesar de manter o espírito combativo, o periódico revelava certa preocupação com os ânimos políticos no contexto paraibano, rio-grandense e mineiro, revelados a partir de aspectos pontuais e episódicos, embora ainda acreditasse que as forças governistas iriam permanecer afastando das rotas nacionais “os escolhos que a pirataria política espalha em seu caminho”. Tal tendência de tranquilidade se revelava em caricatura denominada “Prato do dia”, na qual o Presidente Washington Luís sentava-se tranquilamente em um restaurante, ao passo que o garçom lhe oferecia um “lombo de Minas”, ao que ele respondia negativamente, dizendo preferir uma “língua do Rio Grande com farofa”, em referência a uma certa convicção de que o espírito rebelde estaria controlado no âmbito mineiro e sul-rio-grandense. O político de tendência mais radical Maurício de Lacerda, que apoiara a Aliança Liberal, aparecia como uma figura apontada ironicamente como “bem intencionado”, mas considerado como um mentiroso, sendo acusado de ter inventado o assassinato de “comunistas”, que teriam sido “fuzilados” pelas forças policiais⁵⁵.

⁵⁵ O MALHO. Rio de Janeiro, 4 out. 1930.



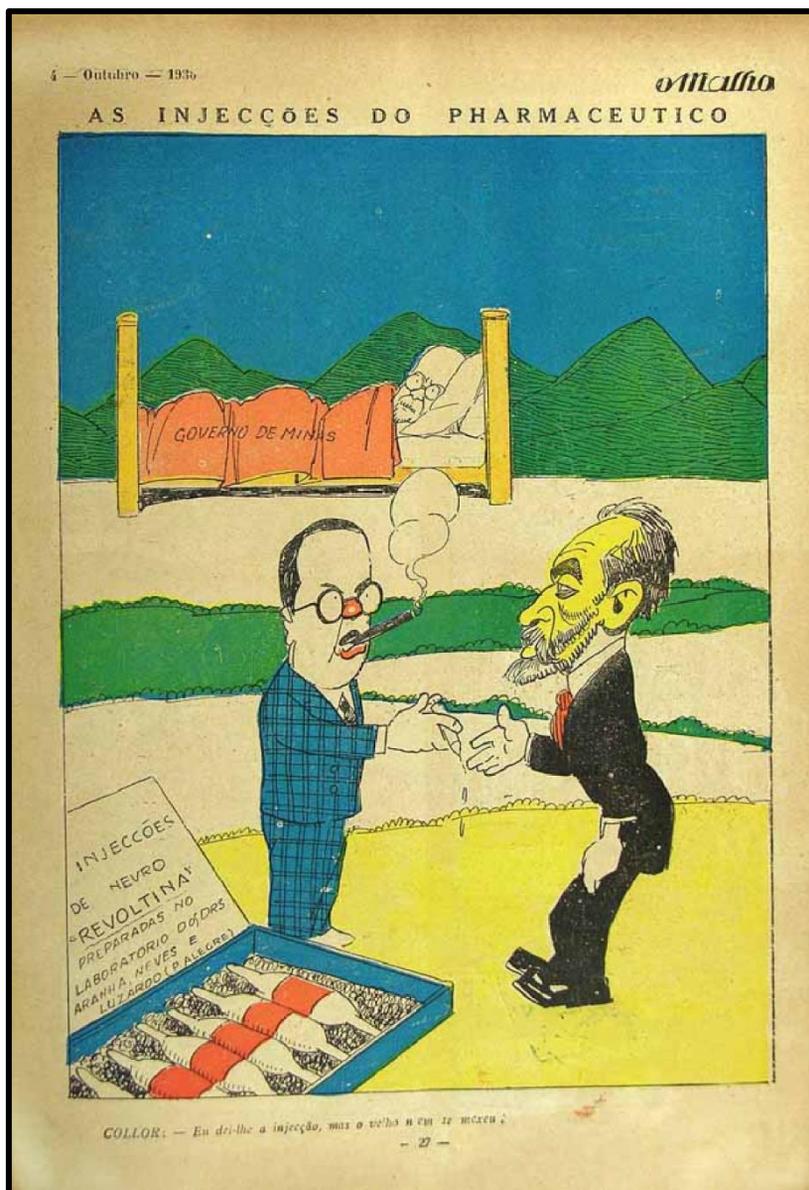
ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS



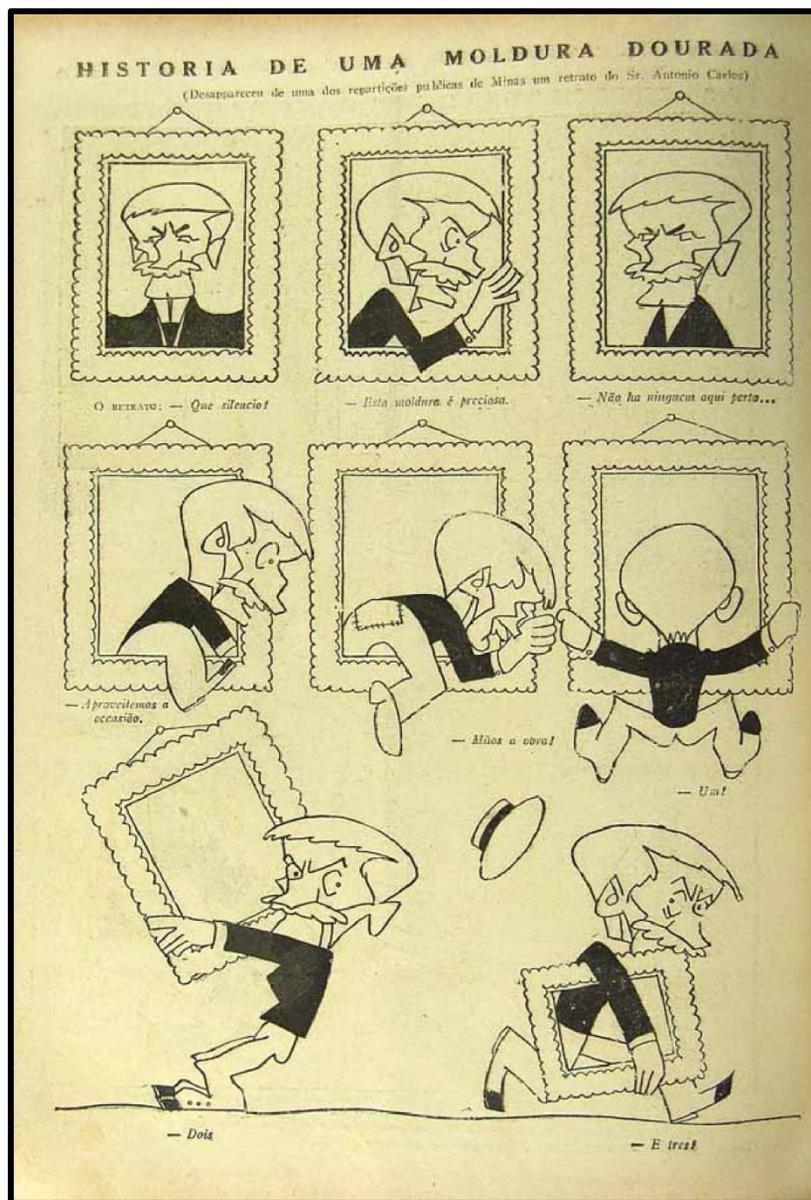


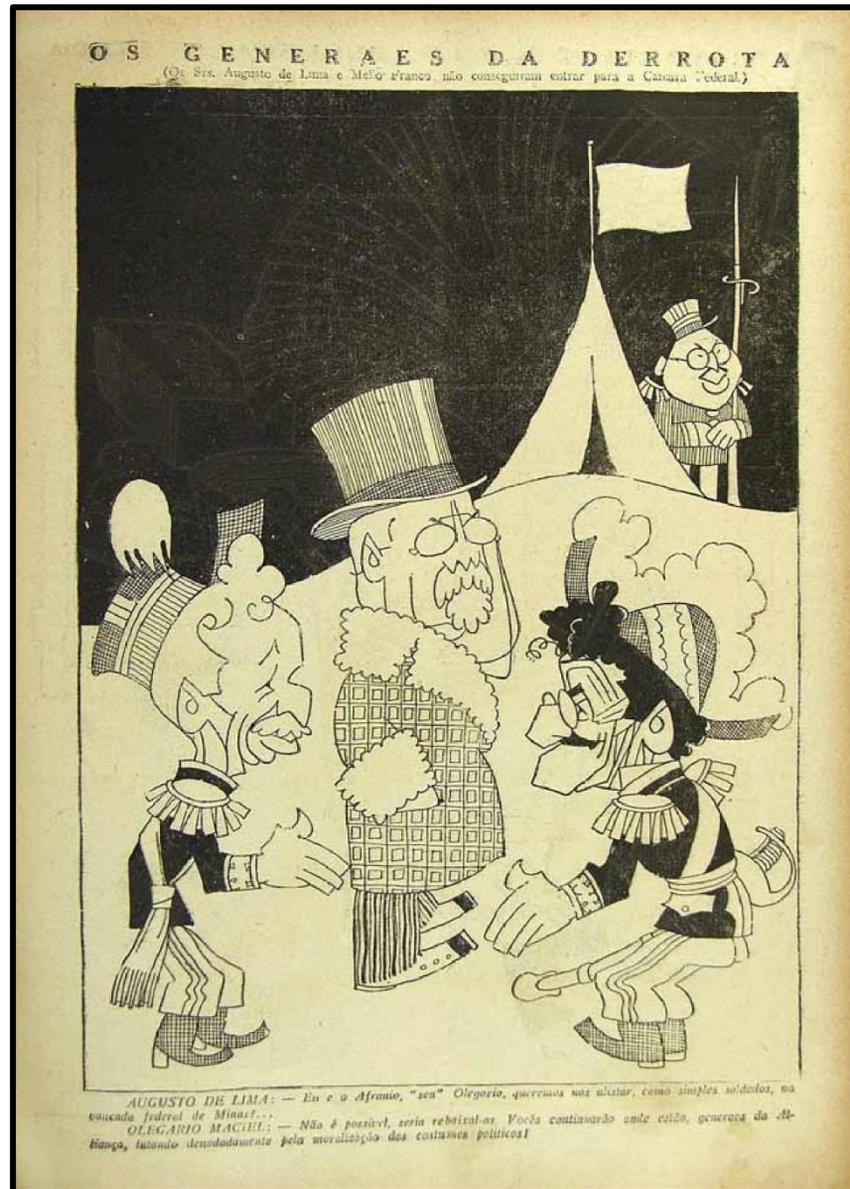
Os projetos rebeldes permaneciam sendo alvo da arte caricatural de *O Malho*, como ao mostrar “As injeções do farmacêutico”, desenho no qual o aliancista gaúcho Lindolfo Collor conversava com o correligionário mineiro José Bonifácio de Andrada, dizendo-lhe que aplicara uma injeção de “revolta” no governador de Minas Gerais Olegário Maciel, mas que ele permanecia imune aos seus efeitos, deitado tranquilamente em sua cama, havendo o detalhe que o estojo que carregava as ampolas do medicamento era identificado como “injeções de nevro *revoltina*”, que teriam sido “preparadas no laboratório dos doutores (Osvaldo) Aranha, “João Neves da) Fontoura e (Batista) Luzardo”, na cidade de Porto Alegre, em alusão aos demais aliancistas/revolucionários. As acusações contra Antônio Carlos, imputando-lhe a ação de roubos, voltou-se ao desaparecimento de um quadro do próprio político em uma repartição pública, sendo apresentada caricatura na qual a própria imagem do político mineiro saía de seu lugar e rouba a moldura que continha o quadro. Em “Os generais da derrota”, a intenção dos aliancistas mineiros Antônio Augusto de Lima e Afrânio de Melo Franco de retornarem ao parlamento nacional era barrada pela ação do novo governante de Minas Olegário Maciel, que também protagonizou a caricatura “Despacho coletivo”, na qual aparecia tomando as providências para sanear e moralizar o governo de Minas, reunindo, além de variado material de limpeza, uma ratoeira, para apanhar os corruptos⁵⁶.

⁵⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, 4 out. 1930.



ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS





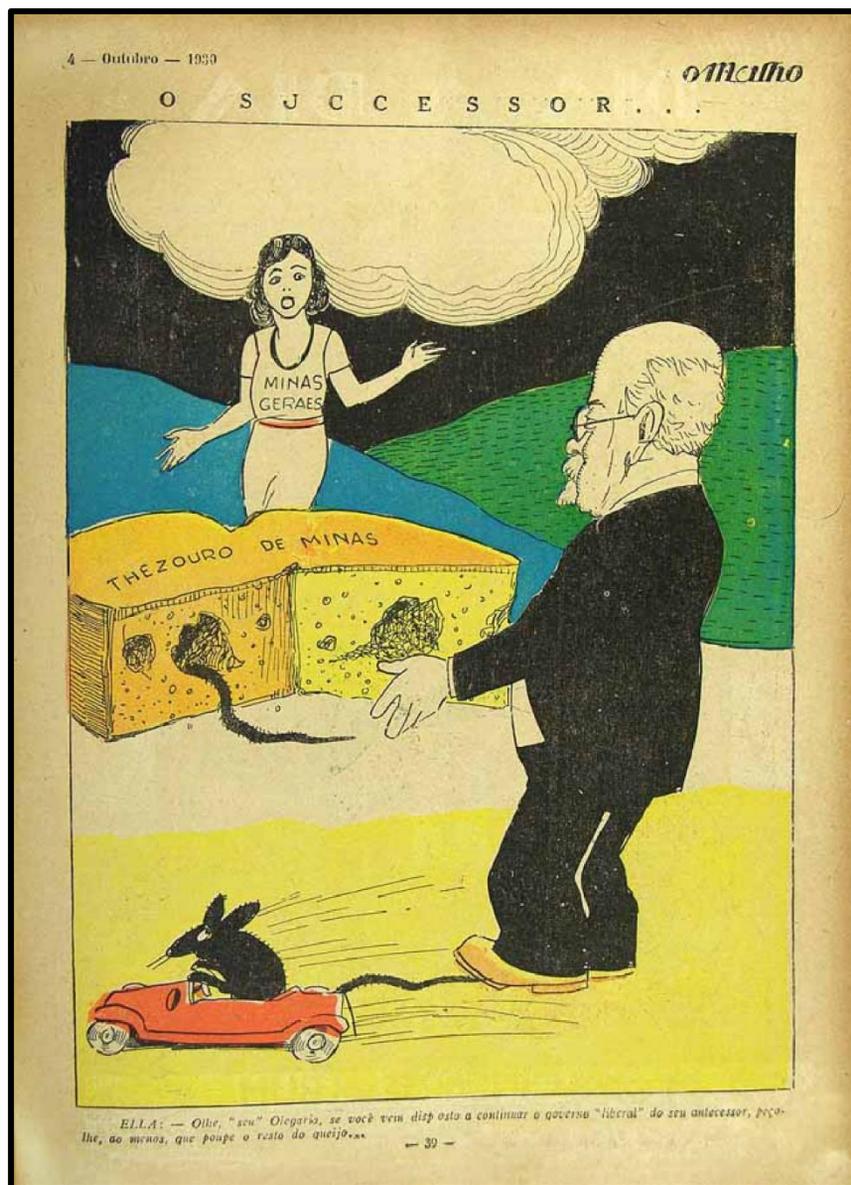
ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS

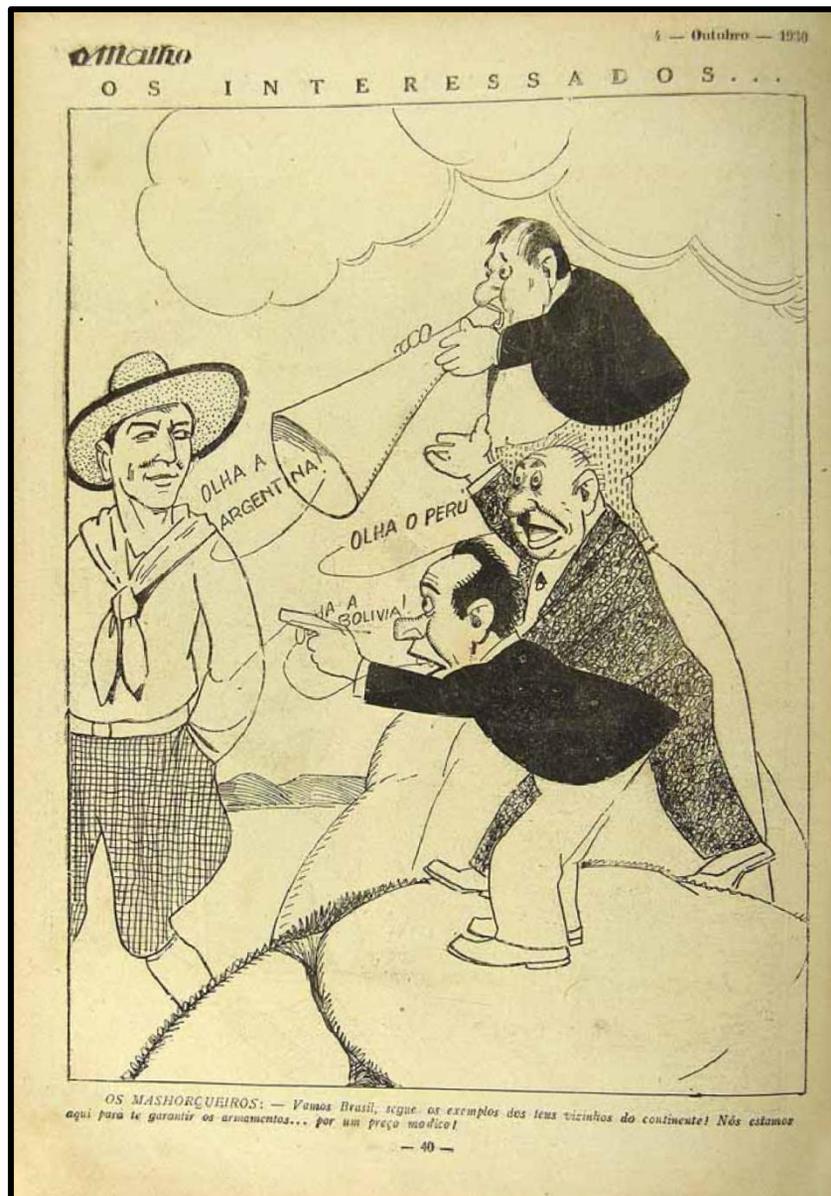


Olegário Maciel permanecia no foco da revista, com a ilustração na qual uma figura feminina simbolizava o Estado de Minas Gerais, que incitava “o sucessor” a que, se pretendesse seguir “o governo ‘liberal’ do seu antecessor”, ao menos poupasse o resto do queijo, que no caso, além de ser um produto típico regional, simbolizava o tesouro mineiro, que se encontrava tomado de ratos – em referência à roubalheira e à corrupção –, um deles até jocosamente tratando de fugir em um pequeno automóvel. A intenção dos “*mazorqueiros*” de convencer o “Brasil” a seguir os caminhos revolucionários como estariam fazendo os vizinhos argentinos, peruanos e bolivianos, chegando a oferecer armamentos por preço módico, contando em resposta com um olhar que revelava repulsa por parte da representação do povo brasileiro foi o conteúdo de mais uma caricatura. A não aceitação da solução rebelde era também manifesta em desenho no qual causava estranheza ao “Zé Povo” a pesca em “águas turvas” – em referência procurar vantagens na confusão – por parte de um grupo que mesclava comunistas, armamentistas e subversivos, levando aquele a imaginar que eles estariam buscando “tirar proveito da pescaria”. Em outra gravura, a revista buscava demonstrar o desespero de parte da “oposição”, que chegava a pensar em planos inverossímeis, estapafúrdios e sem qualquer lógica para promover a agitação no seio do país⁵⁷.

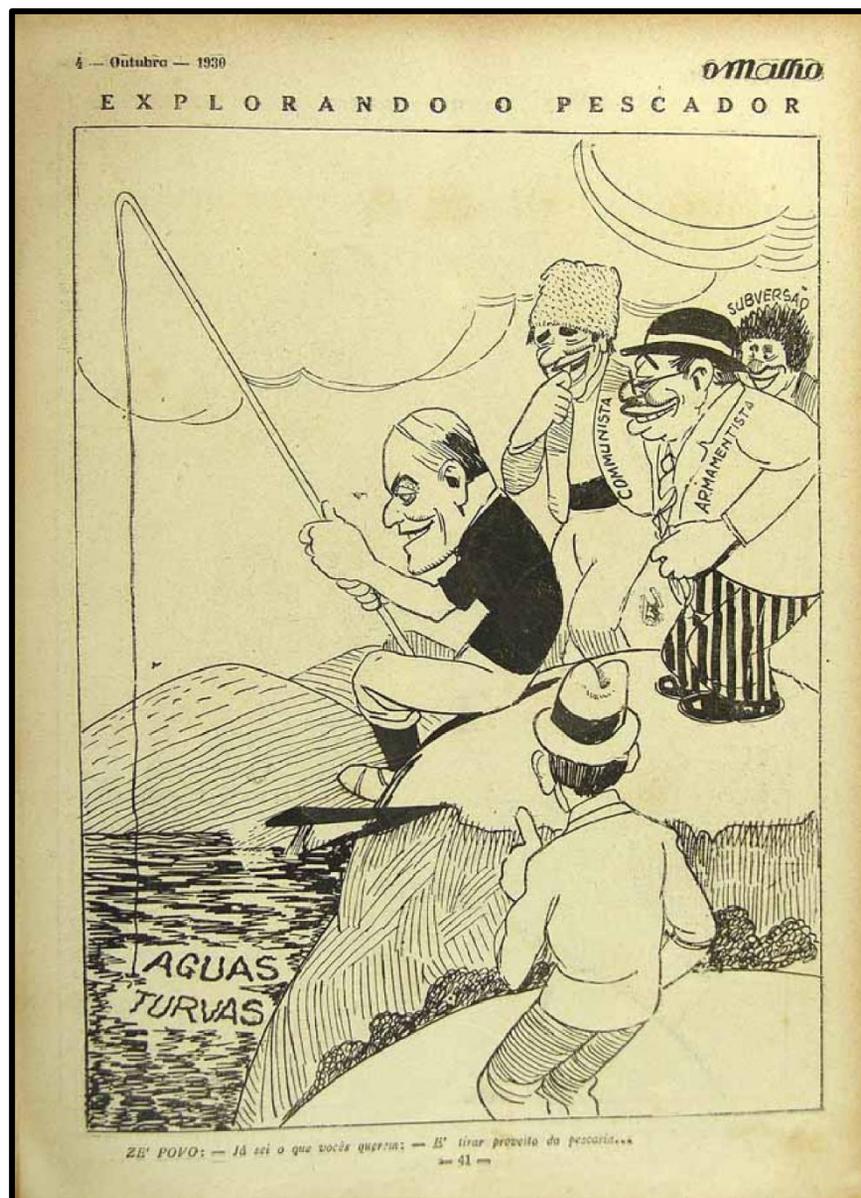
⁵⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, 4 out. 1930.

ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS





ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS



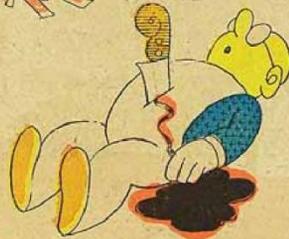
HISTORIA DE UM CRIME MONSTRUOSO



A operação: — Tenho uma magnífica idéia! Vou provocar um barulhão dos diabos!...



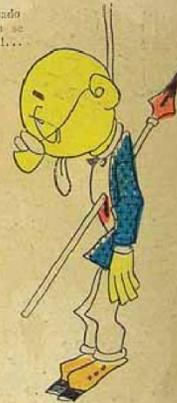
Arranja um camarada que esteja espocido e anuncie com espalhafato um crime monstruoso!



E lá vai! "Foi assassinado a facadas..." Não sei bem se "facada" causa interesse!... Se a coisa não pegar...



...eu descrevo o fustamento do esfapendo e, quando toda a gente estiver arripada de horror, anunciarei...



...que e fustado foi entorcido pela polícia que lhe trespassou barbaramente o coração!!!

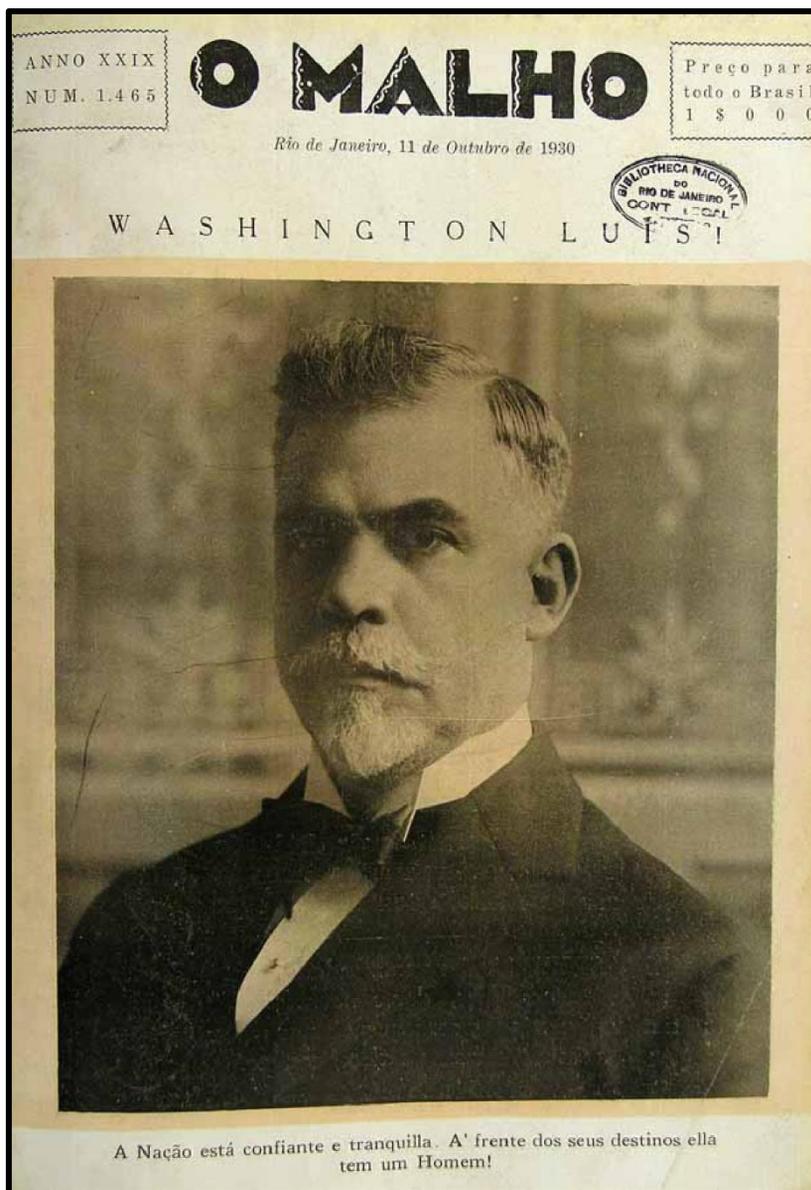


— Mas, se o homem aparece, lampeiro?! Não faz mal... Que é que eu tenho a perder?

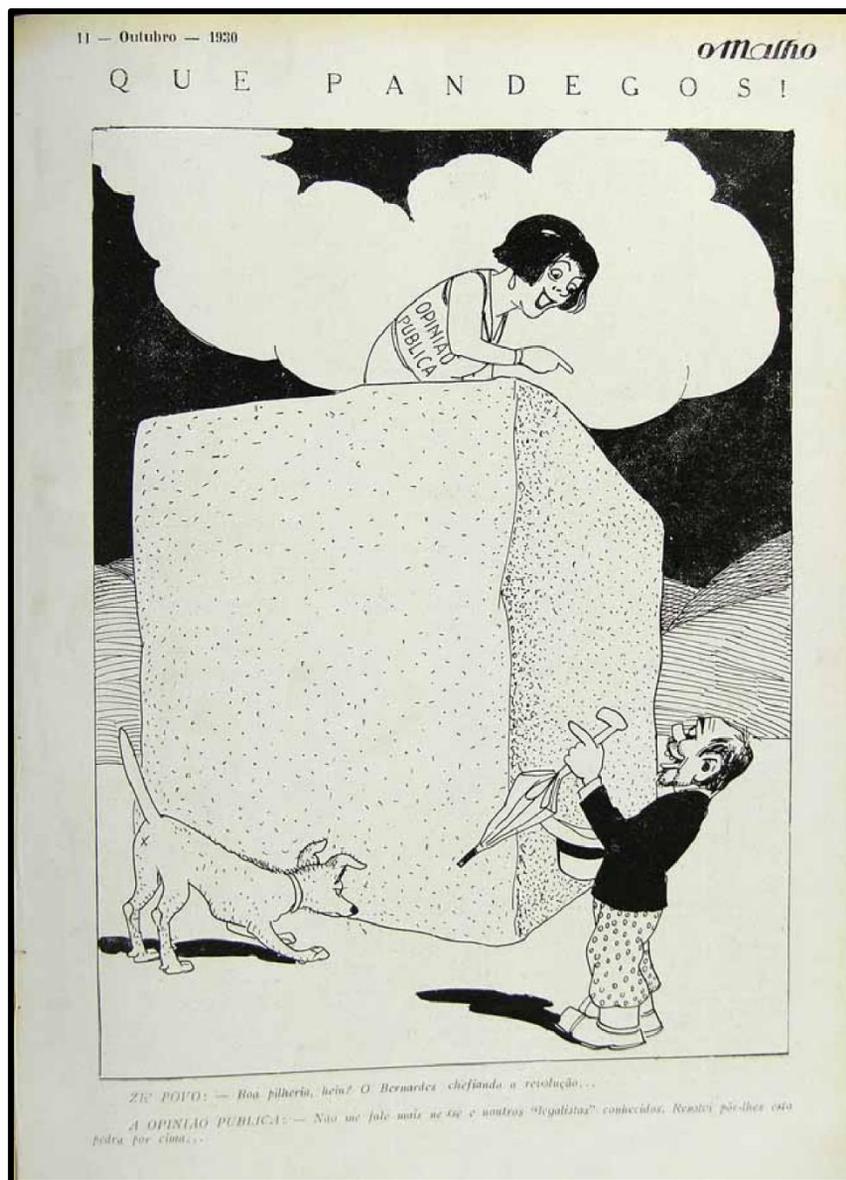
Na edição que se seguiu à deflagração da Revolução de 1930, *O Malho* foi mais cauteloso no que tange à arte caricatural, tanto que, na capa, limitou-se a estampar a fotografia do Presidente da República, dizendo que “a nação está confiante e tranquila”, pois “à frente dos seus destinos ela tem um homem”, de modo que personificava na figura de Washington Luís a resistência à rebeldia e a manutenção da ordem legal. Em termos de caricatura, apresentou o desenho intitulado “Que pândegos”, mostrando a “opinião pública” como uma alegoria feminina que resolvera colocar uma enorme pedra sobre os discursos daqueles que se consideravam legalistas e aderiram à revolta, entabulando acerca de tal tema uma conversa com o “Zé Povo”, sendo o caso de tal circunstância a presença de Artur Bernardes “chefiando a revolução”, o que era considerado como um “boa pilhéria”, uma vez que tal político, durante seu período presidencial, fora responsável por práticas altamente repressivas no combate às sublevações que à época se levantaram. Dessa maneira, o periódico buscava apontar a existência de uma enorme contradição naquele tipo de postura⁵⁸.

⁵⁸ O MALHO. Rio de Janeiro, 11 out. 1930.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS



Levando em conta que o conteúdo caricatural dessa edição foi mais ameno e bem menos numeroso, no campo textual, o combate à revolução permaneceu, como em uma das seções editoriais do magazine que reforçava a perspectiva pela qual haveria resistência para com a revolta, a partir da convicção de que “A nação é invencível!”⁵⁹:



A nação nenhuma surpresa teve, de certo, com os sucessos que ora se desenrolam em Minas e Rio Grande.

Foram eles anunciados demais, para que pudessem produzir no espírito público qualquer impressão nesse sentido. Entristeceu-se apenas, vendo-os confirmados em circunstâncias que talvez excedam mesmo a expectativa. A cumplicidade dos governos em movimentos dessa ordem é um fato tão berrante da lógica das coisas, que ainda depois de verificado a gente se recusa a aceitá-lo. E isto, infelizmente, foi o que se deu com um deles, pelo menos.

A situação anormal que criaram, dentro das suas terras essas unidades transviadas do caminho da lei, fere, porém, mais a elas próprias do eu ao resto do país.

⁵⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, 11 out. 1930.

ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS

O seu crime não pode ficar sem punição. A certeza desse fato, até certo ponto consolador, já a deu, em parte, a reação que contra ele, a estas horas se verifica. Sta não se caracteriza simplesmente pela atitude decidida do Executivo Federal, contrapondo-lhes às armas amotinadas, aquelas de que acompanharam – os soldados da República. Revela-se também pela solidariedade que lhe emprestam as próprias forças da nacionalidade desacatada.

É a defesa da ordem jurídica agredida estupidamente, que o Estado opera, apoiado no espírito conservador do nosso povo que, a seu turno, protesta contra esse desafio à sua tolerância, sem que um motivo, um pretexto mesmo o justificasse da parte do governo do país.

Que pretende afinal essa gente? Romper os vínculos que a prendem à União, ou desprezitar tão só os seus poderes? Qualquer das hipóteses atenta contra o senso e é altamente impatriótica.

O seu crime, maior se faz pelas responsabilidades que os rebelados têm no quadro federativo. Pela sua importância política e mais a sua condição de defensores clássicos da ordem constitucional, Minas e Rio Grande eram evidentemente os menos autorizados a assumir perante a nação o papel absurdo de seus mutiladores. Depois quem lhe distribuiu? A insânia partidária – gerada no coito da má paixão política com o baixo interesse pessoal. Ninguém, por mais ousado, será capaz de sustentar o contrário.

Muitas vezes, as revoluções se explicam pela fatalidade dos elementos que as processam. São feitos, assim; não são causas. Justificam-nas condições especiais dos povos, que não encontraram meios outros de proceder às grandes transformações históricas do seu destino. Conosco não acontece nada disto. A que tínhamos de fazer já fizemos, e por sinal que incruenta.

Foi a 15 de novembro de 1889, quando realizamos gloriosamente a República!

Com ela, estão de acordo os próprios amotinados de agora. A que princípio, portanto, obedecem? Ao só propósito de anarquizar o país. Não merecem, desse modo, nem a simpatia, nem o respeito públicos. Ao contrário, só encontram por toda a parte a repulsa, a começar desta capital, onde a população os recebeu com o mais justificado desdém... Ninguém os tomou a sério, e todos veem no caso o desfecho de uma farsa que irá quando muito aos limites da tragicomédia.

O Brasil é felizmente um grande país. Minas e Rio Grande são apenas pedaços seus. A parte jamais poderá tomar o lugar do todo! Para que dois Estados vencessem

17, seria preciso que a matemática falhasse nos seus cálculos mais elementares, chegando-se ao absurdo de um parcela maior do que a soma... Só os lunáticos não o percebem!

A traição que o Brasil acaba de sofrer desses filhos desnaturados será necessariamente punida. É uma questão de dias. Assim o quer a consciência nacional, graças a Deus esclarecida o bastante para não comprometer em aventuras dessa espécie triste os destinos de uma pátria a quem se reservam, num futuro que ela já vai tocando, os mais belos dias no seio da terra civilizada.

Além disso, para a sua honra, o país confia na bravura cívica e na energia inamalgável de um Washington Luís, cujo vulto assume aos olhos da nação, neste momento, as proporções de um verdadeiro gigante, ao lado do qual as classes armadas, em nobre exemplo de patriotismo, empregam os seus maiores esforços para a defesa do Brasil e salvaguarda do regime.

A explosão rebelde foi comparada a uma doença, na seção “Os sete dias da política”, segundo a qual, tardara, mas viera “a prometida revolução liberal”, ou seja, “o grande tumor estourou em Minas e Rio Grande”, restando “agora à nação espremê-lo, tendo antes o cuidado de se proteger contra a pus”, constituindo “tarefa desagradável”, para a qual “não lhe faltam elementos”, como o caso de possuir no “governo um pulso forte e firme”. De acordo com a revista, haveria a resistência de parte das forças armadas e mesmo no seio dos Estados revoltosos, que reagiriam contra o levante, contando também com “a reação das outras unidades federais”. Afirmava ainda acerca dos revoltosos que “não será evidentemente essa gente que há de ‘assombrar’ o Brasil”, pois este já saíra “há muito do período infantil em que se temem fantasmas”. Em síntese, a folha tinha crédito na “vigilância” de parte das autoridades públicas, que viria “ao

encontro das necessidades de defesa” nacional, a partir da tomada de “medidas que se faziam para tanto necessárias”⁶⁰.

A edição de 18 de outubro de 1930 ficou concentrada nas ações de reação para com o foco revolucionário, como na capa que, tendo a bandeira nacional ao fundo, trazia a figura feminina da mãe-pátria brasileira que colocava a mão no ombro de um militar aconselhando que o seu “filho” fosse e voltasse “com o Brasil unido e forte”. Já na página de abertura, a revista apresentava um marinheiro que tocava o sinal de reunião, bem como várias belonaves que estariam prontas para combater os sediciosos. Utilizava-se de uma frase de profundo cunho patriótico, atribuída ao Almirante Barroso, por ocasião da Batalha Naval do Riachuelo, em 1865, por ocasião da Guerra do Paraguai, apresentada em tom exortativo: “O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever”. Na legenda, destacava que “a gloriosa Marinha Nacional, honrando o seu passado e suas tradições, corre unânime, ao toque de reunir, a defender a pátria ameaçada”. O apelo aos militares deu-se também por meio de registro fotográficos, no caso do general Azevedo Costa, do qual esperava a ação para “o fracasso da mazorca”. A conclamação deu-se também por meio de outro desenho, que, sob o título “Às armas”, trazia mais uma vez o pavilhão nacional em posição de destaque, em cenário no qual a dama republicana – tradicional e histórica alegoria de representação da forma de governo – entregava uma arma e exclamava: “Toma cidadão! Defende o lema da tua bandeira!”⁶¹.

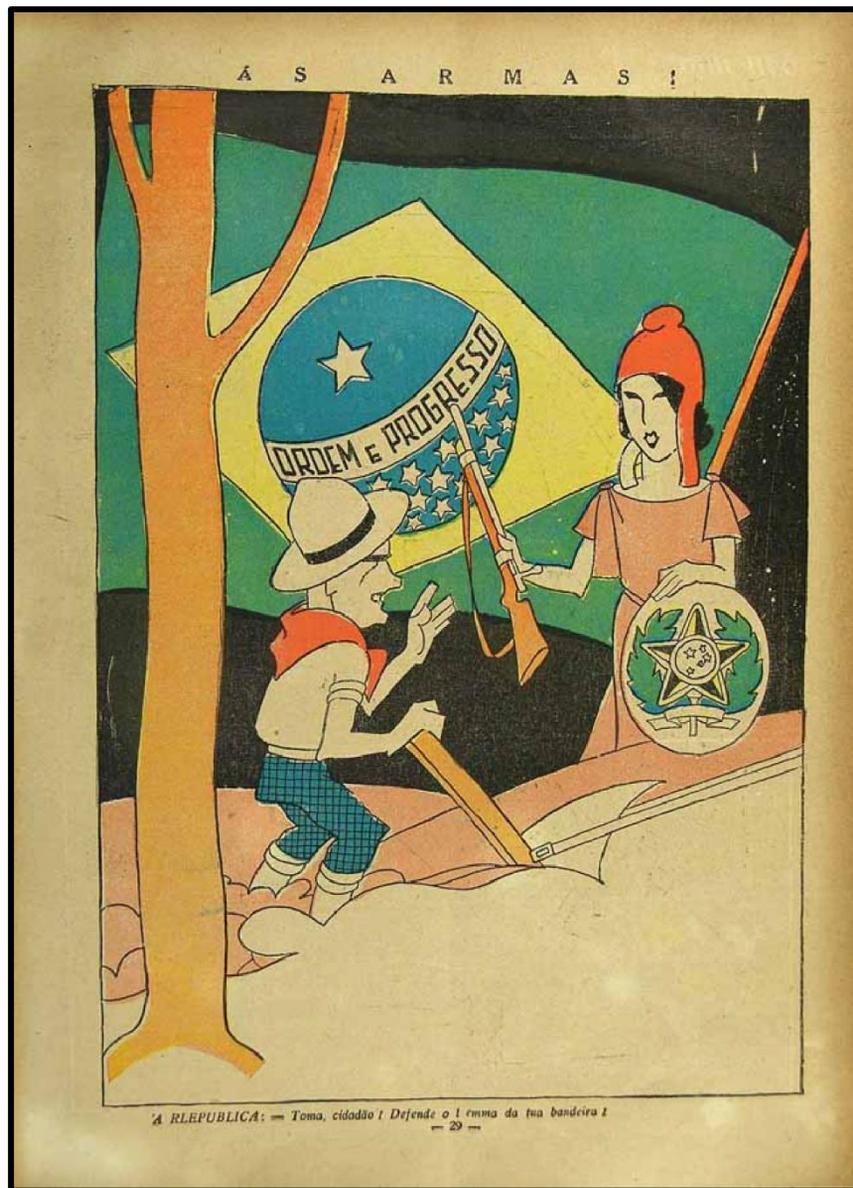
⁶⁰ O MALHO. Rio de Janeiro, 11 out. 1930.

⁶¹ O MALHO. Rio de Janeiro, 18 out. 1930.



ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS





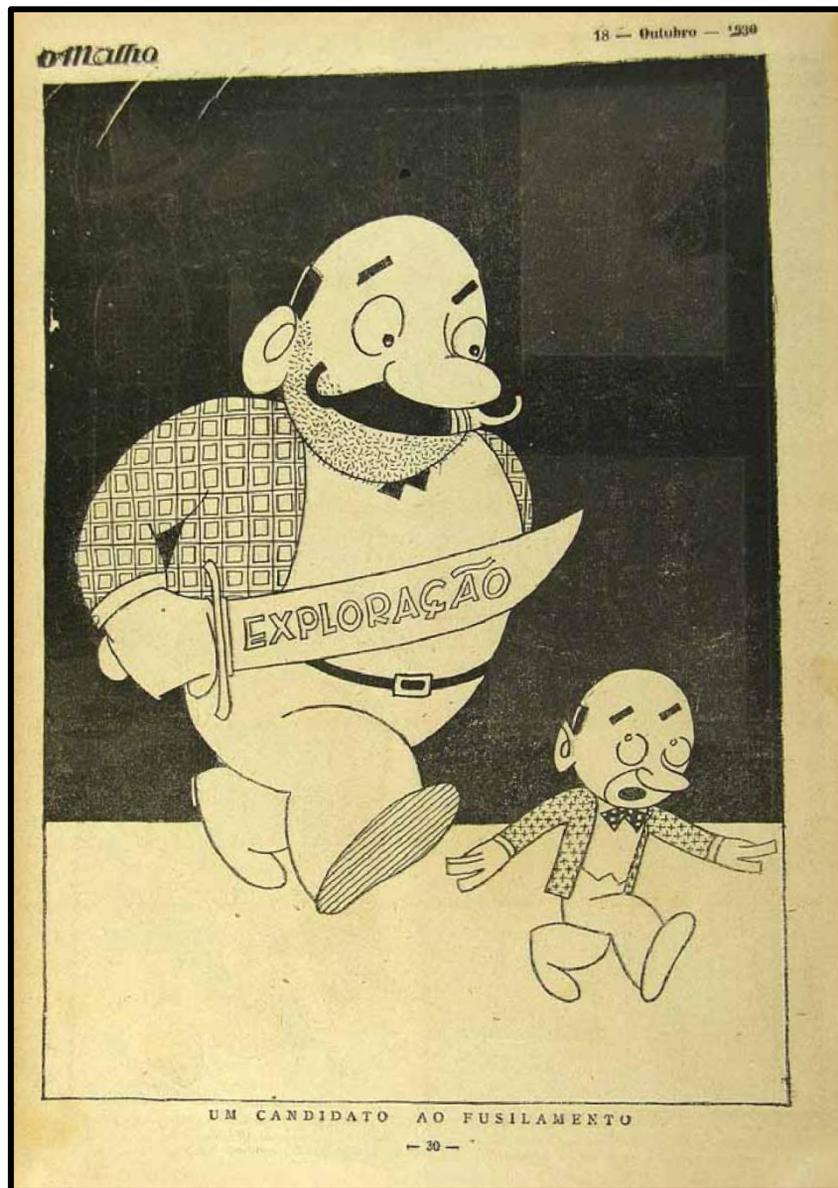
A época de agitação política e bélica tornava-se propícia para que se espalhassem notícias anônimas e não confirmadas, que poderiam ser divulgadas no domínio público, de modo que o magazine trazia ilustração mostrando “o elemento mais nocivo”, referindo-se a um sujeito gigantesco, mascarado e com ares de mau-elemento, que andava tranquilamente pelas ruas, mas que era identificado pelo “Povo” como aquele que deveria “ser fuzilado”. Além disso, o boateiro era visto como “um indesejável”, que estaria sempre a espreitar, alastrando suas inverdades, pintando “as coisas de preto” e escafedendo-se quando aparecia a polícia. Outro elemento considerado pernicioso no seio social era o explorador, que aumentava os preços aproveitando-se dos abalos que se desencadeavam, aparecendo um indivíduo que ameaçava a população com uma enorme faca da “exploração”, surgindo também com “um candidato ao fuzilamento”. O sentido da manutenção da ordem com a resistência à rebelião também nortearam outras caricaturas na qual “O Povo” observava “uma coisa rara”, quer seja, o “braço forte” da República Brasileira, empunhando a espada do Exército e a âncora da Marinha, todos unidos para vencer os insurgentes, de maneira que aquela representação da população poderia ficar tranquila, uma vez que “o direito e a força estão unidos”. Já em “O que for preciso”, a exortação patriótica ficava por conta do mapa do país, simbolizando a nacionalidade territorial, e a presença do reservista que, atendendo a convocação, trocava a roupa de civil pela farda, tendo em vista a exigência da pátria⁶².

⁶² O MALHO. Rio de Janeiro, 18 out. 1930.

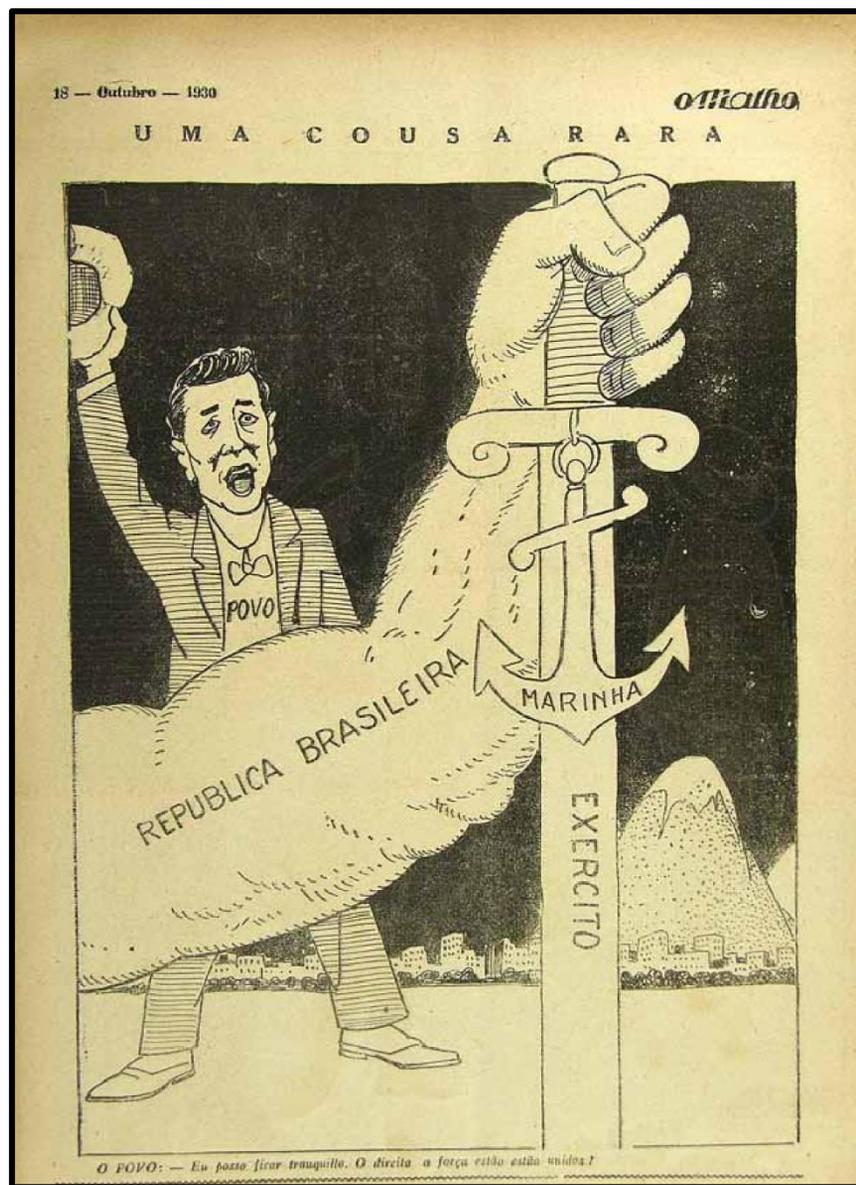


ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS





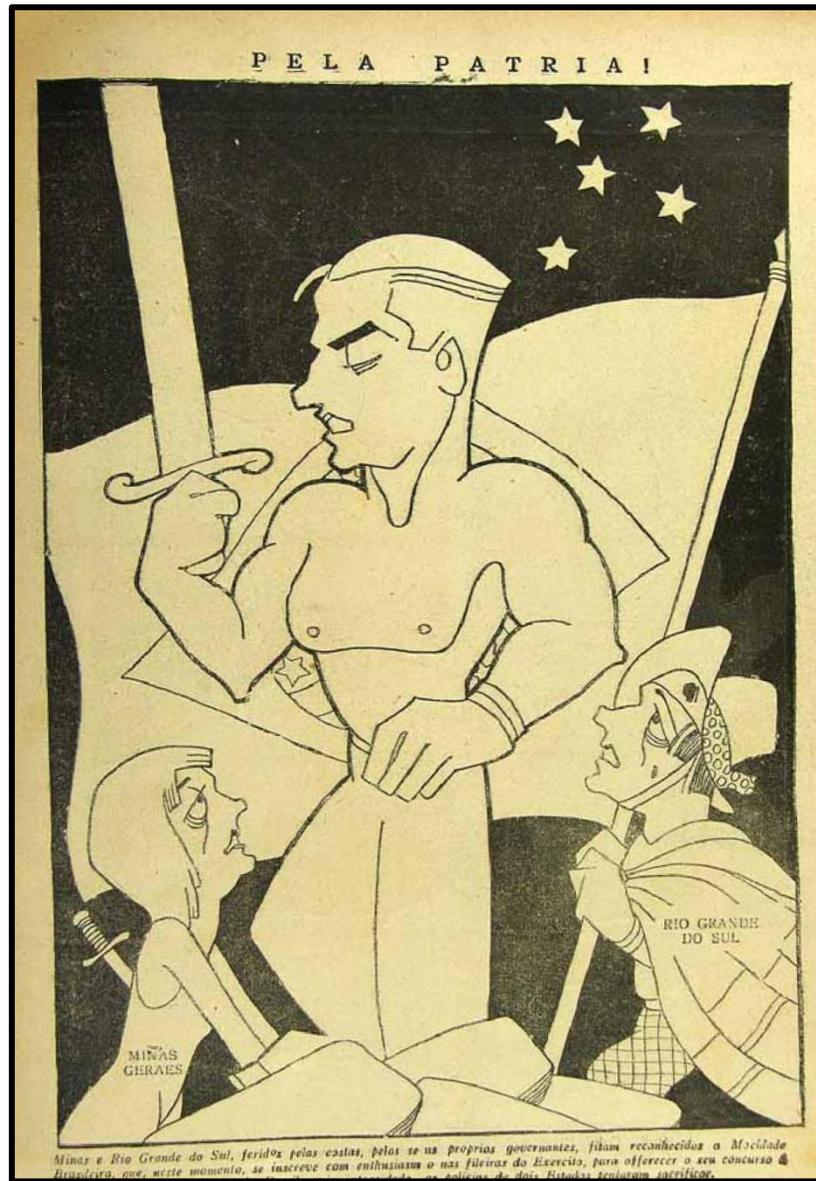
ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS





A perspectiva da exortação pública permanecia em outro desenho, no qual havia mais uma vez a inspiração patriótica com a presença do Cruzeiro do Sul e da bandeira nacional, sendo o quadro dominado por um jovem que empunhava uma espada – designando a juventude disposta a lutar pela pátria –, aos pés do qual se encontrava uma figura feminina com uma faca cravada às costas, representando o Estado de Minas Gerais, cuja população teria sido traída por seus governantes, e um indivíduo vestido à gaúcha, simbolizando o Estado do Rio Grande do Sul, aparecendo uma legenda carregada de espírito hortativo: “Minas e Rio Grande do Sul, feridos pelas costas, pelos seus próprios governantes, fitam reconhecidos a mocidade brasileira”, a qual estaria se inscrevendo “com entusiasmo nas fileiras do Exército, para oferecer o seu concurso à obra de salvação do Brasil, cuja integridade as polícias dos dois Estados tentaram sacrificar”. Outra homenagem recaiu sobre “O Exército Nacional”, em desenho com mais uma vez o destaque ao pavilhão nacional, que aparecia como pano de fundo, enquanto um soldado de arma em punho preparava-se para enfrentar os revoltosos, dizendo-lhes que dali eles não passariam. Mais dois registros fotográficos demarcavam a intenção do periódico de passar ao público um sentido de segurança, ao enfatizar a ação do novo chefe de polícia, e de tranquilidade, com a continuidade das atividades da congregação entre “os Estados cafeeiros”, a qual teria se notabilizado “pelo admirável espírito de harmonia que, nesse momento de agitações partidárias, maior realce veio dar à solução da causa a que se acha presa a vida da própria nacionalidade”⁶³.

⁶³ O MALHO. Rio de Janeiro, 18 out. 1930.



ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS



18 — Outubro — 1930

O NOVO CHEFE

A attitudo, a um tempo energica e serena, do Sr. Pedro de Oliveira Sobrinho, na chefia da Policia desta capital, tem causado ao publico do Rio a me'hor impressao possivel. Alias, S. S. não era um nome por fazer-se. Conhecidas vinham sendo já do nosso povo as suas qualidades admiraveis, como homem de intelligencia e de accção, e o seu perfeito conhecimento dos assumptos policiaes, em que se tornou ha muito uma authentica autoridade.

A sabedoria com que se está desem-



Dr. Oliveira Sobrinho

oMasso

DE POLICIA

penhando do cargo espinhoso que lhe confiou o governo da Republica, não constitue assim nenhuma surpresa para o carloca, que a vè, não obstante, com dobrado prazer. Em consequencia, as medidas tomadas por um tal chefe, só inspirar podiam, por toda a parte, o mais decidido apoio e a mais franca sympathia, como de resto acontece neste instante em que elle tão bem está provando o acerto do acto presidencial que lhe poz nas mãos amestradas a guarda da segurança publica do Districto.

OS ESTADOS

A quinta reunião dos Estados cafeeiros ha pouco realizada em São Paulo, afóra o interesse puramente economico resultante do seu objectivo — a regulamentação do café —, notabilizou-se pelo admiravel espirito de harmonia que, nesse momento de agitações partidarias, maior reacto veio dar á solução da causa a que se achia presa a vida da propria nacionalidade.

Cultivado pelos Estados mais importantes da Federação, o café, além de constituir para o Brasil um elemento de solidariedade nacional, tem sido incontestavelmente o grande factor de nossa civilização.

Nada, pois, mais justo que São Paulo, como o maior centro cafeeiro,



Dr. Sales Junior

CAFEIROS

não só do país como do mundo, procura-se, através de um dos seus mais illustres secretarios, mais uma vez, chegar a um effcaz enendimento com os demais productos da nação.

Tudo isso, felizmente, foi executado a contento, porquanto, desde a abertura do convenio, o Sr. Dr. Sales Junior, actual secretario da Fazenda soube, com exaordinaria elegancia e competencia não só tornar-se a figura representativa do momento, como demonstrar que o grande Estado, isento de qualquer regionalismo, almejava, sobretudo, uma fórmula concreta capaz de satisfazer todos os interessados em torno do mais sério problema que agita a nacionalidade.

As exortações de *O Malho* em nome do lema da bandeira nacional de “ordem e progresso”, como ele observava tais conceitos, não viria a se confirmar. Seu apelo às forças armadas para a manutenção do status quo não se realizaria, pois seriam estas mesmas forças a que derrubaram o Presidente Washington Luís, passando posteriormente o poder aos rebeldes. Na mesma linha, suas manifestações hortativas em torno de uma mobilização popular para promover a resistência aos rebelados, também não encontrou maior eco em meio à população. A postura crítica do periódico para com a Aliança Liberal estendeu-se desde as suas origens, atacando fortemente seus integrantes e fazendo uma propaganda altamente contrária a tal frente durante a propaganda eleitoral, prosseguindo nos ataques mesmo após o resultado das urnas, passando a antagonizar os aliancistas quanto à sustentação de um intento revolucionário. A vitória da Revolução de 1930 traria consigo a realidade pela qual o preço de tão veemente contraposição viria a ser cobrado, como se confirmou a partir dos revezes sofridos pela empresa que mantinha o semanário, com a invasão e o empastelamento de suas instalações e a interrupção de sua circulação, ficando suas edições suspensas entre outubro de 1930 e fevereiro de 1931. Mesmo após o retorno, nos anos que se seguiram, os traumas permaneceram, com uma mudança editorial, mormente no que tange à abordagem da política. Crítica por natureza, a revista não poupava esforços para apontar os erros governamentais, entretanto, nos momentos em que se armavam movimentos oposicionistas mais enfáticos, o magazine optava pela preservação do modelo reinante, apoiando a tendência governista e opondo-se à dissidente, imaginando que a mesma poderia trazer consigo transformações menos ou mais radicais, que

poderiam vir de encontro aos seus interesses editoriais. Foi assim quanto à Campanha Civilista, à Reação Republicana e à Aliança Liberal, com a diferença de que esta, mesmo não ganhando a eleição, chegou ao poder pela força das armas, e os vitoriosos novos líderes nacionais não iriam poupar aquele adversário tão combativo e sua pesada carga discursiva e iconográfica contra eles, fazendo com que *O Malho* deixasse de malhar.

E

A CARETA E OS CAMINHOS PARA
A RECONSTITUCONALIZAÇÃO
BRASILEIRA (1930-1934)

Com a mudança política ocorrida no Brasil no último trimestre de 1930, tendo por culminância a instituição do Governo Provisório (também denominado de Governo Revolucionário), os novos detentores do poder, bem de acordo com o espírito modernizador que orientara sua campanha, buscaram apresentar-se sob a feição da novidade, não é para menos que caracterizaram o modelo que se encerrara como “República Velha”, prometendo a criação de uma “República Nova”. A partir de então ocorreria uma nova ordenação do poder, com a necessidade de redistribuir as posições no aparelho do Estado entre os vencedores. Um dos tópicos mais debatidos nos anos que se seguiram foi o da duração do regime ditatorial e a retomada dos caminhos institucionais com a reconstitucionalização.

Nos momentos que sucederam à queda do regime oligárquico, “a Revolução seria constantemente refeita, já que o programa imediato da Aliança Liberal era vago e politicamente inexequível” em curto espaço cronológico, bem como não indicava “qualquer opção radical”. Logo em seguida à ascensão dos novos detentores do poder, as “instituições políticas da República Velha foram destruídas” e “sua substituição por outras implicava uma árdua luta de tendências, no quadro de uma ‘crise de hegemonia’ em que nenhum grupo era capaz de imprimir direção e dominação ao corpo social”. Desencadeou-se então um “panorama histórico extremamente complexo”, pelo qual, “nos vários anos seguintes, as várias forças em presença tentariam elaborar e por em prática

projetos de Estado”. Tal “processo inicial de crise marcaria decisivamente o Estado brasileiro nas décadas seguintes”⁶⁴.

Dessa maneira, passada a Revolução de 1930, “Vargas passou a governar por meio de decretos-lei”, caracterizando o regime ditatorial. Vários debates passaram desde então a se estruturar, de modo que “uma das principais divergências foi sobre o tempo de duração do Governo Provisório”, com alguns desejando “a instalação imediata da democracia”, enquanto outros “afirmavam que o retorno a uma ordem democrática só deveria ocorrer após a promoção das reformas sociais”. Outros fatores também foram alvos de disputas e debates, como no caso da reconstitucionalização imediata ou não do país, a presença de “um regime forte e apartidário”, com “um Estado centralizador de orientação nacionalista e reformista”, ou, por outro lado, a ideia de uma limitação aos “poderes da União”, com “mais autonomia para o poder estadual”⁶⁵.

Desde então, o grupo governante, liderado por Getúlio Vargas, começou a promover atitudes que visavam à continuidade no poder e, para tanto, um dos planos básicos era adiar o máximo possível os processos eleitorais, uma vez que pretendiam desmanchar a máquina eleitoral do período anterior, e montar a sua própria, para só então possibilitar o exercício do voto. Nessa linha, a ausência

⁶⁴ MENDES JÚNIOR, Antonio & MARANHÃO, Ricardo. *Brasil História – texto & consulta (Era Vargas)*. São Paulo: Hucitec, 1989. p. 95.

⁶⁵ PANDOLFI, Dulce Chaves. Os anos 1930: as incertezas do regime. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). *O tempo do nacional-estatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo – Segunda República (1930-1945)*. 10.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020. p. 13-14.

das eleições inviabilizaria a reunião de uma constituinte, com o conseqüente adiamento da promulgação de uma constituição, daí a permanência da ditadura⁶⁶. Tal processo viria a ser marcante na formação histórica brasileira no período entre 1930 e 1934, sendo cotidianamente acompanhado pela imprensa. Um desses periódicos foi a revista ilustrado-humorística carioca *Careta*, cuja composição caricatural refletiu profundamente acerca do tema em pauta.

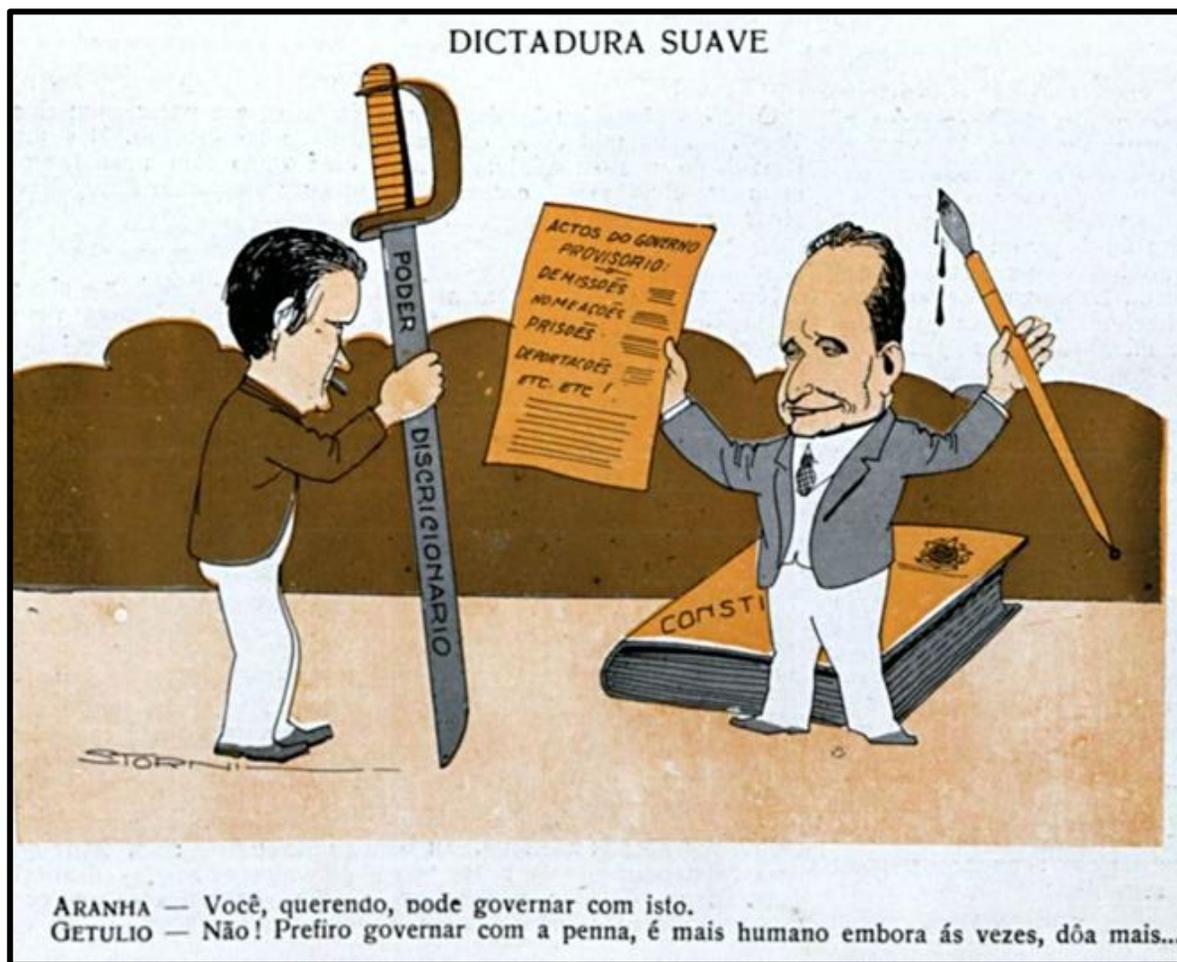
O Governo Provisório/Revolucionário estabelecido a partir de 1930 constituiu um regime ditatorial, com a suspensão dos ditames constitucionais e o poder concentrado nas mãos do Executivo. Nesse sentido, apresentou uma “ditadura suave”, na qual a Constituição de 1891 aparecia atirada ao chão, enquanto Osvaldo Aranha oferecia a espada do “poder discricionário”, para que Getúlio Vargas pudesse governar através dela, ao que o Presidente respondia que preferia utilizar-se da pena, por ser mais “humana”, embora pudesse ser ainda mais incisiva, envolvendo atos autoritários, como “demissões”, “prisões” e “deportações”⁶⁷. A representação da extinção da Constituição de 1891 trazia os dois mesmos personagens jogando “a pá de cal” sobre a mesma, com sua morte registrada na lápide, na supressão do feriado de 24 de fevereiro, que marcava o aniversário do texto constitucional e no seu próprio enterramento⁶⁸.

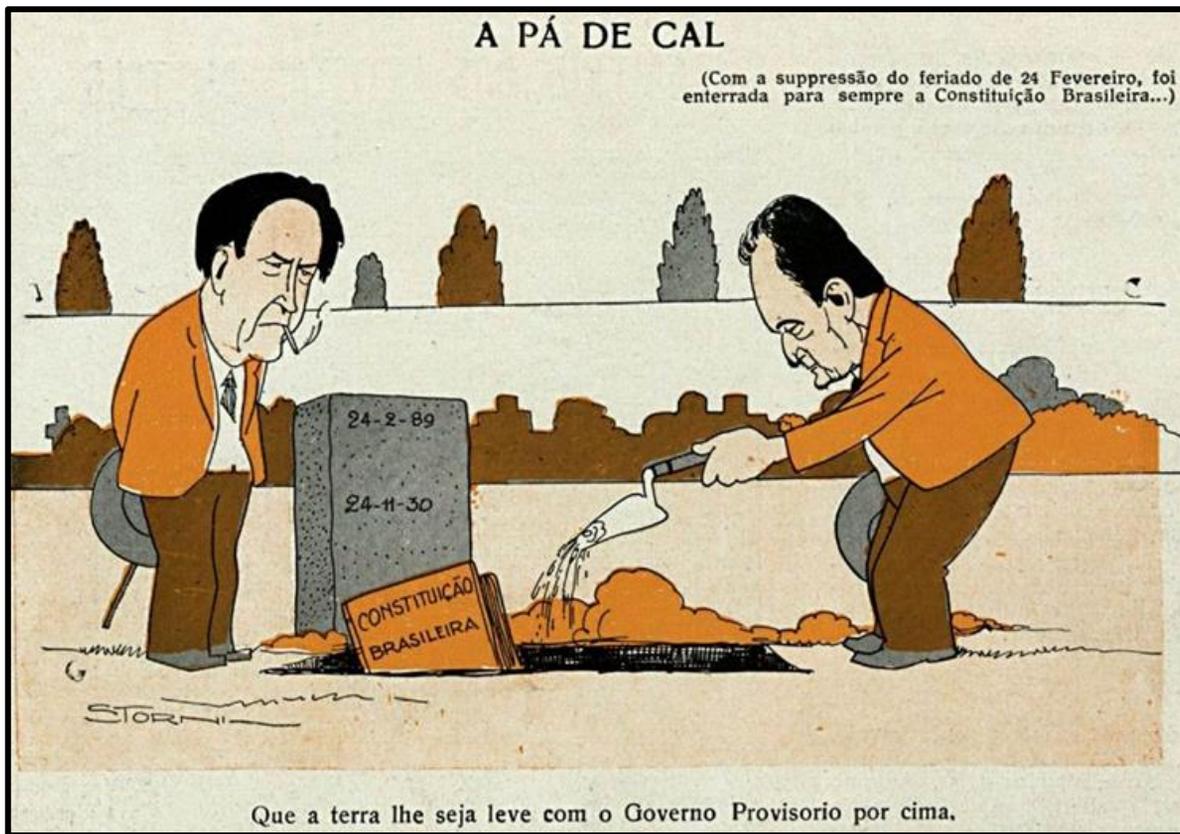
⁶⁶ Contexto elaborado a partir de: ALVES, Francisco das Neves. *Uma introdução à História do Brasil – da Crise dos anos 20 ao Estado Novo: breve abordagem documental*. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2021. p. 94-96.

⁶⁷ CARETA. Rio de Janeiro, 13 dez. 1930.

⁶⁸ CARETA. Rio de Janeiro, 3 jan. 1931.

ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS





Enquanto Getúlio Vargas passeava com a dama que simbolizava a forma de governo vigente, ou como denominaram os novos donos do poder, a República Nova, outra figura feminina, que representava a “política”, aparecia como uma vendedora de livros, oferecendo o texto da Constituição de 1891, aparecendo ainda como “produtos” à exposição, as constituições da França, dos

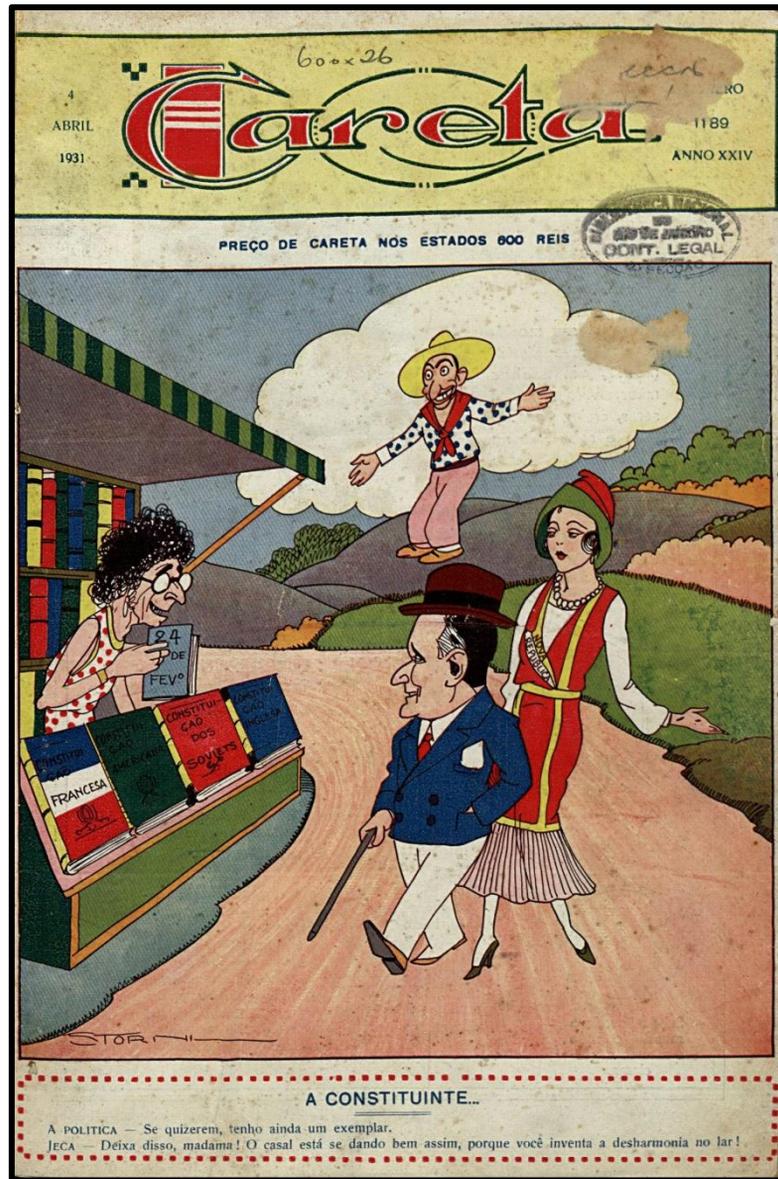
Estados Unidos, da União Soviética e da Inglaterra, enquanto ao fundo o Jeca, a representação do povo brasileiro, dava certo aval ao regime vigente, desaconselhando a comerciária a persistir na tentativa da venda, uma vez que o casal se dava bem nas atuais circunstâncias, devendo evitar “a desarmonia no lar”⁶⁹. A respeito da “futura constituinte”, o semanário mostrava a tradicional máquina eleitoral da época da República Velha, identificada como a “mentira republicana”, exatamente o sistema que os novos governantes buscavam desmontar, diante da qual Getúlio Vargas questionava se já não seria tempo para chamar o processo eleitoral, ao que Osvaldo Aranha, discordava, desafiando-o a colocar sua própria mão naquele aparelho⁷⁰. Em meio aos pampas sul-rio-grandenses, o velho líder gaúcho Borges de Medeiros trazia consigo a velha constituição castilhistas, que dominara o Rio Grande do Sul desde os primórdios da República, exigindo a implementação de tal texto constitucional, ao que Osvaldo Aranha contradizia, demarcando que ela seria anacrônica, não podendo ser novamente colocado em prática⁷¹. Em frente à cadeira da “Presidência Provisória”, Vargas recebia uma comissão de desempregados “saudosistas do sufrágio universal”, solicitando o retorno do regime constitucional de modo a eliminar o modelo vigente antes de 1930, restando como resposta do Presidente um sorriso que demarcava displicência, em sinal da não aceitação de tal proposta⁷².

⁶⁹ CARETA. Rio de Janeiro, 4 abr. 1931.

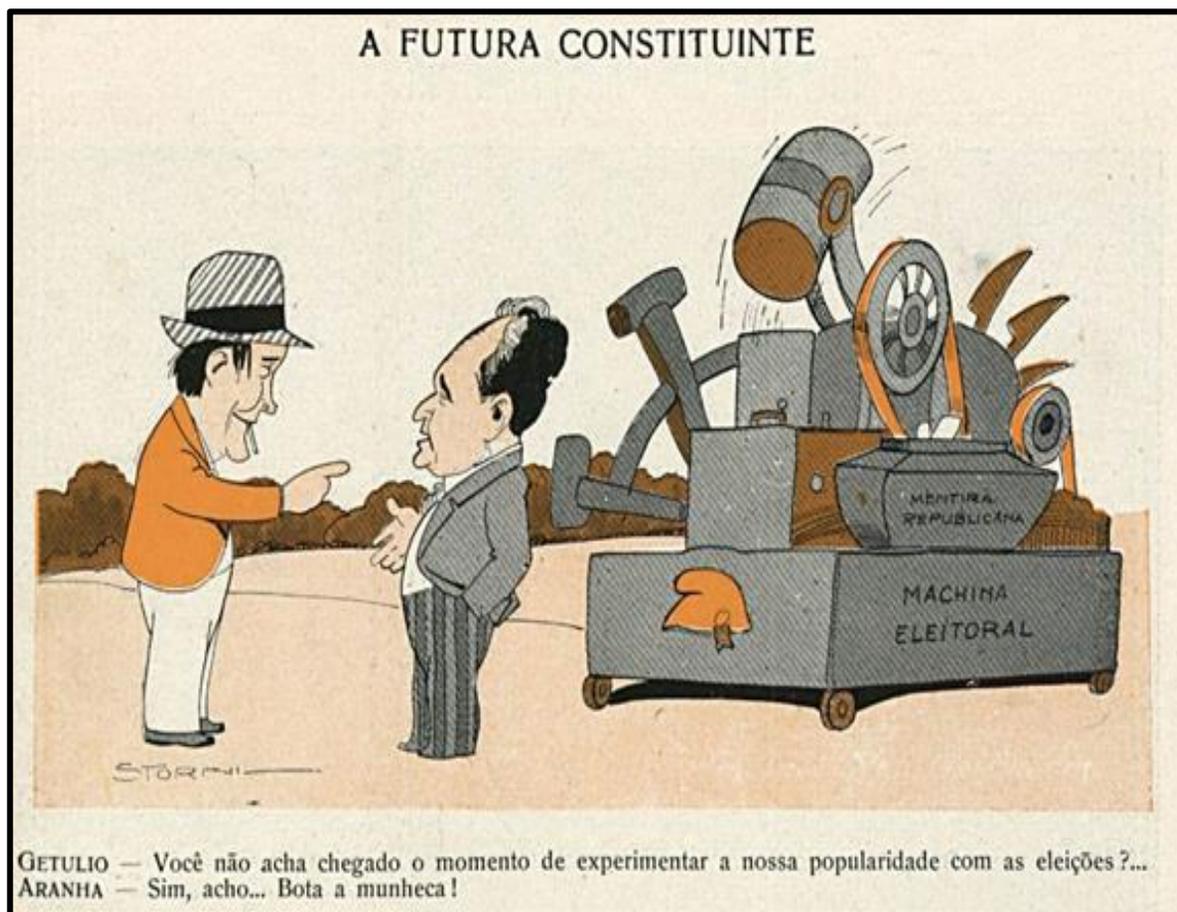
⁷⁰ CARETA. Rio de Janeiro, 2 maio 1931.

⁷¹ CARETA. Rio de Janeiro, 16 maio 1931.

⁷² CARETA. Rio de Janeiro, 30 maio 1931.

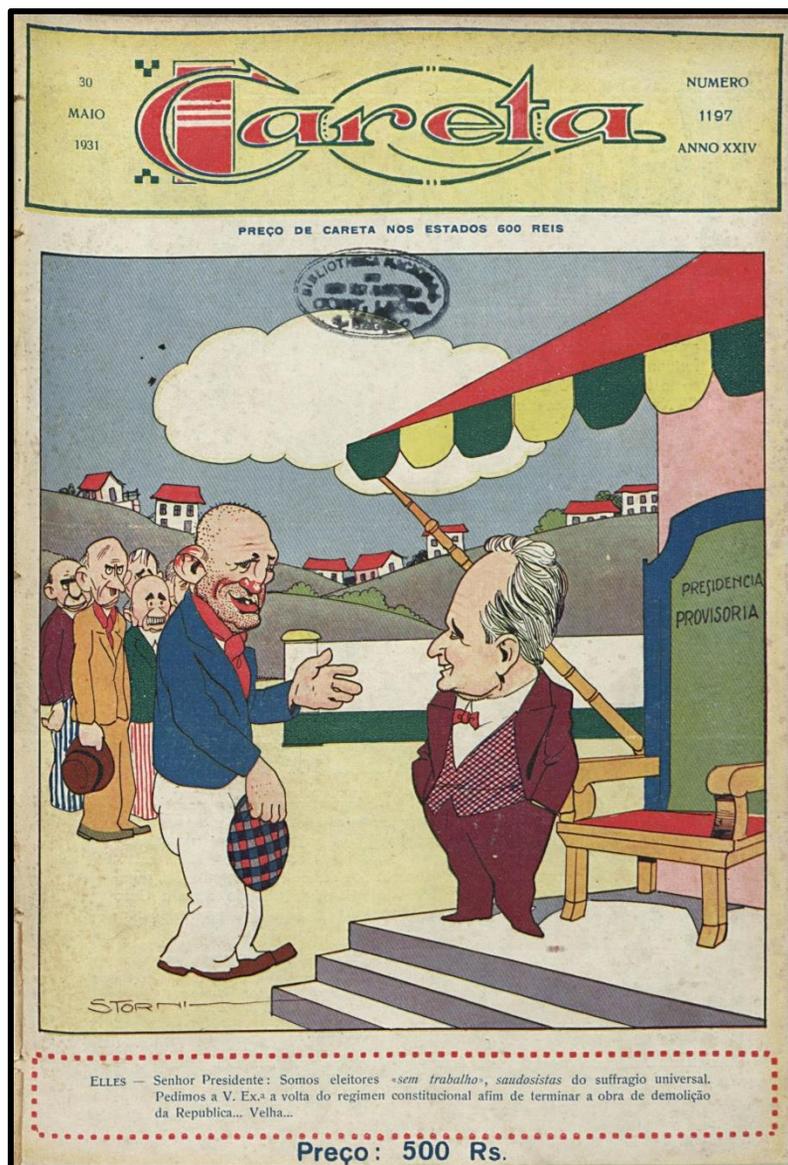


ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS





ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS



Na rua do Palácio do Catete, símbolo do poder presidencial, os gaúchos Osvaldo Aranha, Getúlio Vargas e Batista Luzardo montavam uma barricada e defendiam a posição, em relação a uma manifestação que exigia a reconstitucionalização do país, com a retomada das eleições, das ações do Congresso Nacional e da formação de uma constituinte, havendo a explicação de que os manifestantes tratavam-se de “amigos”, ou seja, aliados da época revolucionária que passaram a discordar do regime vigente, sendo os mesmos representados como “amigos-ursos”, ou seja, falsos ou traiçoeiros⁷³. Enquanto as mesmas personalidades sul-rio-grandenses navegavam no bote do “Governo Discricionário”, levando junto deles uma jovem espavorida, que representava a República Nova, aproximava-se uma enorme onda identificada com a “agitação constitucional”, aparecendo o “Zé Povo” – outro símbolo da população brasileira –, para chamar-lhes atenção quanto ao perigo, ao que os tripulantes se mostravam despreocupados, considerando a agitação das águas como uma “coisa muito vaga”, levando em conta dois dos sentidos de tal termo, ou seja, o próprio movimento aquático ou algo indeterminado, indeciso ou incerto, revelando a falta de credibilidade dos governistas para com o movimento de retomada da constituição⁷⁴. No mesmo sentido, Vargas conversava com Aranha e não dava importância para tiros de canhão que designavam o desejo pela “constituinte”, que partiam do Rio Grande do Sul, de Minas e de São Paulo, considerando que os mesmos não teriam força o suficiente para mudar o status quo⁷⁵.

⁷³ CARETA. Rio de Janeiro, 13 jun 1931.

⁷⁴ CARETA. Rio de Janeiro, 27 jun. 1931.

⁷⁵ CARETA. Rio de Janeiro, 1º ago. 1931.

ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS





ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS



Em um cenário bucólico, o Jeca observava um “político profissional” sequioso por conquistar “a donzela constituição”, que carregava em sua bolsa as “garantias” e as “leis”, surgindo a figura de Getúlio Vargas questionando os

motivos para entregar-se “aquela inocente” a um “velho devasso político”⁷⁶. O “Governo Provisório” era comparado a um bonde que tinha Getúlio Vargas como motorneiro e Osvaldo Aranha na qualidade de fiscal, ao passo que o destino era o Catete – lugar da sede presidencial – e o anúncio destacava para breve a formação de uma constituinte, havendo o aviso do condutor de que o Jeca deveria embarcar pois o percurso do veículo ainda seria longo, em sinal da continuidade do regime ditatorial⁷⁷. A constituinte e a lei eleitoral eram designadas como um vestido de noiva, costurado por Vargas e Aranha, sob o olhar de outro político gaúcho e integrante do governo, Assis Brasil, aparecendo ainda o Zé Povo, que estranhava a vestimenta estar sendo fixada com o uso de alfinetes, de modo que a nubente acabaria por ficar exposta, apenas com as roupas íntimas⁷⁸. Em meio a um “deserto constitucional”, os apoiadores da Aliança Liberal/Revolução de 1930 buscavam desvendar os enigmas da esfinge que representava Getúlio Vargas, sendo apontada a impossibilidade de decifrá-lo, tendo em vista seu constante sorriso⁷⁹. Frente a um anúncio de que ficava transferida a constituinte, um canguru carregava “velhos políticos” em sua bolsa, buscando avançar e defender a ideia da formação da comissão constitucional, no que era impedido pelo político gaúcho Flores da Cunha, com a concordância de Getúlio Vargas⁸⁰.

⁷⁶ CARETA. Rio de Janeiro, 1º ago. 1931.

⁷⁷ CARETA. Rio de Janeiro, 8 ago. 1931.

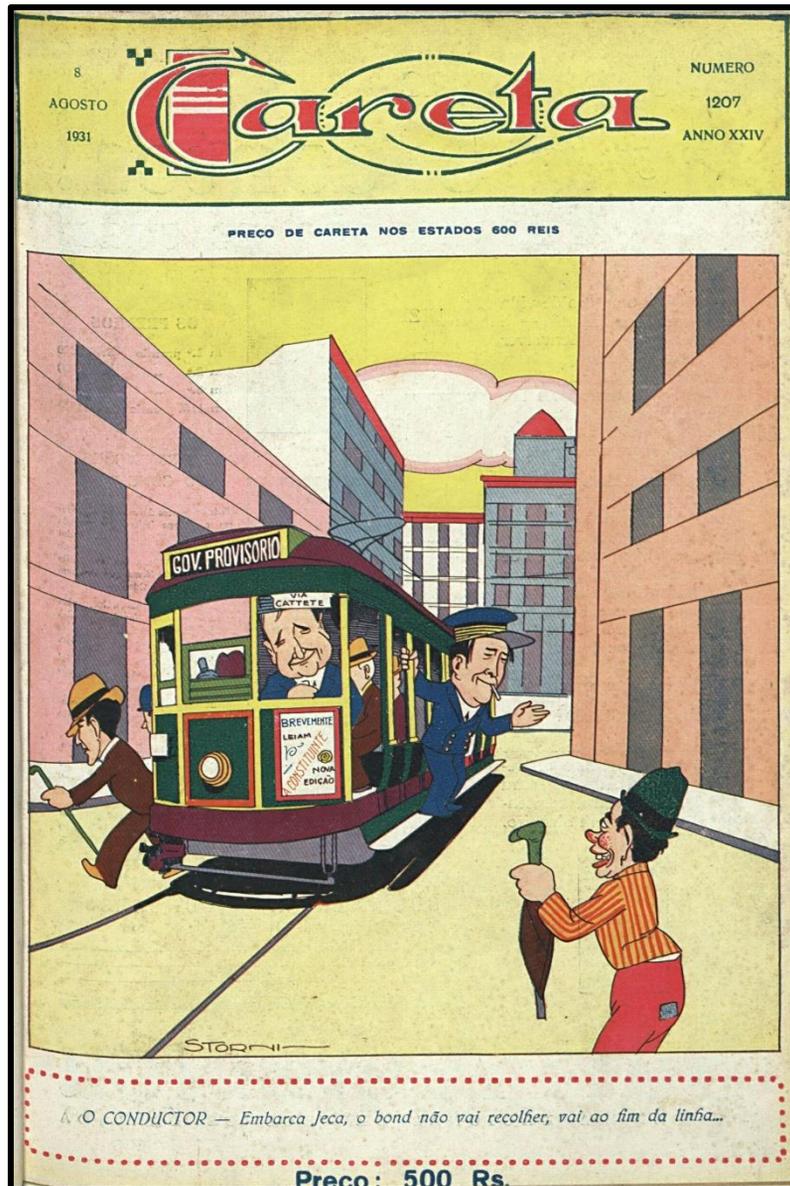
⁷⁸ CARETA. Rio de Janeiro, 29 ago. 1931.

⁷⁹ CARETA. Rio de Janeiro, 12 set. 1931.

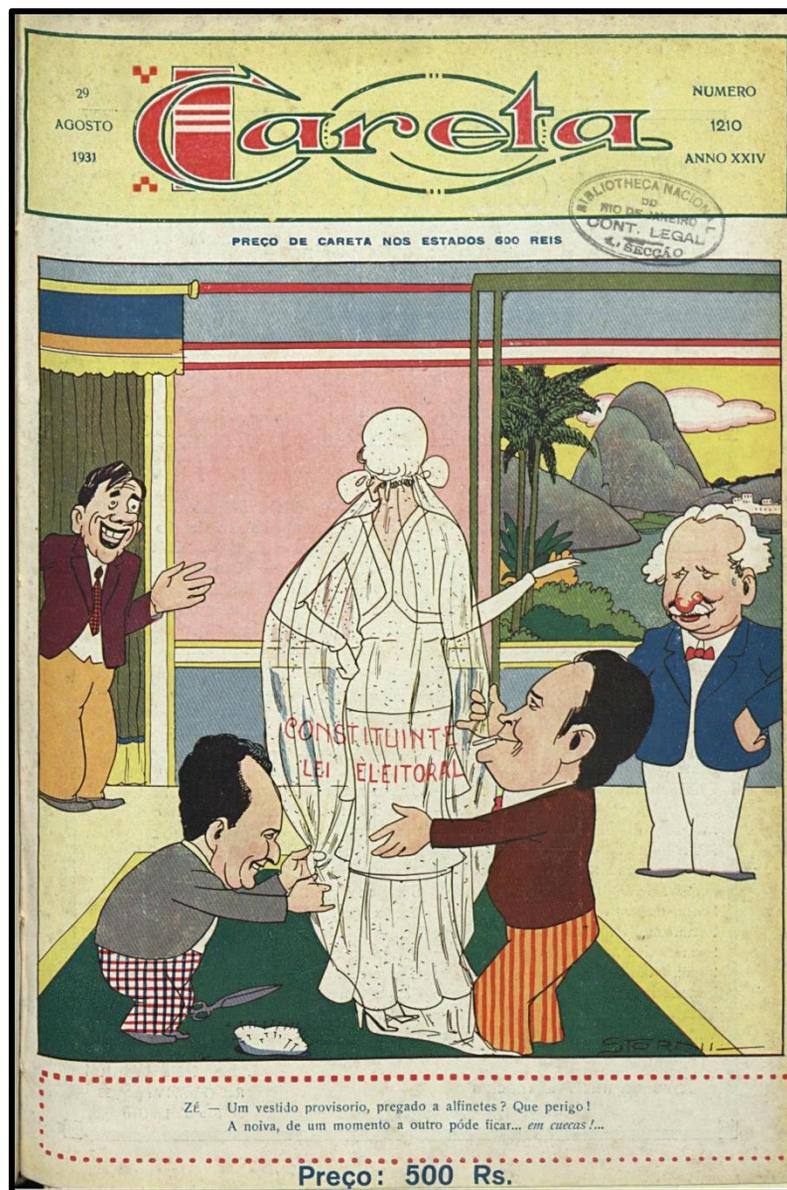
⁸⁰ CARETA. Rio de Janeiro, 19 set. 1931.

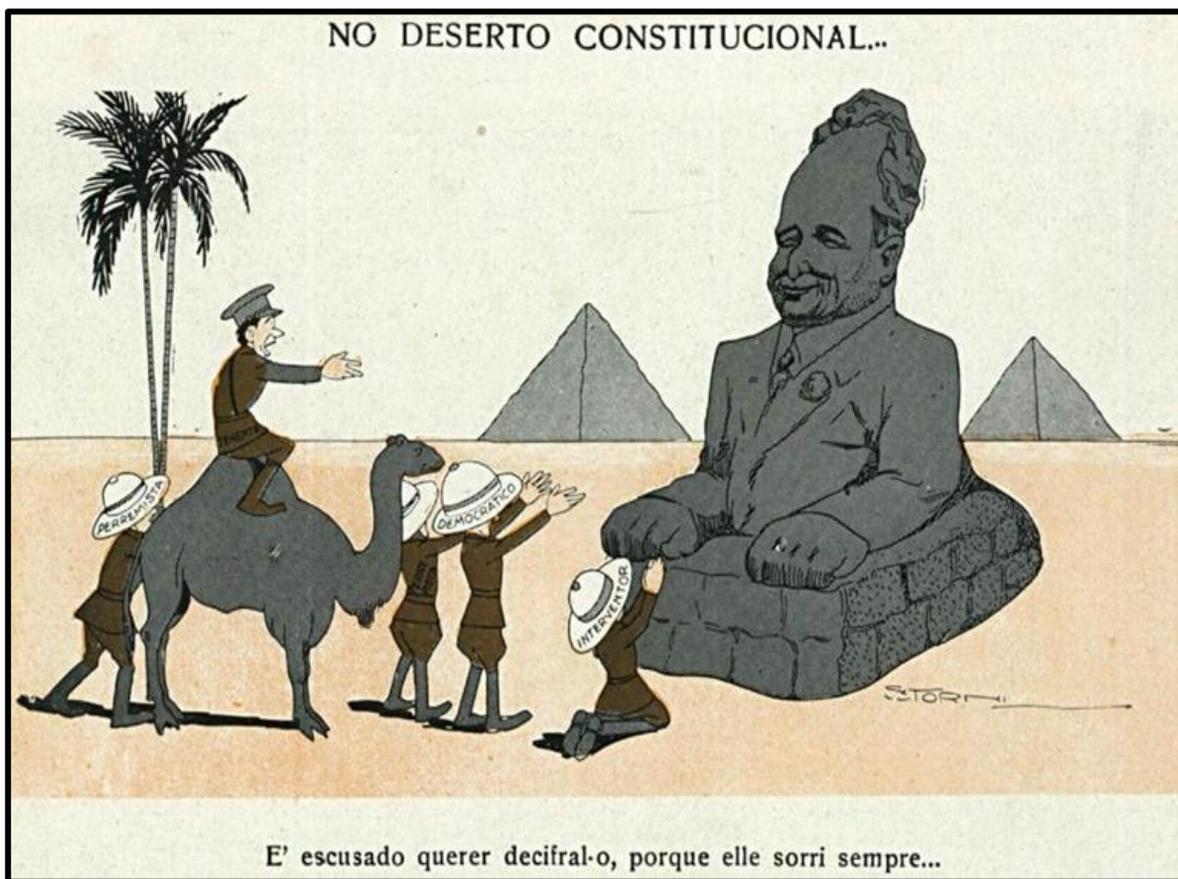
ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS





ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS





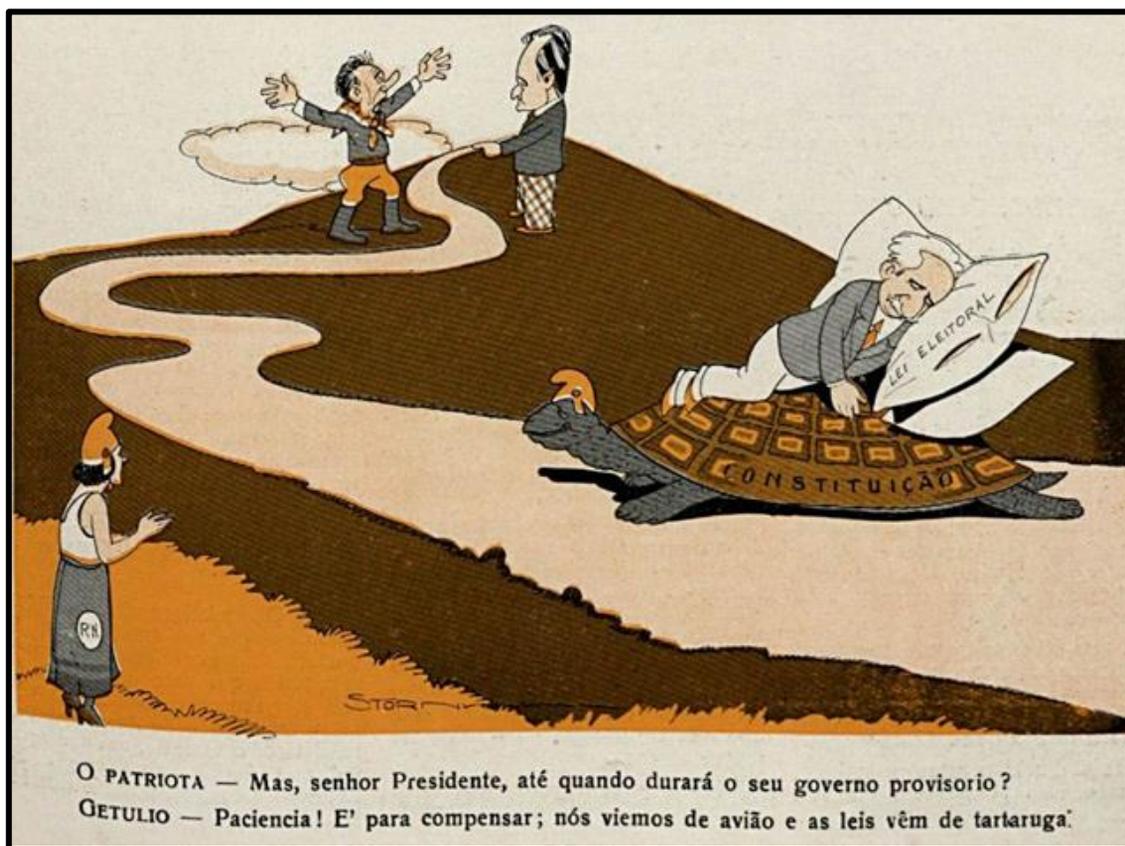
ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS



Sob o olhar da dama do barrete frígio que simbolizava a República Brasileira, um “Patriota” cobrava qual seria afinal a duração do Governo Provisório, ao que Vargas pedia paciência, pois seu grupo chegara de avião até ao poder, ao passo que a lei eleitoral que traria a nova constituição viria na forma de uma tartaruga – e toda a lerdeza que tal animal designa –, também de barrete frígio, sobre o casco da qual dormia tranquilamente o político Assis Brasil, um dos responsáveis por tal processo⁸¹. Os defensores das eleições e da

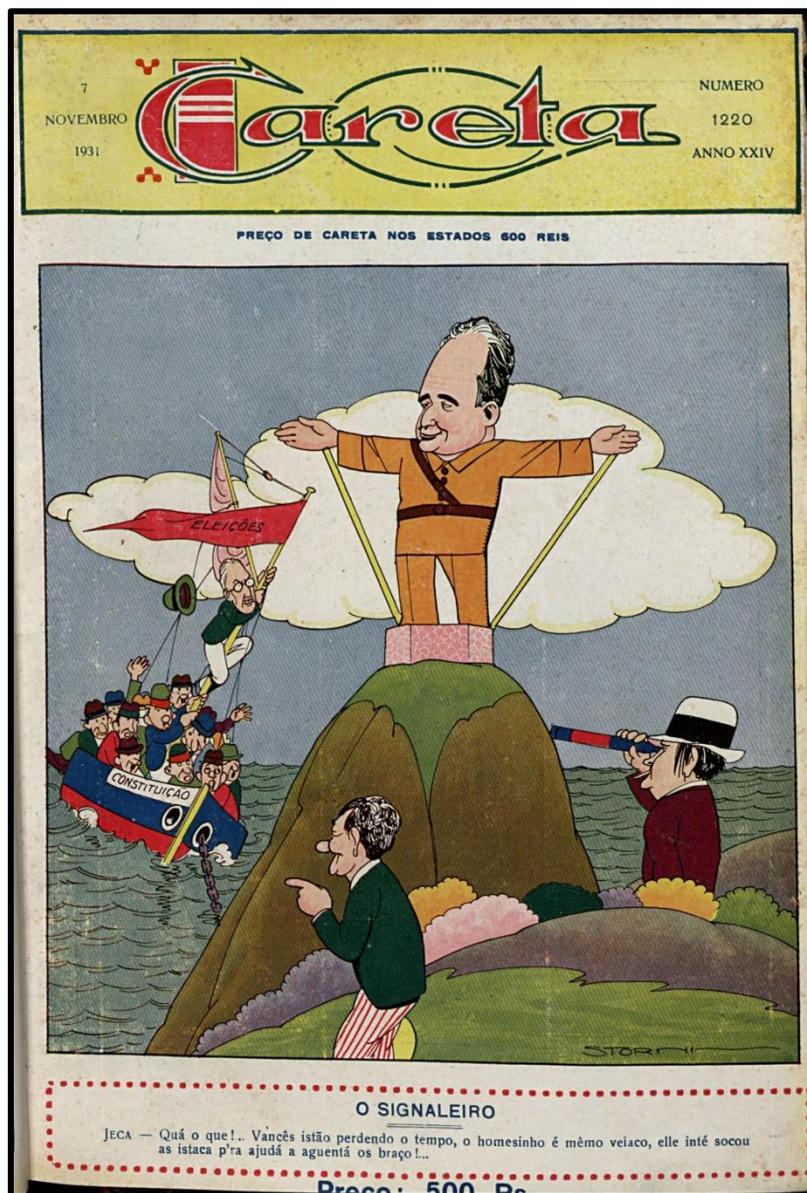
⁸¹ CARETA. Rio de Janeiro, 24 out. 1931.

reconstitucionalização, apareciam como passageiros que lotavam um barco, tendo a figura de Vargas, como uma espécie de indicação, para desorientá-los, enquanto eram observados por Osvaldo Aranha através de uma luneta, além de também aparecer o Jeca a avisar os navegantes quanto ao insucesso em seus intentos⁸².



⁸² CARETA. Rio de Janeiro, 7 nov. 1931.

ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS



A constituinte apareceu ainda como uma mulher adormecida literal e figurativamente na cabeça de Getúlio Vargas, em sinal de que ele seria o idealizador final do documento constitucional⁸³. Por outro lado, a constituinte foi representada como uma enorme rocha que rolava montanha abaixo, com ampla dificuldade para os governantes controlá-la em sua descida⁸⁴. O Estado Nacional Brasileiro era mostrado como um pequeno caminhão carregado de café, havendo a ação do motorista Getúlio Vargas e dos passageiros, os também gaúchos, Osvaldo Aranha, Batista Luzardo e Lindolfo Collor, que desciam para empurrar, em um esforço conjunto para retirar o veículo do atoleiro da crise mundial, havendo ao largo alguns propugnadores da “campanha constitucional”, que eram desafiados por Vargas a deixarem de lado seus princípios e ajudarem na recuperação do país⁸⁵. A passagem do ano de 1931 ao de 1932 foi demonstrada pela revista como a continuidade do Governo Provisório, representado como um tanque de guerra, no qual figuravam Vargas, Collor, Aranha e Juarez Távora, em um quadro pelo qual o veículo empurrava para mais adiante, junto do novo ano, a própria ideia da constituinte, contando com uma apreciação jocosa de parte do Zé Povo⁸⁶. Mudava o meio de transporte, com o Zé Povo oferecendo um avião para chegar até a constituinte, ao que Vargas respondia que seria mais cauteloso, preferindo o modo mais lento para chegar aquele destino⁸⁷.

⁸³ CARETA. Rio de Janeiro, 14 nov. 1931.

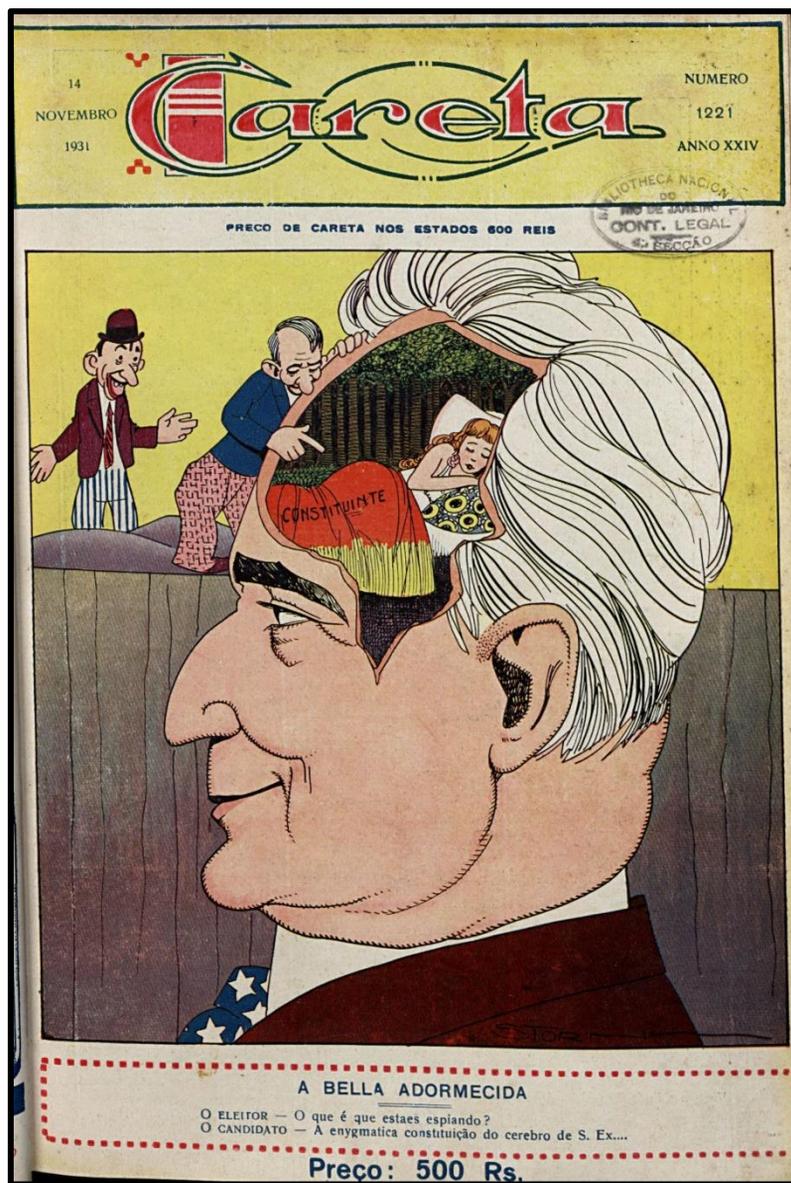
⁸⁴ CARETA. Rio de Janeiro, 12 dez. 1931.

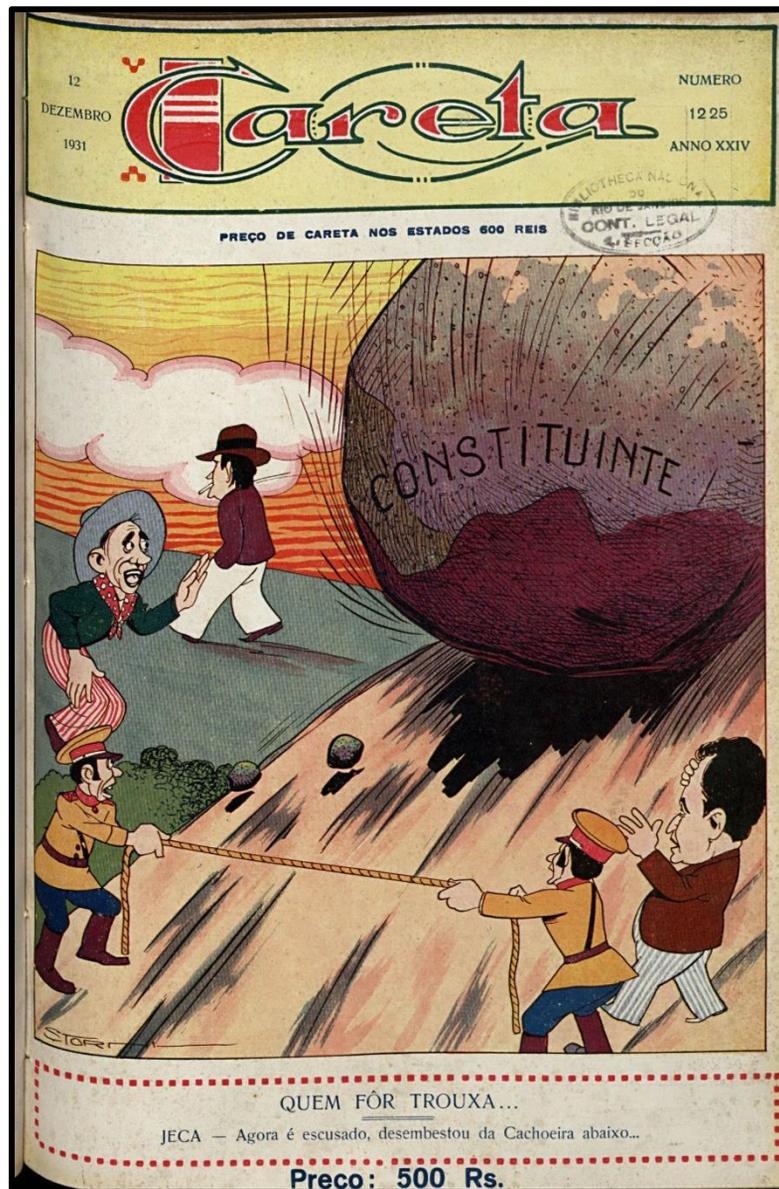
⁸⁵ CARETA. Rio de Janeiro, 19 dez. 1931.

⁸⁶ CARETA. Rio de Janeiro, 2 jan. 1932.

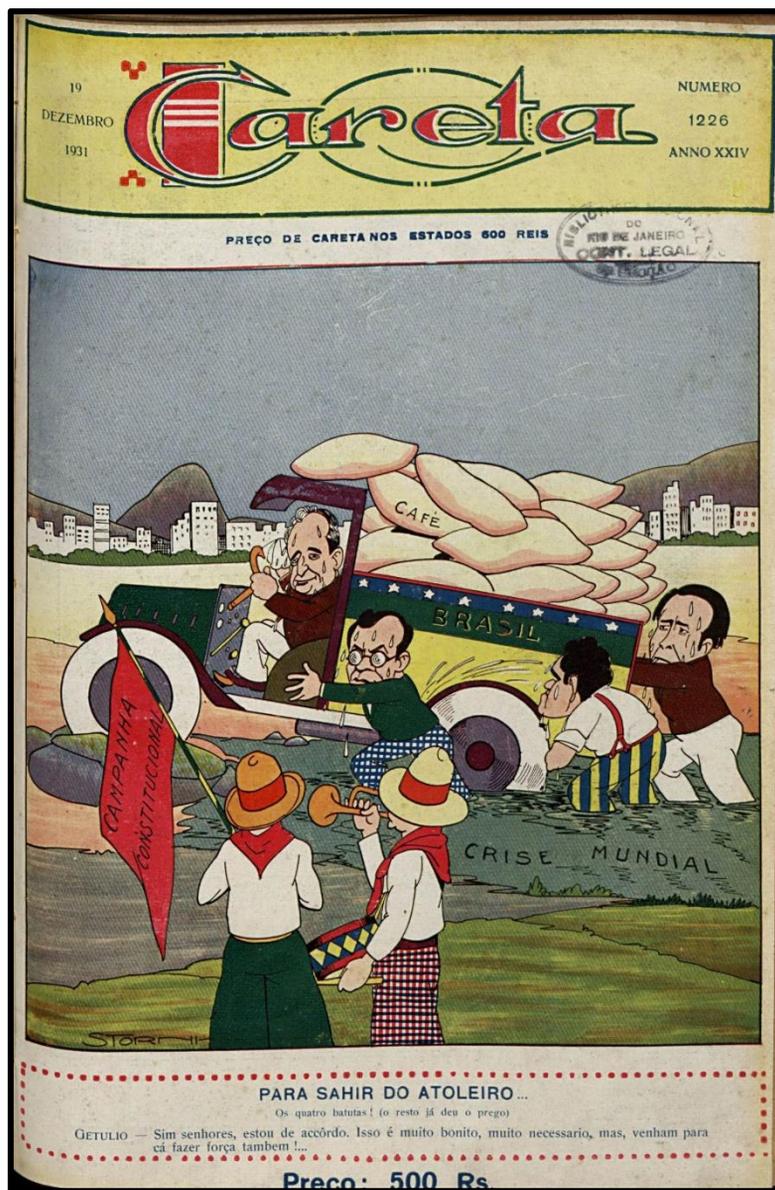
⁸⁷ CARETA. Rio de Janeiro, 9 jan. 1932.

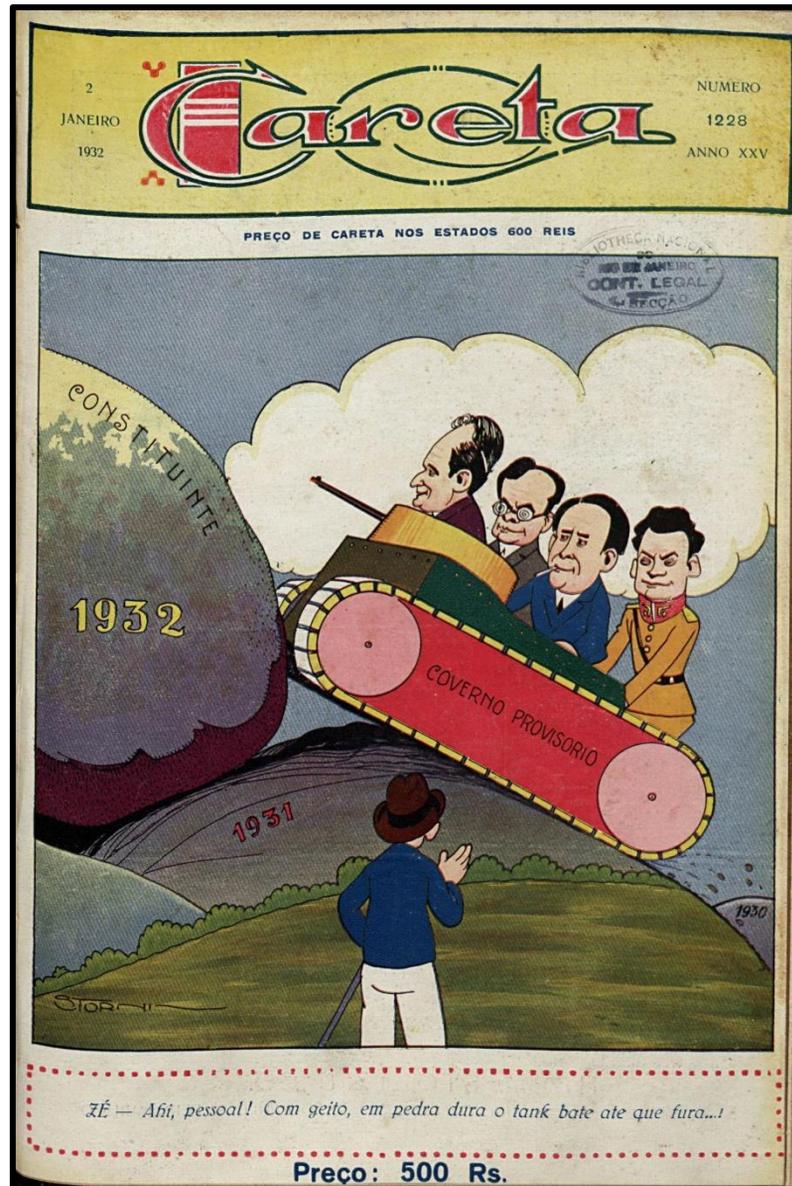
ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS





ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS





ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS



Sob o olhar chistoso do Jeca, o Presidente fazia o papel de pastor, que lia um interminável texto acerca da “nova lei eleitoral”, para os devotos constituintes, ficando evidenciada a perspectiva de contínua postergação do processo eleitoral, por meio do título que lembrava a expressão popular de encher linguiça, ou seja, falar ou fazer algo apenas com o propósito de preencher um período de espera⁸⁸. Com a presença de Borges de Medeiros e de um gaúcho, Flores da Cunha dava continuidade ao projeto de procrastinação eleitoral, ao dar “garantias” de que, no máximo prazo de dez anos, o país voltaria a ter uma constituição⁸⁹. Nas vésperas do carnaval, o magazine demonstrava mais uma vez o compasso de espera para a reconstitucionalização, ao mostrar um bloco formado por políticos gaúchos, que em sua marchinha deixavam claro a sua concepção acerca da inconveniência das eleições⁹⁰. Ainda levando em conta as folias de Momo, os detentores do poder surgiam como integrantes de um carro alegórico, cujo rei era o próprio Getúlio, que poderia até gostar da constituinte, mas não muito⁹¹. A representação da nau do Estado chegava a receber a forma de uma reconstrução histórica, aparecendo como uma caravela piloto por Vargas e que tinha por vela a constituição, havendo a indicação do caminho por parte do “intrépido navegante”, sem que um indígena – representando o povo brasileiro – demarcava os riscos daquela direção⁹².

⁸⁸ CARETA. Rio de Janeiro, 16 jan. 1932.

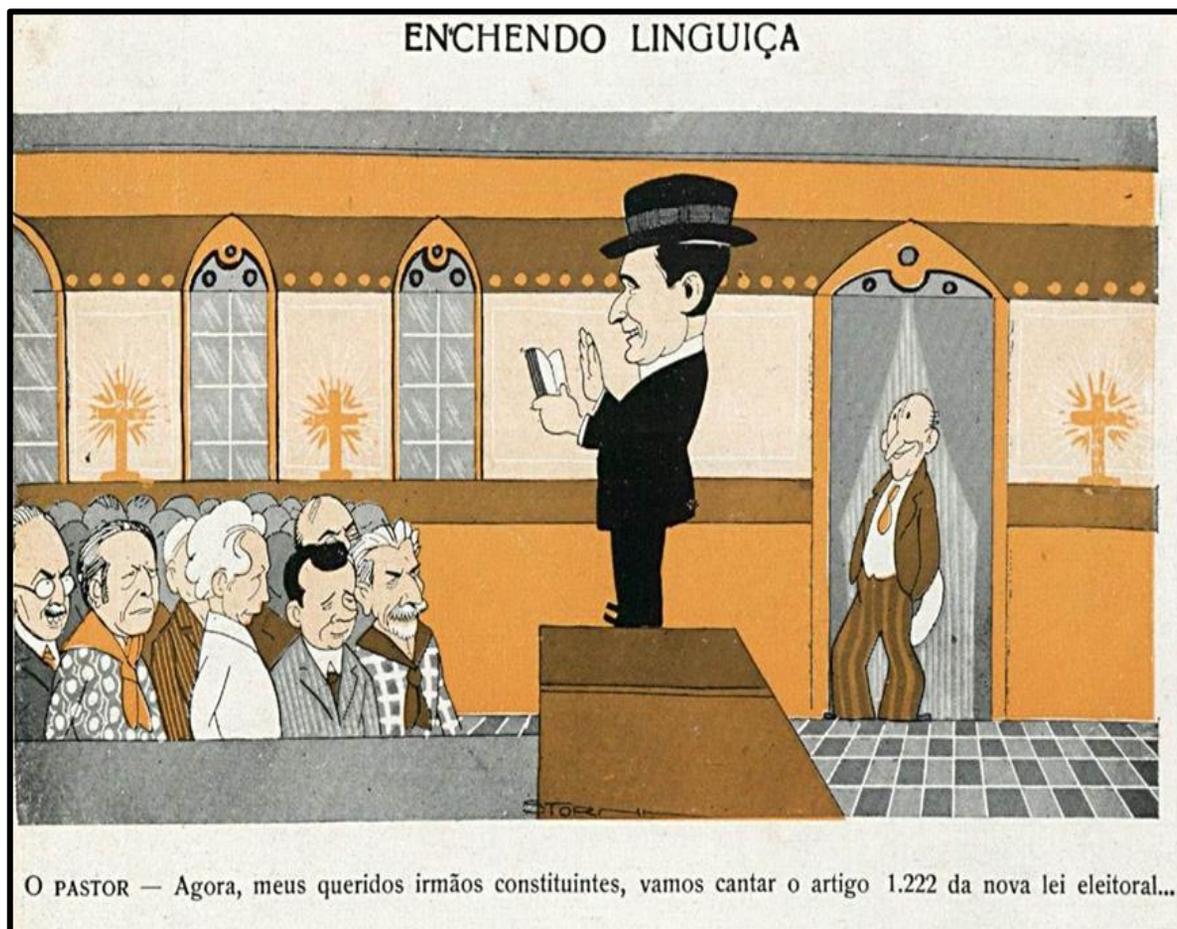
⁸⁹ CARETA. Rio de Janeiro, 23 jan. 1932.

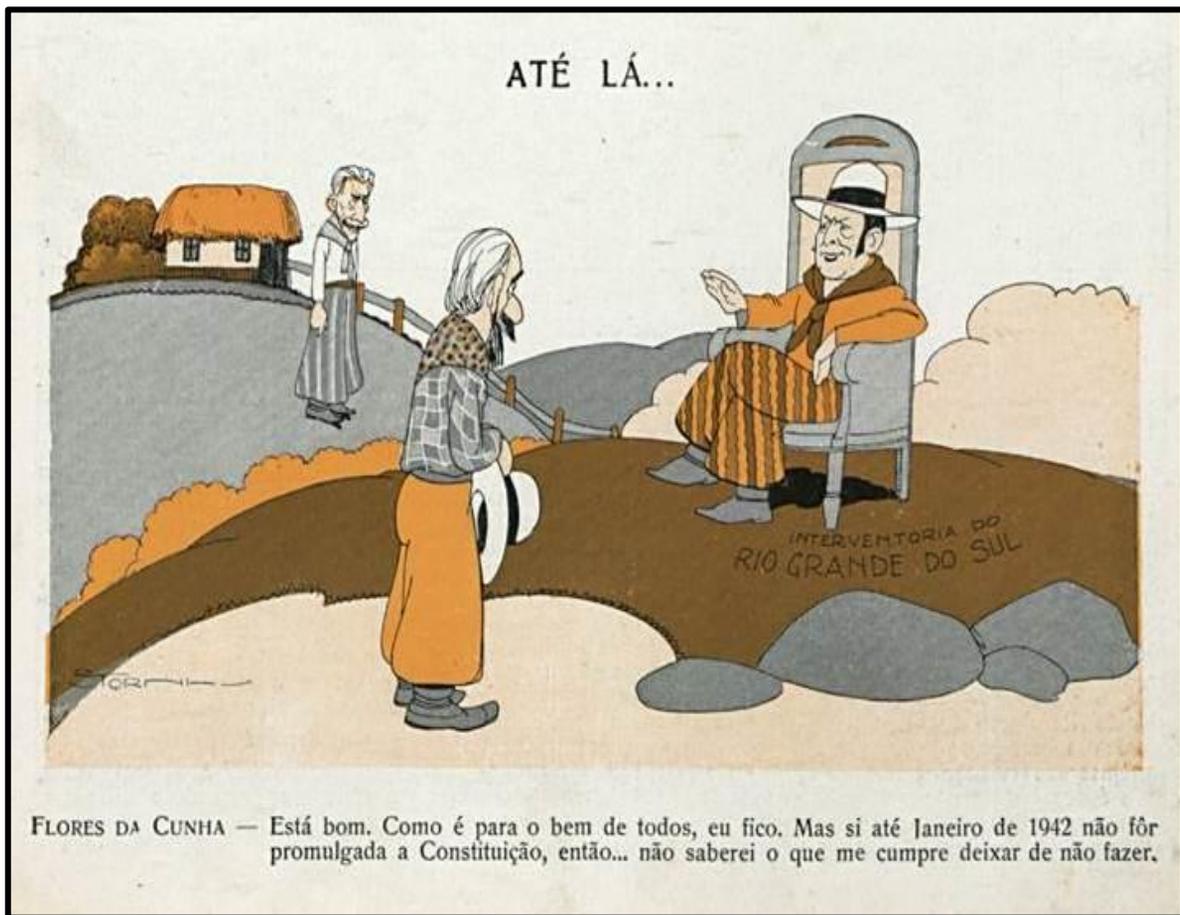
⁹⁰ CARETA. Rio de Janeiro, 30 jan. 1932.

⁹¹ CARETA. Rio de Janeiro, 6 fev. 1932.

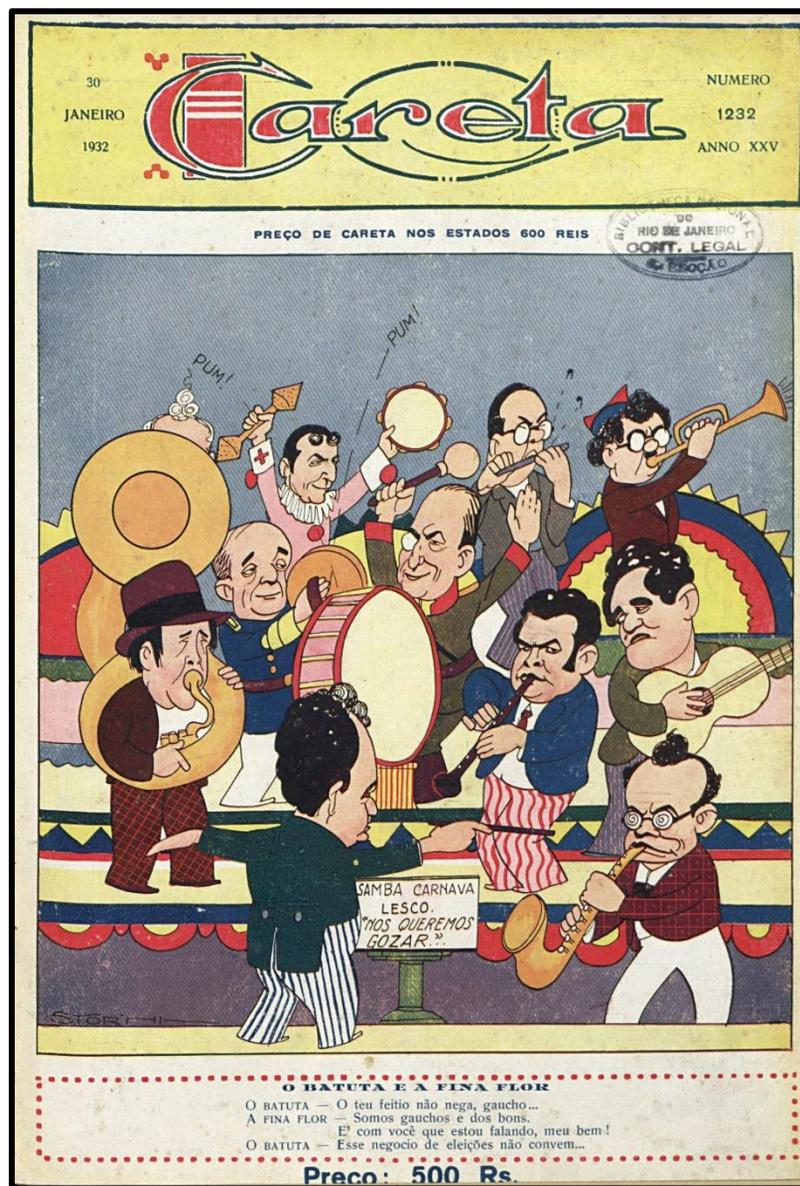
⁹² CARETA. Rio de Janeiro, 20 fev. 1932.

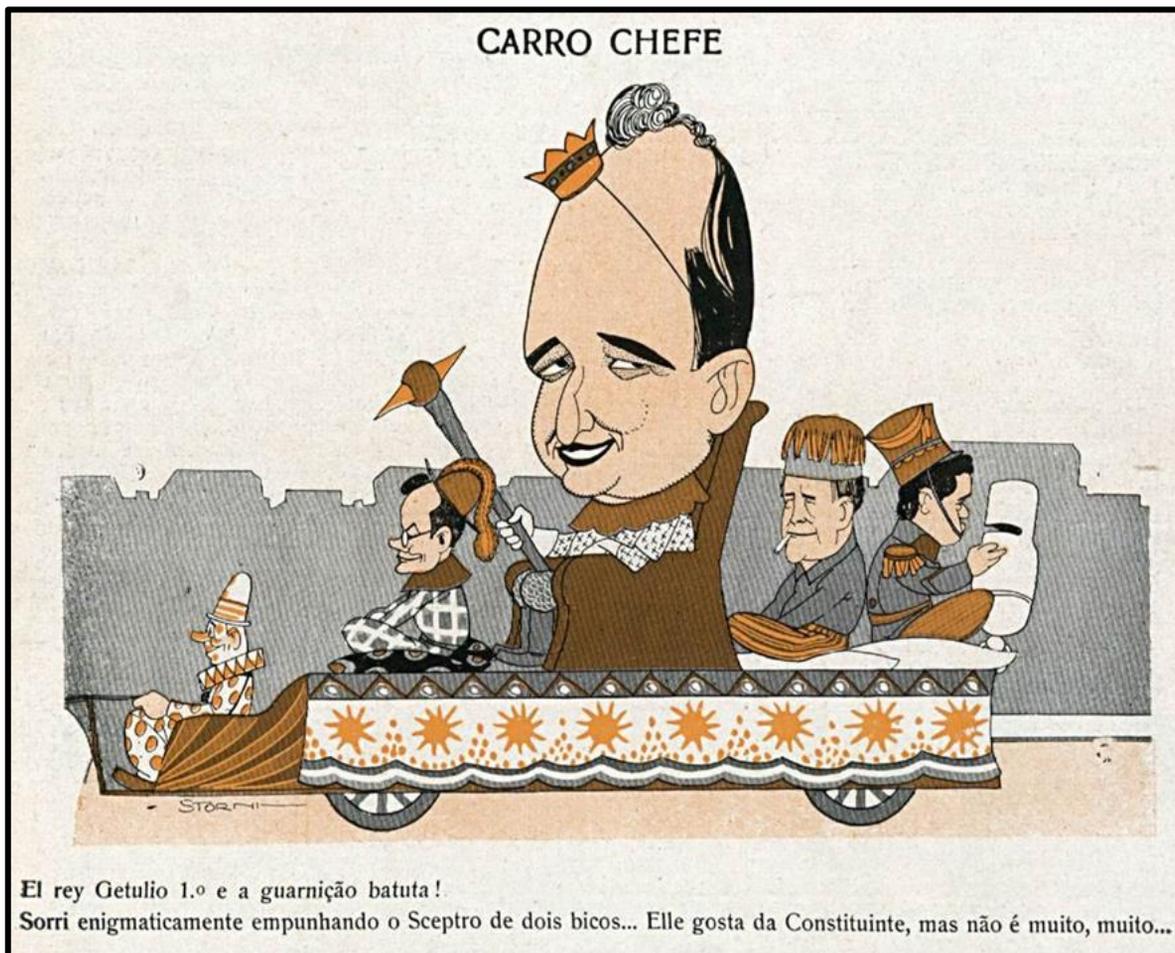
ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS





ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS





ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS



O Zé Povo apostava que Getúlio Vargas havia tapeado seus aliados, um deles na esperança do crescimento do poder dos tenentes e outro na edificação de uma nova constituição, que surgia como um galho viçoso nascido do tronco morto da antiga constituição republicana⁹³. Por outro lado, o tradicional político paraense Lauro Nina Sodré e Silva pretendia vestir a alegoria feminil da República Nova com as vestes antigas da Constituição de 1891, contando com a negativa da jovem, que preferia permanecer em trajes de banho a envergar tal “velharia”⁹⁴. O processo de reconstitucionalização chegou a ser comparado a uma partida de futebol, na qual o Zé Povo imaginava uma virada, com um possível cansaço do “time do Sul”, mas, em perspectiva oposta, a bola da “constituente”, permanecia sob a posse de Getúlio Vargas⁹⁵. Sem muita esperança um cidadão observava que a “campanha pela constituição” iniciava como um enfrentamento acirrado, para terminar em uma aproximação calorosa⁹⁶. A perspectiva dos constantes adiamentos para a constituinte foi tratada mais uma vez com humor, levando em conta o deslocamento cronológico, em cena na qual, meio século depois, um envelhecido Vargas observava os “paladinos da constitucionalização”, também anciãos, mas sem ter perdido o “ardor cívico” na luta por seu intento⁹⁷.

⁹³ CARETA. Rio de Janeiro, 5 mar. 1932.

⁹⁴ CARETA. Rio de Janeiro, 12 mar. 1932.

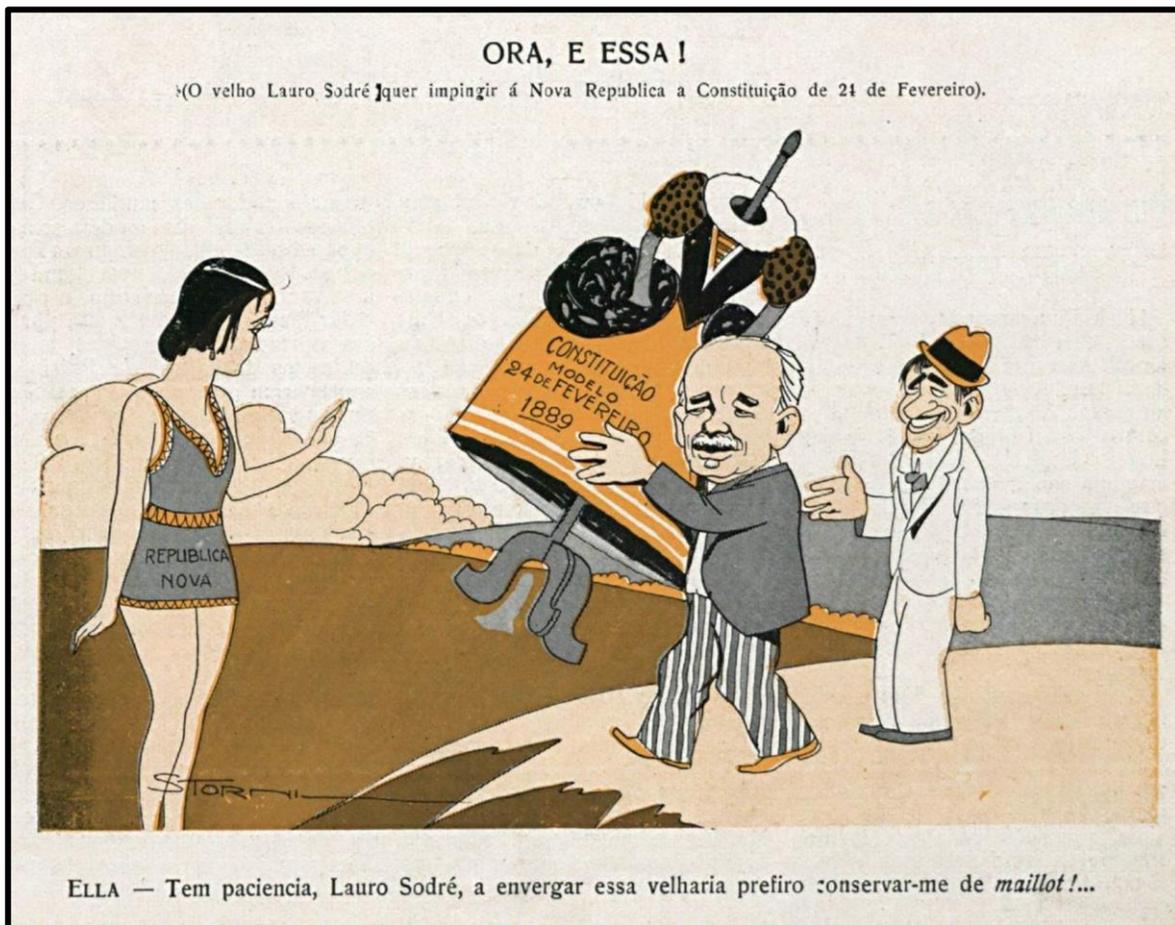
⁹⁵ CARETA. Rio de Janeiro, 23 abr. 1932.

⁹⁶ CARETA. Rio de Janeiro, 30 abr. 1932.

⁹⁷ CARETA. Rio de Janeiro, 7 maio 1932.

ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS

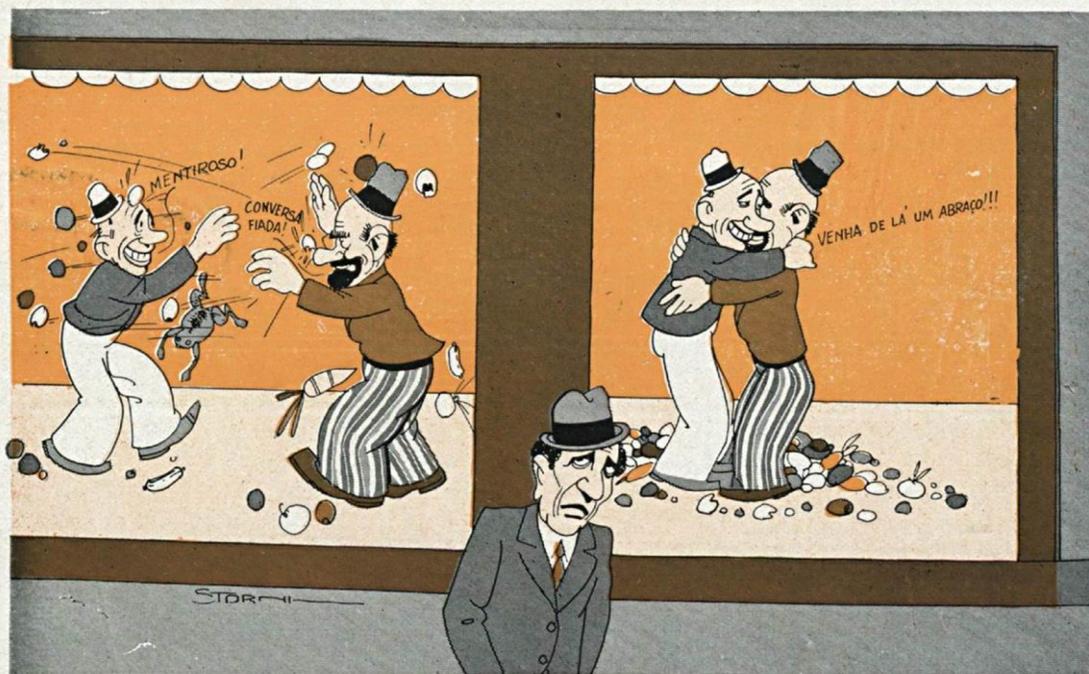




ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS

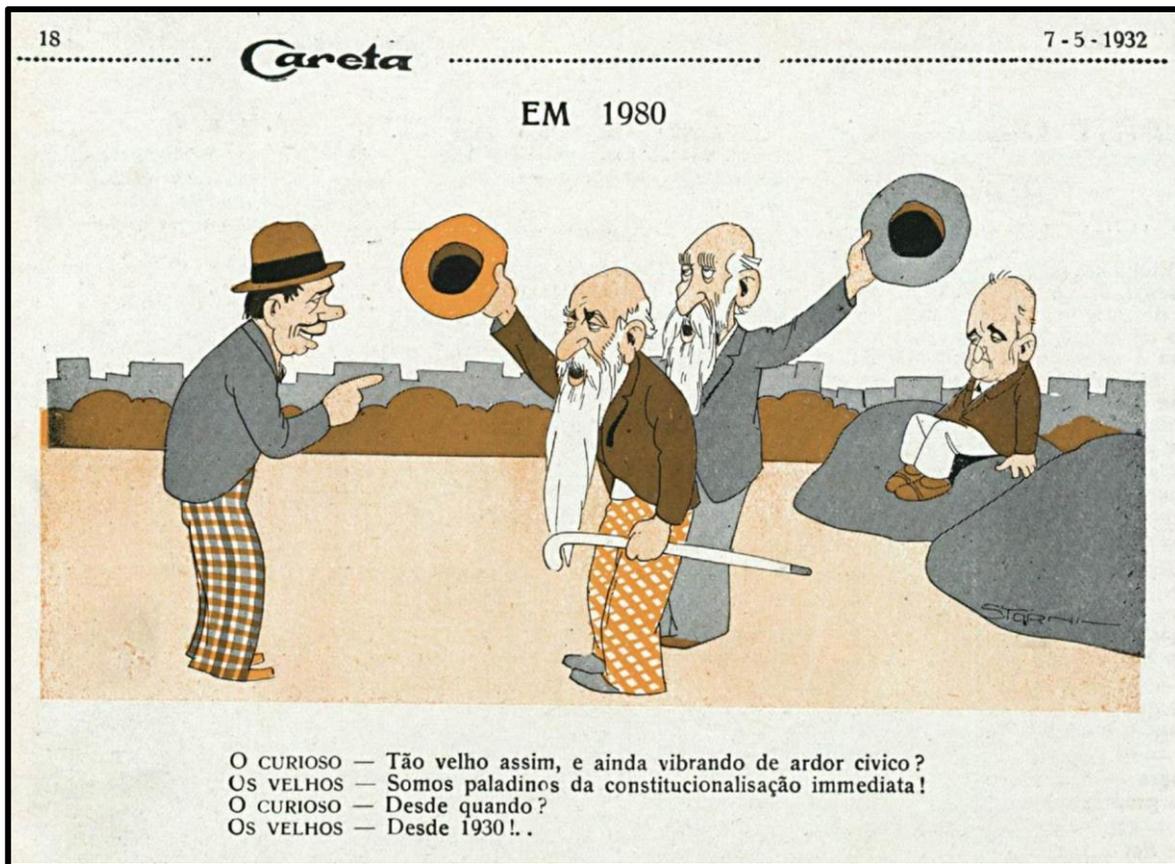


VARIETÉS — (Um numero unico!)



Como começa e como acaba toda campanha pela constituição...

ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS



Como em uma partida de badminton, com o apoio do Jeca, Getúlio Vargas praticava uma “defesa”, ao devolver a peteca da “constituente” lançada por representantes das oligarquias gaúcha, paulista e mineira⁹⁸. Levando em conta a marcação da data para a realização das eleições à constituinte, Vargas e Aranha

⁹⁸ CARETA. Rio de Janeiro, 14 maio 1932.

dirigiam-se no carro da “ditadura” ao “castelo encanto das aspirações mínimas”, indicando ao chofer que se deslocasse vagarosamente, por um “caminho deserto de homens e de ideias”. Em outra cena, Osvaldo Aranha, cuidando do Tesouro Nacional, olhava desconfiado para a representação da política, que exigia algum dinheiro para iniciar a organização das eleições. Na qualidade de um mestre-escola, Getúlio Vargas ensinava a seus discípulos – membros do governo – uma conjugação verbal, segundo a qual ficava evidenciado que ele e seus sectários não queriam a constituição⁹⁹. Em frente ao edifício que simbolizava o tradicional modelo político oligárquico, Getúlio Vargas conversava com a mulher que designava a “velha política”, questionando-lhe se ela ainda se achava em condições de “seduzir os pais da pátria”¹⁰⁰. Uma vez terminada a revolta constitucionalista em São Paulo e, portanto, eliminados os principais adversários, a arte caricatural trazia um Vargas totalmente pronto para moldar uma “massa constitucional”¹⁰¹. Ainda assim, na forma de um gracejo, o Zé Povo recomendava vagarosidade para a dama “constituente”, que teria de percorrer um longo caminho no lombo de uma lenta mula¹⁰². Ainda que encaminhado o processo constituinte, Getúlio Vargas se mostrava satisfeito diante da possível morosidade de sua conclusão, tamanha a quantidade de projetos¹⁰³.

⁹⁹ CARETA. Rio de Janeiro, 28 maio 1932.

¹⁰⁰ CARETA. Rio de Janeiro, 4 jun. 1932.

¹⁰¹ CARETA. Rio de Janeiro, 8 out. 1932.

¹⁰² CARETA. Rio de Janeiro, 19 nov. 1932.

¹⁰³ CARETA. Rio de Janeiro, 17 dez. 1932.

ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS





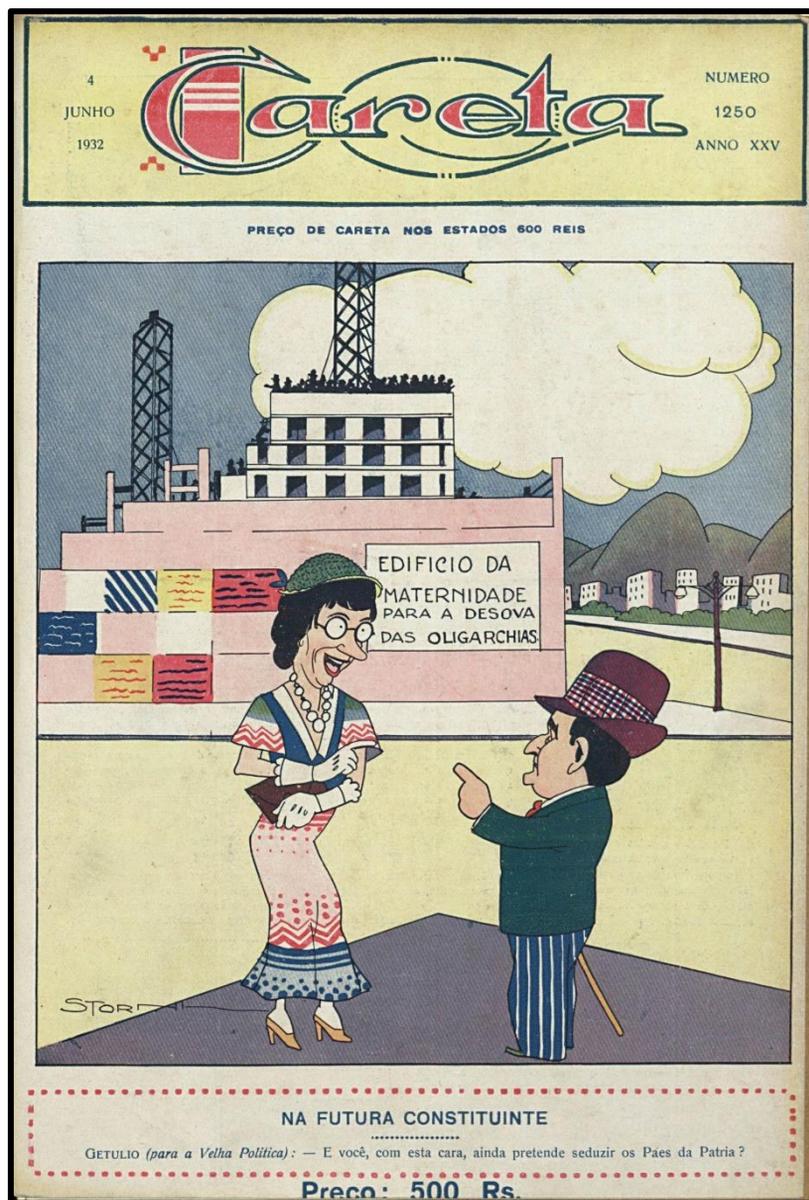
A CONSTITUINTE IMEDIATA



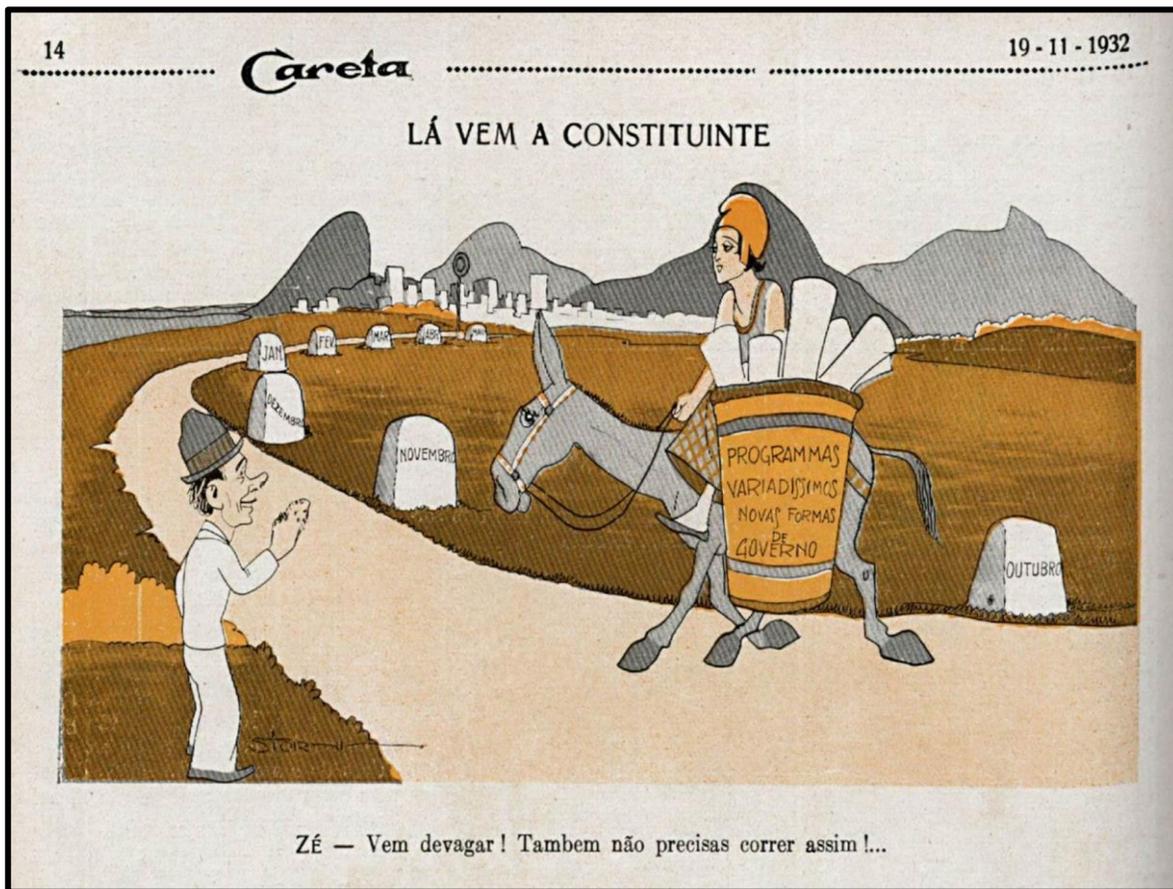
O POLITICO — Tenha paciência, senhor Ministro, mas eu preciso de «algum» para começar as eleições...



ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS









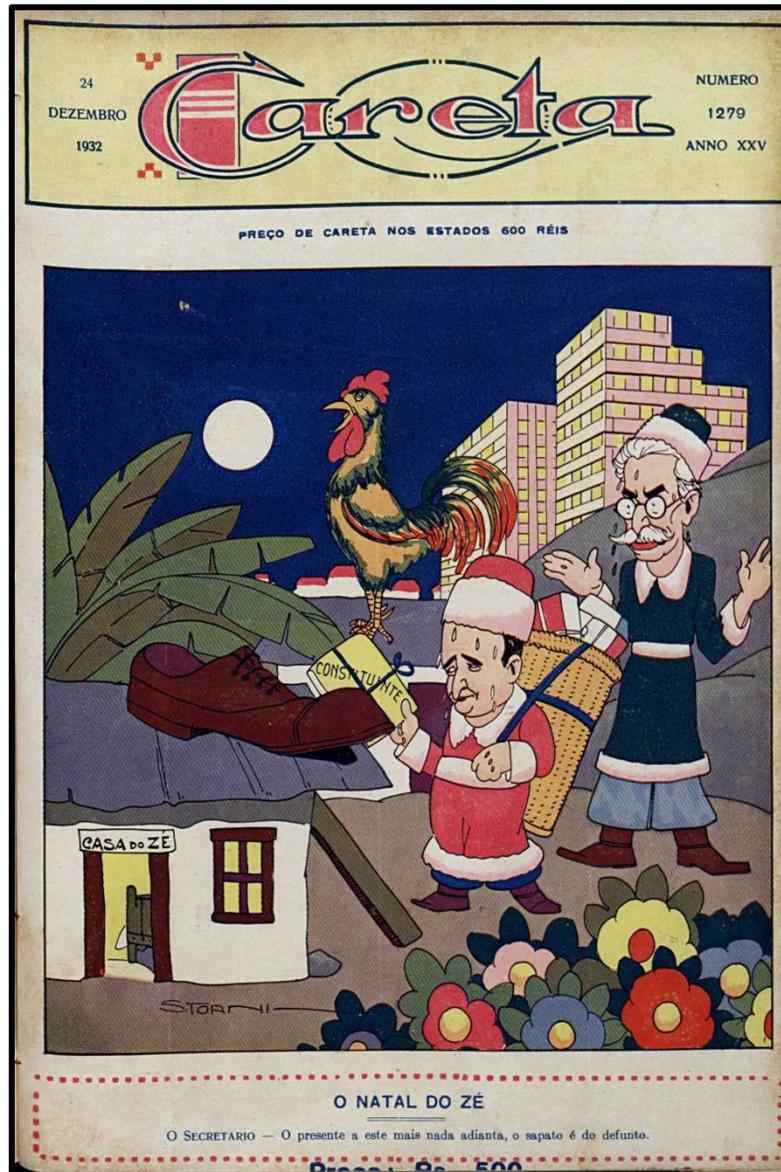
Em época das festividades natalinas, Getúlio Vargas aparecia como Papai Noel que colocava no sapato do Zé Povo a constituinte com presente, embora fosse avisado de que o calçado não pertencia ao dono da casa. A questão da passagem do tempo como sinônimo do largo período para a efetiva reconstitucionalização do país voltou a figurar em cenário marcado pelos retratos do primeiro e do último Presidente da República, com um “sonhador” perguntando qual seria a data da constituinte, recebendo a resposta do funcionário de que ele precisaria esperar sentado, pois ainda seria necessário mais quase meio século para que o processo se realizasse¹⁰⁴. Sobre a base marcada pela data das eleições à constituinte, Vargas era mais uma vez representada por uma esfinge, que sorria, havendo ainda alguma dúvida de parte do Zé Povo quanto ao fim do regime ditatorial¹⁰⁵. A perspectiva do início dos trabalhos da constituinte foi tratada com humor pela publicação ilustrada, mostrando um inusitado encontro entre um aviador e o dono de uma casa no alto da montanha, realizando obras na residência imaginando que ela poderia vir a ser sede da constituinte¹⁰⁶. Em um paralelo entre a época imperial e a República Nova, Getúlio Vargas era comparado à figura imperial, bastante interessado em permanecer no poder, ou seja, conquistar a dama que representava a Presidência da República¹⁰⁷.

¹⁰⁴ CARETA. Rio de Janeiro, 24 dez. 1932.

¹⁰⁵ CARETA. Rio de Janeiro, 22 abr. 1933.

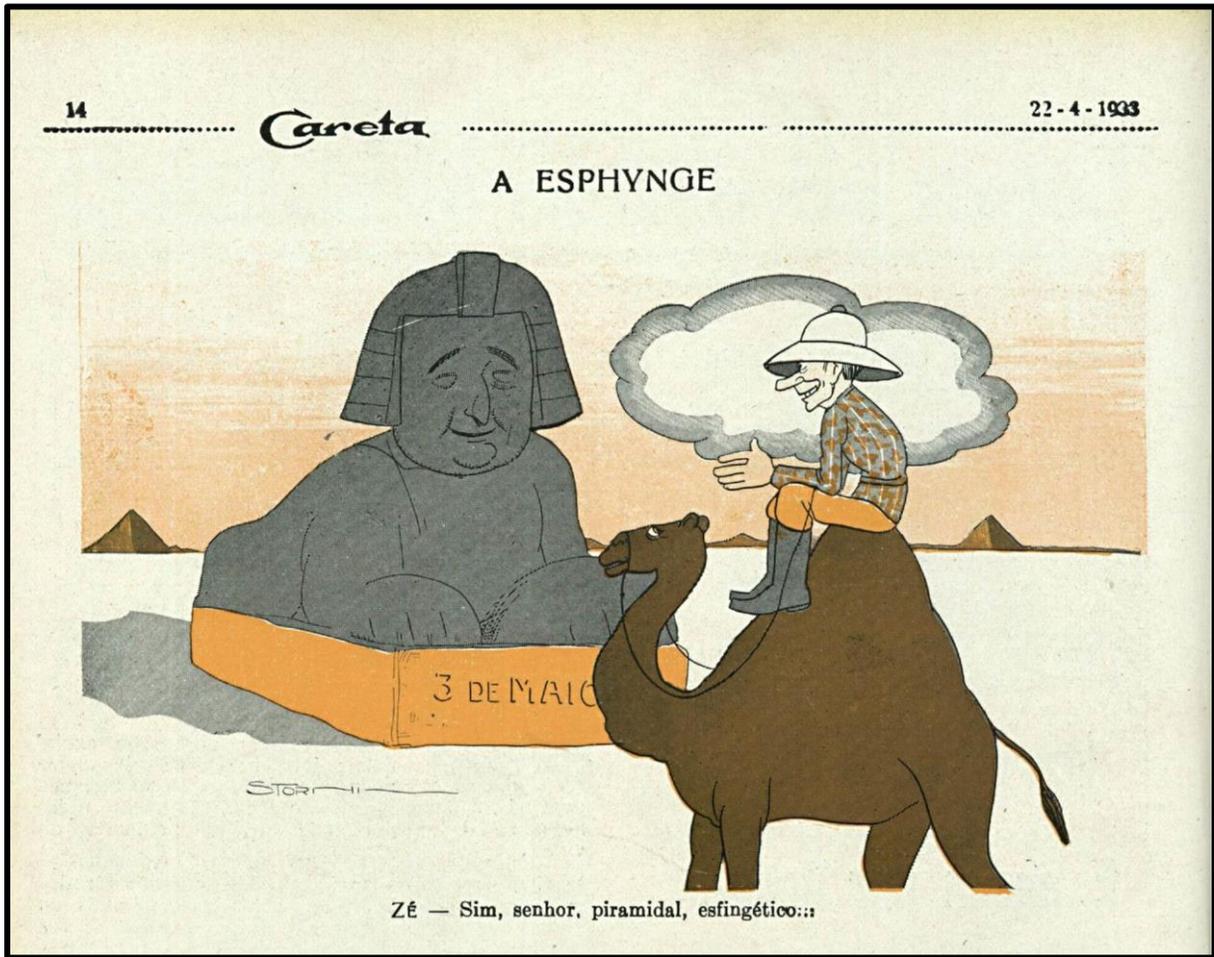
¹⁰⁶ CARETA. Rio de Janeiro, 17 jun. 1933.

¹⁰⁷ CARETA. Rio de Janeiro, 1º jul. 1933.

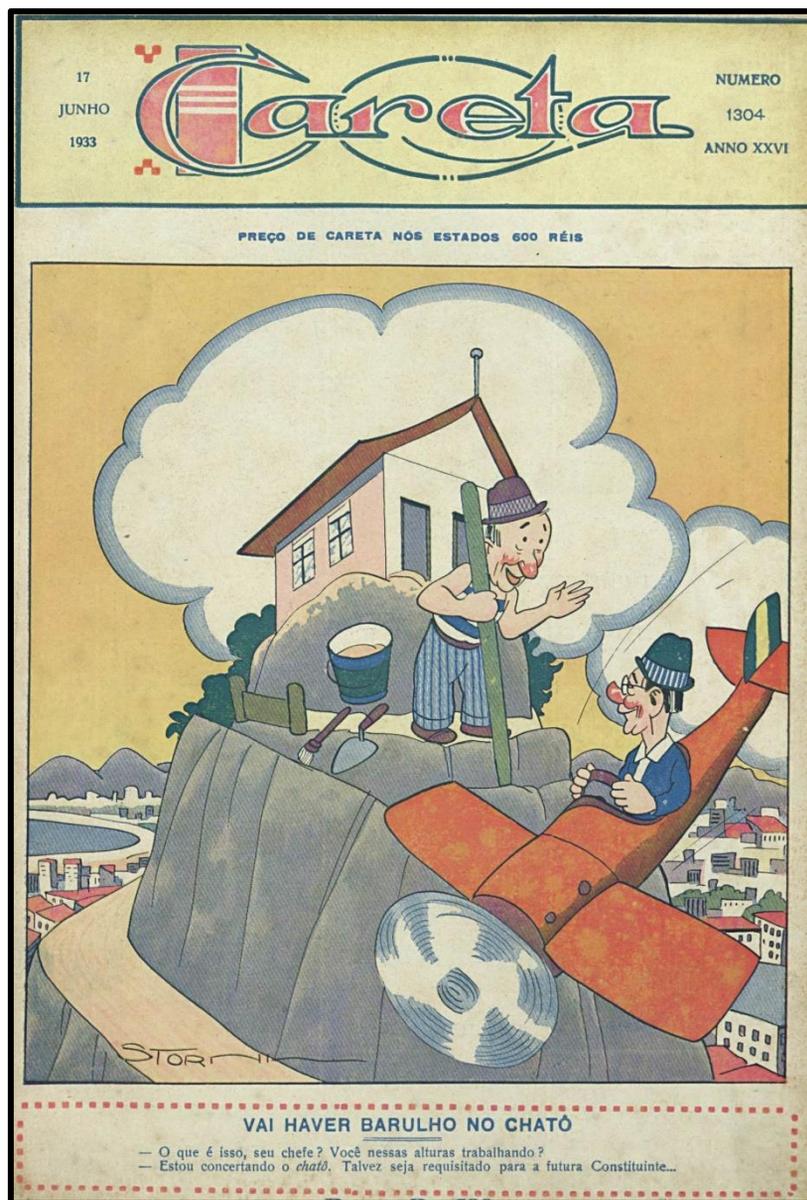


ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS





ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS





A imaginação em torno do tempo necessário para a conclusão dos trabalhos constituintes era a pauta na caricatura que mostrava dois “incorrigíveis sonhadores” que, pacientemente, aguardavam a promulgação do novo texto constitucional¹⁰⁸. As ações constituintes com a formação de um projeto eram comparadas ao trabalho de preparação de uma “feijoada completa”, ou seja, “o grande prato nacional”, sendo apontada toda a complexidade para a elaboração definitiva tanto do texto quanto da comida¹⁰⁹. Getúlio Vargas aparecia badalando um grande sino a fazer a convocação dos constituintes, que corriam ávidos em sua direção, interessados em adquirir o “milho constitucional”, ou seja, a remuneração que receberiam por seus trabalhos¹¹⁰. Sob o olhar ladino de Osvaldo Aranha e tendo atrás de si um quadro que apresentava o caminho até o Palácio do Catete, Getúlio Vargas recebia a “faixa constitucional” de um “republicano”, o qual fazia um jogo de palavras entre a figura presidencial e a do ditador, esperando que este último modelo realmente se extinguisse com a nova constituição¹¹¹. Mostrando as obras para a elevação de uma casa, o periódico trazia a conversava entre Vargas e o Zé Povo, lançando certa dúvida se os esforços seriam para a instalação da constituinte ou para a realização de uma feira de amostras¹¹².

¹⁰⁸ CARETA. Rio de Janeiro, 15 jul. 1933.

¹⁰⁹ CARETA. Rio de Janeiro, 26 ago. 1933.

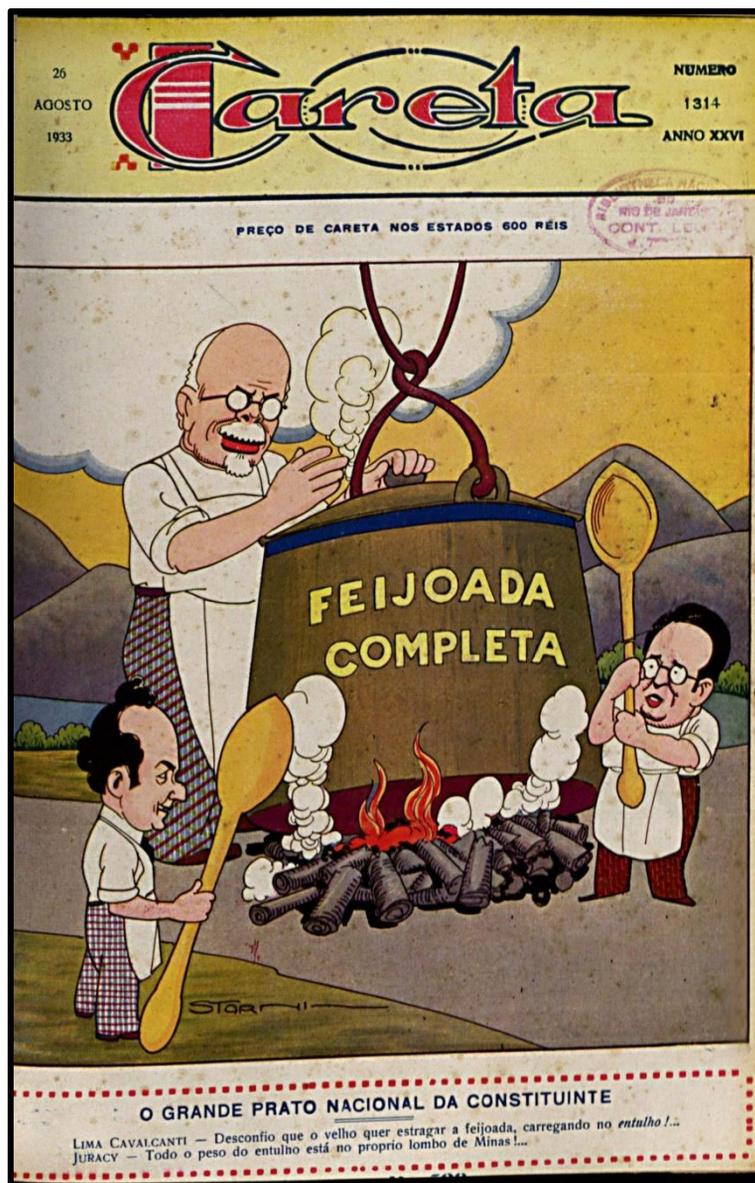
¹¹⁰ CARETA. Rio de Janeiro, 2 set. 1933.

¹¹¹ CARETA. Rio de Janeiro, 28 out. 1933.

¹¹² CARETA. Rio de Janeiro, 18 nov. 1933.



ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS



A CONVOCAÇÃO



— A pôstos, macacada ! Está na hora do *milho* constitucional !...

ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS





Diante do anteprojeto da constituinte, o militar Pedro Aurélio de Gois Monteiro, verdadeira iminência parda no poder ao longo dos anos 1930 e 1940, mostrava uma posição amplamente ambígua quanto ao texto em construção, sendo por isso chamado pelo Zé Povo de “admirável estrategista”¹¹³. A presença de uma representante feminina na constituinte, Carlota Pereira de Queiróz, foi tratada de maneira extremamente machista pelo magazine, ao ressaltar que tal “mulher deputada” falava em demasia¹¹⁴. Na presença de duas figuras femininas anciãs, representando a época monárquica e a República Velha, a jovem República Nova saudava a chegada do Presidente da constituinte, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, o qual lembraria uma notória frase a ele atribuída, com a substituição da palavra “revolução” por “constituinte”¹¹⁵. Em ilustração que fazia referência à grande demanda de tempo na realização das ações constituintes, a estátua de Tiradentes, como só a arte caricatural permitia, ganhava vida e desaconselhava um cidadão que aguardava o encerramento dos trabalhos¹¹⁶. A constituinte foi apresentada como uma mulher que conversava com o Zé Povo, estando ela encarregada de encher linguiça, ou seja, falar ou fazer algo apenas com o propósito de preencher um período de espera, procrastinando as conclusões¹¹⁷.

¹¹³ CARETA. Rio de Janeiro, 25 nov. 1933.

¹¹⁴ CARETA. Rio de Janeiro, 2 dez. 1933.

¹¹⁵ CARETA. Rio de Janeiro, 9 dez. 1933.

¹¹⁶ CARETA. Rio de Janeiro, 16 dez. 1933.

¹¹⁷ CARETA. Rio de Janeiro, 6 jan. 1934.





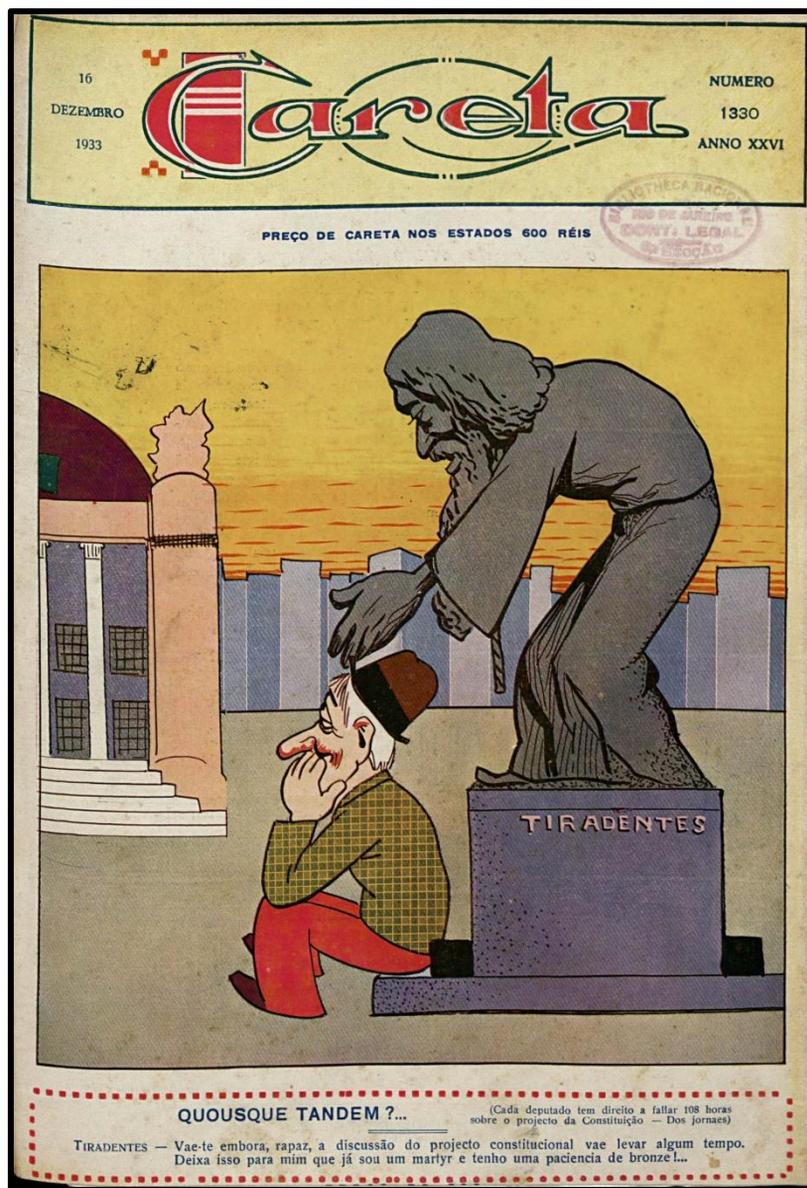
SEMPRE OPPORTUNO



A REPUBLICA NOVA — Allô, Boy! Qual é a phrase de hoje?

O ANDRADA — «Façamos a Constituinte, antes que o povo a faça!»

ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS





Na presença de Vargas, os trabalhos da constituinte eram comparados aos de um estaleiro, com a construção de um navio, constatando o Zé Povo que o casco da embarcação era composto de “dez mil emendas”, em alusão àquelas realizadas no texto constitucional, de modo que seria o mais pintado de

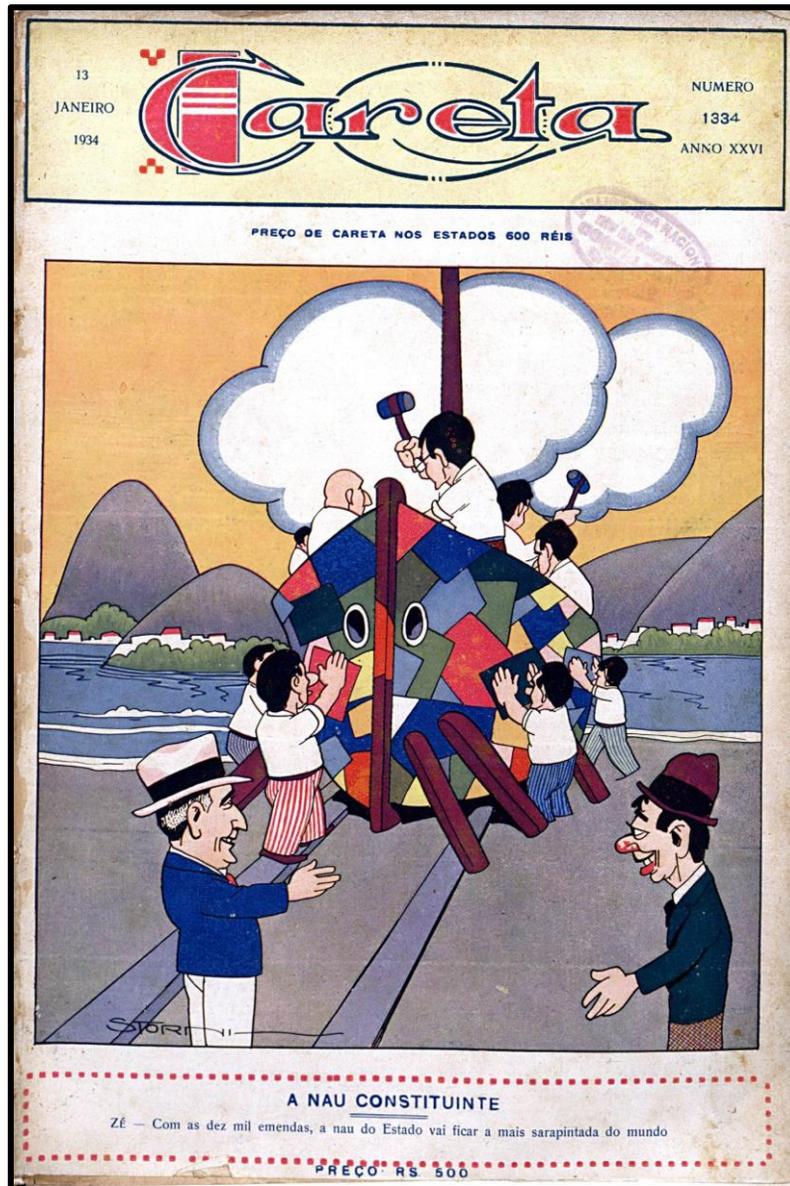
diferentes cores em todo o mundo. A elaboração do anteprojeto constitucional era vista como a ação de uma cozinheira, que preparava um bolo, contando com “todos os temperos do mundo e nacionais”, com uma série de molhos, como inglês, francês, russo, baiano, paulista, pernambucano e mineiro, além da salmoura gaúcha, ressaltando o Zé Povo que seria necessário cuidado especial com o cozimento no forno, pois poderia “‘queimar’ antes de ficar pronto”¹¹⁸. Às vésperas da promulgação do texto constitucional, em relação à tradicional divisão de poderes, Getúlio Vargas dizia preferir permanecer com a ascendência do Executivo, representando por um churrasco, que ele viria a degustar, deixando a “salada do Legislativo”, prevista na “nova Constituição”, para o Zé Povo¹¹⁹. No alto de uma elevação do terreno, o “proletário” era interpelado por um guarda, que lhe perguntava quais seriam as suas intenções, ao que o primeiro justificava que a constituinte lhe dera um papel com maior “cotação”¹²⁰. Encerradas as ações da constituinte, Getúlio Vargas, na forma de uma “recompensa final”, concedia uma comenda a Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, demarcando que tal ato serviria como uma despedida da vida pública de parte do companheiro de Aliança e de Revolução, plano espertamente observado pelo Zé Povo¹²¹.

¹¹⁸ CARETA. Rio de Janeiro, 13 jan. 1934.

¹¹⁹ CARETA. Rio de Janeiro, 20 maio 1934.

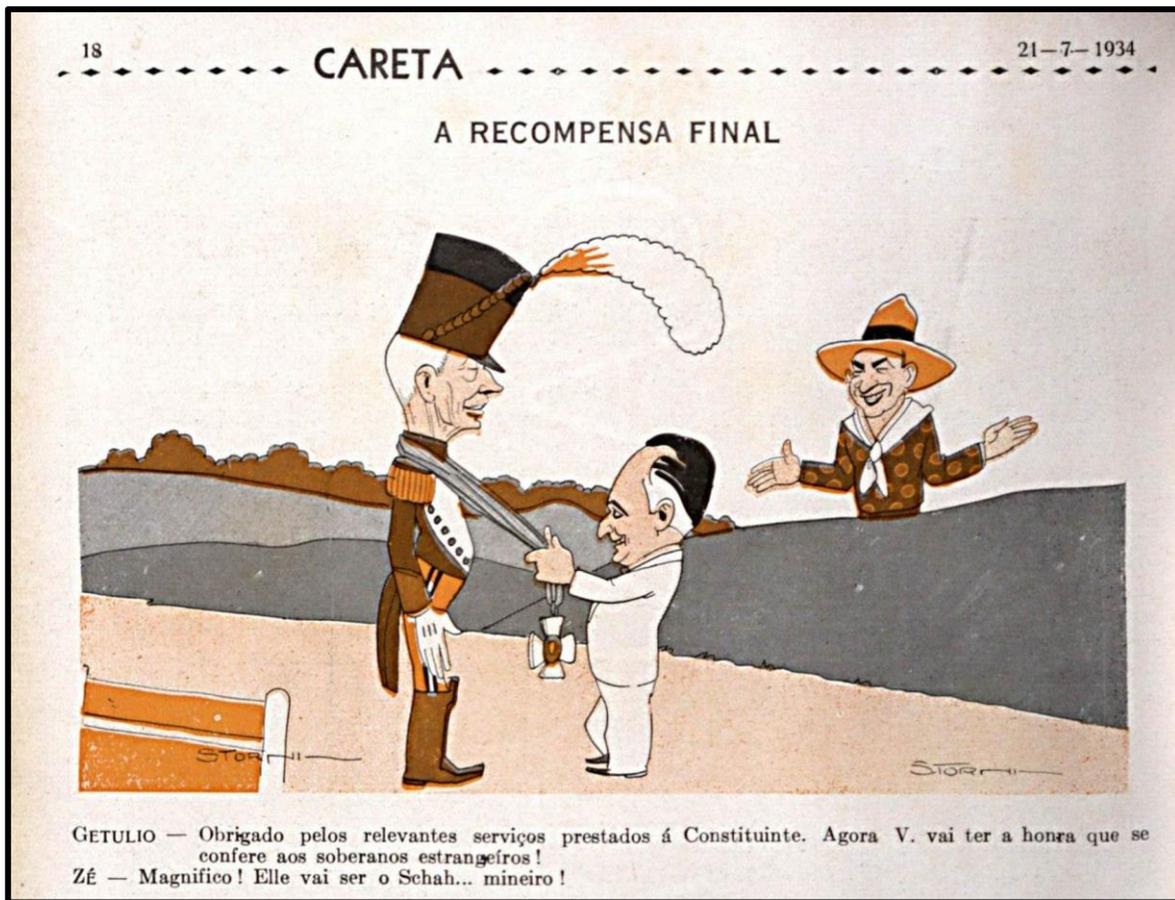
¹²⁰ CARETA. Rio de Janeiro, 23 jun. 1934.

¹²¹ CARETA. Rio de Janeiro, 21 jul. 1934.









Promulgada a novel Constituição, a *Caretta* permaneceu com sua perspicaz abordagem acerca dos rumos políticos do país, notadamente no que tange ao comportamento de Getúlio Vargas, que deixaria de ser ditador para se tornar Presidente constitucional. Nessa linha, na mesa de reuniões, Vargas,

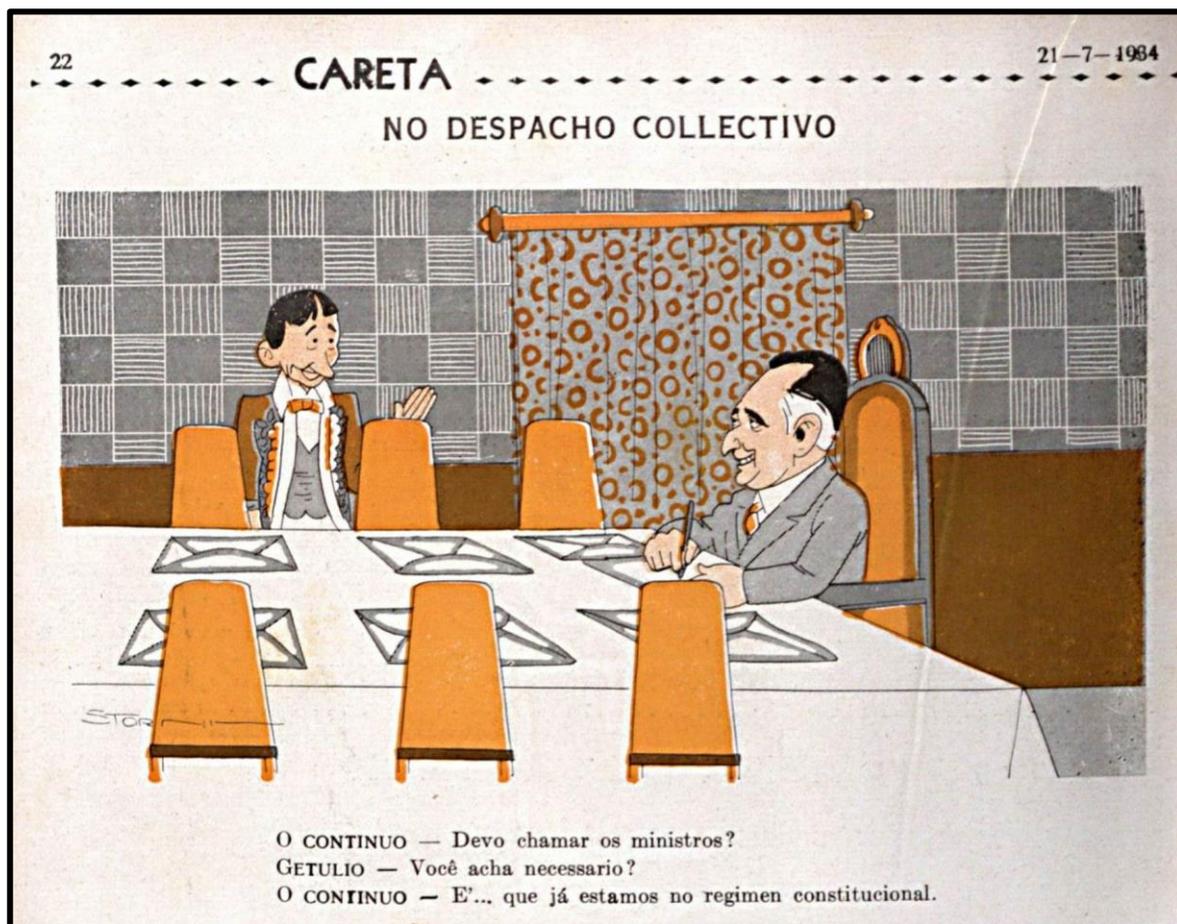
acostumado a governar de modo unipessoal, estranhava a sugestão do funcionário de chamar os ministros para o início de um “despacho coletivo”, perguntando-lhe se isso seria realmente necessário, ao que o contínuo respondia que era o mais aplicável em um “regime constitucional”. Em caricatura denominada “Os encantos do picadeiro”, o periódico comparava os trabalhos da constituinte a um espetáculo circense, com “uma grande diferença” entre ambos, por os palhaços deste serem mais engraçados do que daquele¹²². O casamento entre Getúlio Vargas e a Nova República, representada pela dama do barrete frígio vestida de noiva e identificada como a “Segunda República”, constituindo “as bodas constitucionais”, nas quais havia o aviso do Zé Povo que o consorte deveria ser cuidadoso, pois aquela “pequena” já havia sido “noiva de muita gente”, sendo “sabidíssima”, ao que o “noivo” se mostrava tranquilo, pois os seus antecessores não tinham feito como ele, com “o noivado de experiência”, referindo-se ao período em que fora ditador como uma preparação para a nova presidência, agora constitucional¹²³. A Constituição de 1934 chegou a ser apontada como “o livro que veio atrapalhar” o grupo ligado aos varguistas, constituindo verdadeiros “obstáculos” à ação do mesmo, acostumado até então a governar com poderes discricionários¹²⁴. Na mesma linha, o ambiente de circo voltou a figurar, com Vargas, como um “artista famoso”, ou seja, o ex-ditador, tendo de equilibrar-se na corda bamba constitucional¹²⁵.

¹²² CARETA. Rio de Janeiro, 21 jul. 1934.

¹²³ CARETA. Rio de Janeiro, 28 jul. 1934.

¹²⁴ CARETA. Rio de Janeiro, 11 ago. 1934.

¹²⁵ CARETA. Rio de Janeiro, 18 ago. 1934.

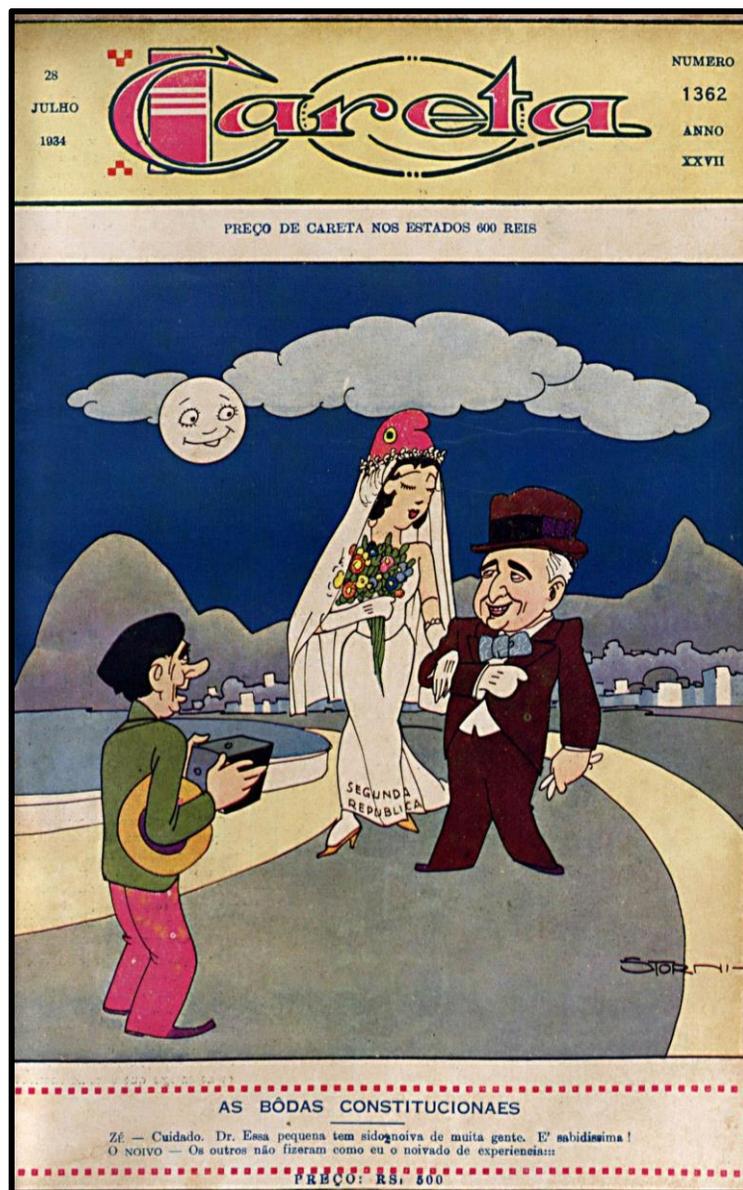


OS ENCANTOS DO PICADEIRO



- Eu acho que entre o circo e a constituinte ha uma grande diferença.
— ?
— No circo não ha palhaços engraçados.

ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
SOB A ÓPTICA DE DUAS REVISTAS ILUSTRADO-HUMORÍSTICAS CARIOCAS







O período de mais de três anos e meio transcorrido entre a deflagração da Revolução de 1930, com o surgimento do Governo Provisório/Revolucionário, e a promulgação da Constituição de 1934, com a fundação do Governo Constitucional, foi marcado por um constante procrastinar de parte dos governistas para promover a reconstitucionalização e a revista *Careta* foi extremamente atenta e sagaz na observação de tal processo. O projeto de continuidade no poder sempre presente nas ações de Getúlio Vargas e seus seguidores, levava em conta o desmantelamento da máquina eleitoral da época da República Velha, promovendo a partir de tal intento um recorrente adiamento de eleições, no sentido de evitar a retomada do governo por parte dos decaídos em 1930. Sem eleições não haveria constituinte e, sem esta, não seria elaborada uma nova constituição, permanecendo o regime ditatorial e a concentração de poderes. Utilizando-se do espírito crítico, do humor, da ironia e do sarcasmo, a arte caricatural expressa pela *Careta* refletiu tal devir histórico, demonstrando que tanto a constituinte quanto a promulgação de uma novel constituição apareciam para os governantes como significativos empecilhos para os seus planos de permanência no poder.



A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



Coleção Documentos

A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE



edicoesbibliotecariograndense.com



9 786589 557876

ISBN: 978-65-89557-87-6